

VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR NAS COISAS QUE ELA VÊ...

MARY HADES

SARAH DALTON



Mary Hades

Sarah Dalton

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

“Mary Hades”

Escrito por Sarah Dalton

Copyright © 2015 Sarah Dalton

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

Design da capa © 2015 Sarah Dalton

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[~ Nota da Autora ~](#)

[Sobre a Autora:](#)

Sumário

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

~ Nota da Autora ~

Sobre a Autora

Prólogo

Estou lá de novo, nas chamas.

A faca mergulha nela e ela cai para a frente.

“Não!” grito. “Não! Lacey!”

Ela desmorona em meus braços. Sangue derrama de um ferimento nas costas e a única coisa que posso fazer é arrastá-la para longe.

“Fique acordada! Por favor, fique acordada.”

Ele caminha até nós, as chamas atrás dele criando uma auréola laranja e vermelha como a morte. Minha pele está quente. Meu sangue ferve.

“Você vai ser pego”, digo, ficando de costas para a janela. “Eles vão ver o que você fez com a Lacey e trancá-lo.”

“Não se eu puder evitar. Contos vão se espalhar por anos sobre como Mary Hades matou a colega de quarto, tacou fogo no hospital e depois cortou a própria garganta. Será uma lenda.” Seus lábios se afastam para revelar os dentes trincados em um sorriso sombrio.

Minhas costas encontram a janela. Uma onda de desespero aperta minha garganta.

Mas, então, há um movimento nas chamas. Sombras escuras se levantam, dúzias delas, preenchendo o espaço atrás do meu agressor. Pessoas de todas as idades, tamanhos e raças: uma garotinha careca com um tubo saindo do nariz; um homem mais velho, tão magro que sua camisola hospitalar está pendurada como uma tenda esvaziada. Eles avançam e eu sei por que estão aqui.

“Não se eles tiverem alguma coisa a ver com isso.” Aponto a cabeça para trás dele.

Ele se vira e um lamento escapa de seus lábios, cheio de desespero doentio e animal. Os fantasmas o cercam, agarrando-o, puxando-o para o chão e o sufocando. Ele tenta retalhar com a faca, mas sem efeito.

“Não!” ele grita. “Não...”

Um cheiro forte de mofo e carne queimada revira meu estômago e eu desvio o olhar.

“Você não tem mais medo da escuridão”, diz o fantasma. Suas mãos estão sujas com a carne do meu agressor. “Você ficou forte e lutou.”

Ele está certo. Não tenho medo da escuridão. Não tenho medo de nada. Nunca quis morrer, sabe? Não queria mesmo. Mas todos morremos, um dia.

Capítulo Um

A promessa de julho: óculos de sol e shorts curtos, sentindo a grama quente entre os dedos dos pés, viagens para o riacho na beira da floresta, noites curtas que parecem continuar para sempre — sufocando-a com um calor opressivo até você acordar ofegante, o cabelo grudado atrás do pescoço.

Os dias longos fornecem liberdade da escola e dos pais, e com frequência até dos amigos. É um momento para ficar sozinho, deixar-se crescer, tirar outra camada de pele enquanto avança pela adolescência. Cada verão rastreia sua maturidade pelos restos de pele, vestígios das suas pegadas. Essas camadas são cascas da infância. Você sabe que ao voltar para a escola, passar bilhetes durante a aula vai se tornar uma coisa do passado; imaturo demais para nós agora. Paqueras se tornam relacionamentos. A fofoca deixa de ser quem beijou quem e se torna quem transou com quem.

Estamos no meio de uma das coisas mais raras — um verão inglês quente e ensolarado. Está durando há quase duas semanas e até as senhoras no ponto de ônibus pararam de falar sobre o tempo. Ninguém quer azará-lo. Ninguém quer amedrontar o sol. Nós o tratamos como um pássaro no jardim, pisando na ponta do pé pelo gramado, tentando não assustá-lo para que não levante as asas e nos abandone.

Estive esperando por este momento. Desde o incêndio, minhas queimaduras levaram um tempo para cicatrizar. Agora já não tenho mais as bandagens e posso sair à luz do sol. Quero aproveitar o resto do meu verão antes que chegue setembro e traga o semestre escolar. Só de pensar em provas e trabalhos, meu abdômen se aperta de ansiedade. Neste exato momento, quero esquecer isso tudo, aproveitar que estou viva, aproveitar minha liberdade merecida.

Mas assim que a oportunidade está ao meu alcance, ela é roubada por aqueles que-acham-que-sabem-mais. Vejo-me fazendo birra como uma garotinha, retrocedendo ao estereótipo da adolescente, reclamando com os meus pais.

“Você vai aproveitar, Mary.” Minha mãe está com as costas voltadas para mim, dobrando roupas limpas em três pilhas impecáveis. Uma delas é minha. “É bom escapar daqui. Haverá muitas pessoas da sua idade.”

“*Acampamento?*” digo novamente. “Eu não deveria mais ir acampar com os meus pais. Eu tenho *dezessete*.” As palavras *não é justo* estão se aproximando perigosamente. Sou um clichê.

Ela vira para mim e pega uma camiseta do cesto. “É um trailer imóvel em uma área de acampamento. Não é como se você fosse ficar em uma tenda. Discotecas toda noite—”

“Para crianças.”

“—diversão—”

“Para crianças.”

Ela faz beicinho. “O feriado vai ser o que você fizer dele.” Seus olhos voam para a porta e de volta. Ela diminui a voz. “É tudo o que podemos bancar este ano. Você sabe, desde que o seu pai perdeu aquele emprego.” Ela balbucia as últimas palavras como se tivesse vergonha de dizê-las.

Meu pai costumava lecionar em um colégio particular. Era um bom trabalho, produzindo um salário alto. Mas eles decidiram diminuir os custos no departamento de ciências e agora ele teve que aceitar um emprego em uma escola pública em Leeds. É uma hora de viagem e pagam menos. Eu o vejo menos e ele gasta uma enorme parte do salário em combustível. Minha mãe é gerente de escritório, mas a firma tem tido um congelamento no aumento de salários pelos últimos três anos devido à recessão.

“Você deveria ter orgulho do novo emprego dele”, digo. “Não há nada de errado.”

“Eu tenho”, ela responde. “Mas seu pai, não. Por isso é mais fácil evitar o assunto.” O silêncio paira por um momento. Não importa o que ela diga, ouço aquele tom em sua voz, aquele que fala mais alto que as palavras. Agora ela não pode levantar o nariz para a ralé do escritório ou ir ao baile de Natal na antiga escola do meu pai usando seu colar solitário de diamante. Ela voltou a ser uma esposa normal. “Mary, leve essas roupas para o seu quarto e comece a arrumar as malas.”

O bolo de roupas é jogado em meus braços e eu o puxo para mim, inalando o cheiro de limpeza. Meus pés caminham pelo carpete.

Quando estou na metade do corredor, minha mãe grita, “Ei, nunca se sabe, você pode ter um romance de férias”. Ela mexe as sobrancelhas para enfatizar.

“Em Nettleby, North Yorkshire? Vou ter sorte se encontrar alguém com menos de sessenta”, respondo. Mas de algum modo a tensão some e nós duas rimos ao mesmo tempo.

Ela para antes de dizer, “Você sabe, espero que tenha um garoto legal em Nettleby. Iria lhe fazer bem”. Seus olhos são levados para as cicatrizes em meu pescoço e o sorriso some do meu rosto.

Afasto a sensação desconfortável, aquela que me diz que minha mãe quer alguém para fazer eu me sentir atraente de novo. Talvez ela esteja certa. Talvez não vá ser tão ruim. Depois de tudo o que aconteceu nos últimos meses, vai ser legal passar algum tempo com os meus pais. E, para ser honesta, Nettleby soa mesmo pacífica, e paz é com o que posso me contentar neste momento.

Meus dedos tateiam a maçaneta para o meu quarto. Meu quarto. O único lugar nesta casa que posso realmente chamar de meu.

O verão tornou-a uma casa quente, com a luz do sol passando pela janela do sótão. Pequenas partículas de pó são iluminadas enquanto balançam no ar como estrelas à luz do dia. Eu me jogo na cama, o movimento agitando uma bola espelhada que tenho no criado-mudo de onde ela pega a luz que vem da janela. Quadrados de ouro se movem pelas cortinas de azul pastel, dançando pela minha penteadeira e viajando de forma trêmula pelo meu pôster da MGMT.

Enterro a cabeça no edredom, inalando o cheiro de lavanda do sabão em pó que minha mãe usa. Por mais que a gente se confronte, se ela estivesse machucada ou morta, eu viria ao meu quarto, sentiria o cheiro de lavanda e teria o mundo arrancado de debaixo dos meus pés. Ela é um rochedo e eu tenho que me lembrar disso, mesmo quando ela é *realmente* irritante.

Ela me ajudou a ficar melhor.

Bem, ela tentou.

Enquanto minha mente passa das estrelas aos monstros à luz do dia, a temperatura do quarto afunda e meus músculos ficam tensos. Um frio penetrante se espalha pela minha pele. Alguém está aqui.

Uma leve gota de suor se forma em minha testa enquanto me apoio nos cotovelos. Ao pé da cama está uma garota da minha idade e, certamente, morta.

Não que você consiga diferenciar.

Seu cabelo loiro cai nos olhos, que estão circulados de preto. Ela usa um agasalho cinza, com o capuz pendurado, e calças de moletom na cor cinza sem um cordão ou cinto. Seus olhos azuis perfuram os meus. Sua boca abre para falar...

“E aí, Mary? Eu assustei você, né? Não consegui bater ou algo do tipo, por causa da... você sabe.”

“Incapacidade de tomar forma corpórea?” digo.

“Isso aí.” Ela sorri para mim. “Então, quais as novidades? A vida após a morte é muito entediante.”

Um tremor de culpa desce pela minha espinha.

Esqueci de mencionar que minha melhor amiga é um fantasma? Bem, é complicado. Eu estava em um instituto psiquiátrico na época — assim como a Lacey — e nós tínhamos que encontrar um assassino. No dia em que ele nos encontrou, eu estava esperando morrer; em vez disso, ele matou a Lacey. Ele a esfaqueou nas costas. Desde então ela está por aí.

“Nós vamos acampar”, digo com um suspiro. “Dá pra acreditar?”

Lacey avança para agarrar meu braço, mas sua forma estala como eletricidade e fracassa em fazer contato. “Que droga, forma de fantasma estúpida. Acampar, por outro lado, cara. Isso é incrível! Eu costumava amar acampar. Posso ir junto?”

Dou risada. “Claro, pode vir. Você sabe o esquema, né?”

Lacey dá risada. “Você quer dizer que não tenho permissão para ficar perto das pessoas fazendo caretas e dançando de forma provocante nelas?”

“Ah, cara, fui expulsa daquele cinema, mas valeu muito a pena.” Não consigo tirar o sorriso do rosto enquanto lembro da Lacey dançando pelo cinema, esfregando o traseiro nas pessoas inocentes na primeira fileira. Quase engasguei com a pipoca. Infelizmente, meu então namorado não achou tão engraçado. “Mo ainda não ligou. Não consigo acreditar que ele terminou assim.”

“Fode com ele”, ela diz. “Na verdade, não, não faça isso. Apague-o. Apague o número dele, queime as fotos — tire-o da sua vida. Ele não vale a pena. Você acharia que depois de tudo que ele passou ele teria uma mente mais aberta.”

Conheci o Mo na Ala Magdalena. Eu estava internada devido a alucinações esquizofrênicas, ele estava por esquizofrenia paranoica. Acho que estava fadado ao fracasso, mas o que apressou o fim foi quando lhe contei sobre a Lacey. Ele avaliou que minha “negatividade” e incapacidade de “enxergar a verdade” poderiam levá-lo a uma crise nervosa em relação a sua saúde mental. Para ser sincera, não o culpo. Mas isso não significa que não esteja desapontada com ele. Por que ele não iria confiar em mim?

Lacey se inclina e minha pele gela novamente. “Sério. Esqueça-o. Ele não vale a pena. *Você* é demais para ele.”

Lacey Holloway, a única-mulher-fantasma comprometida a sustentar minha autoestima. É um trabalho duro, mas alguém tem que fazer. Um sorriso hesitante se forma em meus lábios, mas então me lembro de como Lacey nunca terá outro relacionamento e o sorriso é substituído por um sentimento pesado de culpa: como um cobertor de lã, familiar, mas dá coceira.

“Minha mãe falou que eu posso ter um romance de férias”, digo.

“Essa é uma ideia perfeita. Você precisa superar o Mo.” Seus olhos se abrem com empolgação. “Posso ser sua asa-fantasma.”

Começo a rir, mas então vejo meu reflexo no espelho da penteadeira. Meu cabelo é longo, grosso e escuro. Destinado a nunca ser amansado, cai sobre meus olhos e ondula até a clavícula. Mas com a risada, afastei-o do meu rosto pálido e oval.

Meus dedos sobem até a garganta, que agora está exposta por eu ficar balançando a cabeça para trás. Lá eu traço o lembrete permanente do fogo na Magdalena. Lá eu traço as marcas brancas translúcidas deixadas a mim pelo Dr. Gethen. Meus pesadelos são recheados com aquela noite. Repito-a várias e várias vezes. Minha pele se aquece debaixo das pontas dos dedos, como se eu estivesse lá de novo. Eu me afasto, coloco o cabelo sobre o pescoço e tento não pensar nisso.

“Você vai acampar comigo, então?” pergunto à Lacey. “Porque de jeito nenhum eu vou sobreviver à semana sozinha.”

Ela pisca para mim. “Os patos soltam pum debaixo d’água?”

Franzo o cenho. “Hã?”

Ela ri. “Sei lá, meu pai costumava dizer isso. Sim, Mary, claro que eu vou!”

Para abafar o som de eu falando com um fantasma, coloco Yeah Yeah Yeahs no volume máximo. Em pouco tempo, estamos choramingando junto com Karen O. Lacey dança pelo quarto, estalando e reluzindo como uma televisão quebrada. Minha mala fica cheia e eu nem me importo mais sobre acampar. Em algum momento, esqueço que Lacey está morta. Esqueço como seu corpo está no cemitério a cinco mil metros de distância, fora da estrada principal rumo ao norte. A Lacey que conheço é a garota vibrante, que canta e dança pulando para cima e para baixo com os braços bem abertos. Uma agitação — não sei do quê — sobe pelos dedos dos pés até as orelhas. Talvez seja aquela liberdade que eu queria.

*

O cheiro de fumaça do escapamento entra pela janela do carro. Os bancos de couro grudam em minhas coxas e o som de buzinas é minha trilha sonora, pois todo mundo decide tentar viajar na via expressa ao mesmo tempo. Na frente do carro, meus pais discutem enquanto seguram o mapa de estradas no painel. Eu encosto no descanso de cabeça no banco de trás em nosso veículo imóvel e viajo para longe do congestionamento, xingamentos dos pais e fumaças colocando os fones do meu iPod e fugindo na música.

Algumas horas depois — após uma refeição gordurosa na lanchonete da via expressa — deixamos as estradas principais para trás e navegamos pelas vielas rurais entrelaçadas de North Yorkshire. É um terreno pantanoso aqui, arbustos crescendo entre a grama esponjosa, estendendo-se pelo que parece ser para sempre. Pedras irregulares despontam nos declives. As ovelhas usuais olham para cima e encaram nosso carro, mastigando a grama em um movimento fraco e deliberado, como se a mente estivesse ocupada em outro lugar.

Eu me inclino para frente, atingindo as costas do assento da minha mãe com o ombro. “Não há *nada* aqui. O que vamos ficar fazendo?”

“Ainda não chegamos lá”, meu pai me lembra, sorrindo para mim pelo espelho do retrovisor. “Pensamento positivo, Mares.”

Suspiro e me recosto no banco. Acho que ele está certo. Deixo minha cabeça balançar para um lado, vendo o mundo passar. Dessa parte — eu gosto.

Amo o jeito que os tons de verde e marrom emergem juntos enquanto o carro viaja pelo interior. Embaixo de mim, o carro balança como um berço. Eu costumava ler para qualquer lugar que fôssemos, mas agora eu sigo a paisagem com os olhos, distinguindo o riacho ocasional, as flores na margem da grama e as manchas pretas e brancas das vacas.

Uma memória passageira surge em minha mente — viajando pelo interior com o meu pai, ele diminuindo a velocidade do carro para um rastejar só para eu poder alcançar fora da janela aberta e pegar as flores longas balançando sobre a grama juncosa. Ele tinha um daqueles sorrisos de “pai” — aquele nos quais os olhos estão tristes porque você está crescendo tão rápido. Então, ele sussurra, “Não conte para a sua mãe. Se ela souber que você colocou um dedo para fora da janela...” Eu dava risada. Saber que estávamos quebrando as regras da minha mãe no carro tornava isso ainda mais engraçado.

Mas então o mundo muda. Aquela sensação de segurança é retirada de dentro de mim, como se eu estivesse pulando alto no ar antes de olhar para baixo e ver o trampolim desaparecer. Meu coração

congela antes de acelerar e os pelos atrás do meu pescoço sobem. Minha garganta fecha. Agarro a borda do banco com tanta força que sinto o sangue exaurindo de minhas mãos.

Você pensaria que já estou acostumada a vê-los agora, mas não estou. Nunca estarei.

De pé, como um espantalho no meio de um campo, está um *deles*. Seu crânio brilha através do rosto e olhos fundos assustadores me encaram, escuros como a noite. Um frio passa pelo meu corpo.

Isso é um aviso.

Capítulo Dois

Eu os chamo de Coisas. Eles são monstros horríveis invocados pela minha mente para me alertar quando sinto uma confusão prestes a acontecer. A existência deles me enviou para uma ala psiquiátrica e me encheu de drogas antipsicóticas. Durante aquele tempo, lutei para decidir se eram reais ou não. Agora, não me importo. Aprendi a confiar neles. Confio que o surgimento deles significa coisas ruins, e agora tenho uma oportunidade de parar a coisa ruim.

Meu pai dirige o carro por uma curva bem apertada e eu me vejo jogada contra o vidro. O ar quente e tranquilo me envolve como um edredom sufocante. E se estamos prestes a estar em um acidente de carro?

“Pai, diminui”, digo, com a voz trêmula.

“Querida, estamos atrasados. Eu disse ao acampamento que estaríamos lá às—”

“*Não me importa. Você vai nos matar! Diminui.*”

Os olhos de desaprovação da minha mãe aparecem no retrovisor. “Não ouse falar assim com o seu pai. Tenha um pouco de respeito, mocinha.”

Seguro o braço do assento. “Por favor. Diminui.”

“Tudo bem”, meu pai diz. O carro desacelera e a paisagem lá fora não é mais um borrão. “Se a faz se sentir desconfortável eu diminuo.”

Solto um suspiro. “Obrigada, pai.” Minhas mãos estão lisas com o suor e eu me mexo no banco para deixar minhas pernas receberem um pouco de ar. Lá fora, o sol brilha intensamente na pista esfarelada da velha estrada. Meus olhos buscam a paisagem por mais Coisas escondidas nas redondezas do terreno. Inspiro bem fundo para estabilizar a respiração. Tudo parece de volta ao normal. Recosto contra o assento e fecho meus olhos. É um erro; aquela caveira parece marcada no fundo das minhas pálpebras, seu rosto sorridente rindo de mim.

Desconforto se espalha pela minha pele.

Pego um reflexo de mim no espelho do carro: pouca coisa mais do que uma trança de cabelo preto contra a pele pálida. Estou até mais pálida do que o normal.

Meu pai arranca o carro da estrada e vai em direção a uma trilha, e eu solto um suspiro de alívio. Certamente não podemos ter um acidente de carro em uma trilha única a oito quilômetros por hora. Minha mãe aponta o dedo para a placa à margem:

Acampamento Cinco Brejos

Cinco brejos. O meio do nada. Como ela encontrou esse lugar? Provavelmente foi em um daqueles sites de desconto que ela gosta, aqueles que lhe dizem que é um desconto de 50% em um hotel cinco estrelas, mas só é tão barato porque eles cobram preços excessivos o ano todo e depois o reduzem para fazer parecer uma barganha.

O cascalho é triturado debaixo dos pneus enquanto nos movemos pela entrada para carros até o acampamento. Em ambos os lados os brejos se estendem até onde os olhos conseguem enxergar. Eles estarão açoitados no inverno. Penso em como o vento deve uivar e como a chuva vai cair desimpedida na grama. Imagino a cobra-de-água-de-colar à espreita entre os juncos. Hoje o céu está bem azul sobre os carpetes manchados de marrom e verde. O sol está claro o suficiente para me deixar com os olhos meio fechados enquanto encaro para fora da janela. Lá na frente, os trailers imóveis ficam à vista, com uma área reflorestada atrás deles. As árvores se alinham à distância.

Além do interior e dos trailers brancos cintilando, outra visão toma minha atenção. Entre as árvores e o acampamento há esculturas altas de metal envoltas por luzes piscando. Sei o que isso significa: um parque de diversões.

Pelo menos vai ter *algo* para fazer aqui. A Lacey vai amar.

Meu pai leva o carro até o estacionamento de cascalho e o guia até uma vaga. Quando o freio de mão sobe, ele olha em volta, como se estivesse esperando pela salva de palmas. No meio do acampamento há um prédio alto que parece muito com um pequeno hotel.

“Por que vamos ficar em um trailer quando há um hotel aqui?” pergunto para minha mãe.

Há um *clique* e um *zzhup* enquanto soltamos o cinto de segurança.

“O hotel é caro, querida”, minha mãe responde. “É um daqueles meio que especializados em retiros corporativos. Há muitas salas de conferências e essas coisas. Eles fazem atividades em grupos pelos pântanos, aparentemente. Acho que há algumas caminhadas guiadas e orientação para frequentadores nas férias. Você deveria tentar, tomar um ar fresco e se exercitar.”

Encontro o olhar do meu pai no retrovisor. Posso dizer que ele está sorrindo sem nem ao menos olhar para a boca dele. Quando estamos sozinhos às vezes tiramos sarro da obsessão da minha mãe por como ar fresco e exercício curam tudo.

“Talvez”, murmuro, escondendo o rosto do olhar dela para que ela não perceba como estou tentando não rir.

Quando saio do carro, o ar quente de verão atinge meus braços e pernas descobertos, fazendo-me esquecer completamente sobre a Coisa no campo. Estico os músculos, aproveitando os pequenos cliques que os ombros e joelhos fazem após ficarem limitados em um carro por horas.

Minha mãe busca em sua bolsa, resmungando sobre os documentos da viagem, enquanto meu pai pega as malas no porta-malas. Percebo um estranho grupo de adolescentes de pé próximo à entrada do hotel, segurando malas de viagem e mochilas velhas e batidas cobertas com emblemas e remendos. Eles não são o tipo de pessoas que eu esperaria ver passar as férias em Nettleby, North Yorkshire. Eles parecem os góticos que invadem Whitby todo ano, do tipo obcecado por Drácula e vampiros. Um garoto alto com um piercing no lábio acena para mim e eu aceno de volta, sentindo que seria rude não o fazer.

“Vamos”, minha mãe diz, chamando-nos. “Encontrei nosso e-mail de confirmação então deveríamos ir e fazer o check-in... ah.” Abafo uma risada enquanto minha mãe reage aos góticos fora do hotel. Ela está de costas para mim, mas consigo imaginar sua expressão congelada de desaprovação. Ela se volta para nós e sussurra, “Ah, eu não gosto mesmo do visual *deles*. Espero que não estejamos perto do trailer deles”.

“Pare de se preocupar, Suzie Q”, meu pai diz, sorrindo para ela.

Minha mãe é Susan para todo mundo, menos para o meu pai. Quirke é o nome de solteira dela e meu pai acha hilário chamá-la de Suzie Q; às vezes até a faz parar de criar confusão sobre qualquer crise que esteja tendo.

“Só estou dizendo que parece estranho que *este* lugar atraia *aquela* tipo.”

Reviro os olhos.

Meu pai suspira. “Vamos fazer o check-in. É tarde, precisamos comer e desfazer as malas.”

Quando chegamos ao hotel, os góticos já haviam se dispersado pelo acampamento. Alguns deles apertam latas de cerveja e um tenta andar de skate sobre a grama. Quando ele não se move, o garoto cai e vários de seus amigos pulam sobre ele. Os outros ficam em volta rindo e apontando.

Minha mãe demonstra impaciência. “Olhe só para isso. Eles já estão bêbados. Alguns deles não devem nem ter dezoito anos, certeza.”

“Não é da nossa conta, Su”, meu pai a recorda. Ele a conduz pela porta do hotel.

A mulher atrás do balcão tem um cabelo curto cacheado. Seu rosto está coberto de pó e ela usa um colar de pérolas ao redor do pescoço. Ela deve ter uns cinquenta anos. Seu sorriso é fixo e há um cansaço nos olhos. Eu me afasto da minha família enquanto eles fazem o registro e vou vagando pelos folhetos à mostra com informações sobre Nettleby e a área ao redor.

Um folheto me chama a atenção. Na capa, um homem de pé encostado em uma bengala. Seu rosto está abaixado e uma caveira sobreposta brilha sobre os traços do rosto. Com um susto, penso ser outra visão minha, que as Coisas começaram a aparecer em papéis informativos assim como nos campos, janelas e na escola. Mas, então, vejo o título: *Caminhada fantasma do Igor*. Capto a cartola, o paletó e a bengala à moda antiga. A legenda diz: *fantasmas, demônios e assassinatos horrendos. Igor irá levá-los em um tour pelos crimes mais asquerosos em Nettleby*.

Quantos crimes horrendos pode ter Nettleby? Não me parece ter um farto ponto fraco de corrupção. No entanto, dobro o folheto e coloco no bolso dos meus shorts de sarja.

Quando meus pais terminam de nos registrar, seguimos minha mãe pelo acampamento, procurando nosso trailer. As vans brancas imóveis estão alinhadas em grades, cada uma com um pouco de grama em volta. Casais mais velhos relaxam nas espreguiçadeiras, suas pernas cheias de veias sobressaindo de shorts cor de pastel. Vasos de plantas estão aqui e ali nas portas de alguns trailers e, então, percebo que as pessoas *moram* aqui, no meio do nada, rodeadas por nada além de campo e a eventual floresta. Tenho uma leve crise de ansiedade só de pensar em pisar fora da minha porta e não estar nem a uma caminhada de distância de uma cafeteria decente ou um supermercado.

“Aqui estamos”, minha mãe diz. “Ah, até que é bom.”

Nosso trailer é maior do que eu imaginava e por dentro é também muito espaçoso; um daqueles grandes, com confortos modernos, com televisões pequenas de tela plana e um quarto para cada um. Há pequenas cortinas florais de elástico em cada janela. A pia da cozinha tem uma superfície que se dobra para virar uma tábua de cortar.

Eu perambulo pelo pequeno quarto de solteiro que será meu pelos próximos sete dias. Nosso trailer está na margem do pântano e, se eu olhar pela pequena janela, posso ver o interior se estendendo por quilômetros. Mesmo com o brilho do sol, a visão do pântano me dá arrepios. Por alguma razão, isso me faz pensar nas pessoas que já estiveram aqui antes. Eu penso na história do mundo e em todos os pés que já pisaram na grama. É quase eterno; um pequeno sinal de mundo intocado.

“Você tomou seus remédios?” a voz ríspida de minha mãe penetra no silêncio, espantando-me de meus pensamentos.

“Sim”, minto. Tenho jogado os comprimidos fora por semanas. Eles me deixam fraca e sem interesse na vida. É como passear dentro de uma fronha. Quero sentir o mundo ao meu redor, mesmo que signifique ter de ver as Coisas e, se isso me faz ser louca, então acho que sou louca.

Fora do trailer, há alguns “oops” e várias risadas.

Minha mãe põe a mão no quadril. “Eu pedi à mulher para não nos colocar perto daqueles arruaceiros”, ela diz.

“O feriado será o que você fizer dele, lembra-se?” digo, incapaz de impedir o sorriso se expandindo em meu rosto.

Minha mãe dá um tapa de brincadeira em meu ombro. “Como eu criei uma filha tão audaciosa?” Ela sorri e, então, seus olhos se enchem de lágrimas. Ela funga e sai do quarto arrastando o pé.

Eu desfaço as malas, ouvindo os garotos lá fora na área do acampamento. Eles estão rindo e gritando e sendo jovens. Parte de mim quer se juntar a eles, para me sentir parte do grupo. Eu nunca

tive muitos amigos. Na escola, eu tive uma boa amiga, alguém que ficou comigo após o incidente. Eu tive alguns não tão bons amigos que não ficaram. Na Magdalena eu tinha um grupo de amigos, mas — além do Mo — nós não mantivemos contato. Agora só tenho a Lacey.

Eles parecem tão vivos lá fora. Para os ouvidos da minha mãe eles devem ser assustadores, um grupo de pessoas jovens e indomadas; tipos perigosos que poderiam ser criminosos. Eu me pergunto se poderia andar lá fora e entrar no grupo deles despercebida. Talvez.

Enquanto penduro meus cardigãs e camisetas, os barulhos lá fora mudam. Em vez de oops comuns de risada e diversão, um terrível grito agudo rasga o ar. Derrubo minhas roupas no chão.

Capítulo Três

“Esperem aqui”, meu pai diz, irrompendo para fora do trailer.

Minha mãe e eu trocamos um olhar. Não podemos simplesmente ficar aqui. A gente se apressa atrás dele, movendo-se com o fluxo de pessoas indo em direção ao barulho. Sinto um peso em minha garganta.

Ao nos aproximarmos, minha pele começa a formigar. Há um grupo de pessoas perto da entrada do escritório do acampamento, algumas delas com a mão à boca como em choque. O ar está pesado com um silêncio tenso. Mesmo o grupo de góticos se aquietou. Uma garota da minha idade esconde o rosto no peito do namorado.

“Ai, Senhor”, minha mãe diz com uma voz tensa. “O que diabos pode ter acontecido?”

O vento levanta meu cabelo enquanto viro para a entrada do acampamento. De algum lugar à distância vem o som fraco de sirenes. Um borrão amarelo de uma ambulância avança pela estrada principal na gélida vastidão.

Uma mulher lamenta. O tom pesaroso me congela até os ossos. Viro para ver seu rosto vermelho, molhado pelas lágrimas, voltado para o céu, as mãos segurando o rosto, apertando as bochechas.

“Por quê?” ela soluça. Seus ombros sacodem enquanto ela chora, desinibida, sem conseguir formar palavras. Ela é tomada nos braços por um homem alto, mas ela luta, tentando escapar. A visão é chocante, o tipo de coisa que você vê em países distantes nos noticiários.

Lanço um olhar para o meu pai. A boca dele está firme em uma linha de preocupação.

Recuo do grupo, tentando achar algum espaço livre. Minhas pernas tremem tanto que eu quase tropeço e caio no cascalho.

As sirenes soam mais alto agora e eu afasto meu olhar da mulher desconsolada para ver a ambulância percorrendo o caminho. Ela para e os paramédicos emergem. A multidão se separa para deixá-los passar e, então, eu vejo o que havia acontecido. Desejo ter ouvido meu pai e ficado no trailer. Um garoto, talvez de dez anos — é difícil dizer — está todo contorcido no chão, com o braço e a perna salientes em ângulos que seu cérebro lhe diz estarem *errados*. Sangue escuro forma uma poça embaixo dele como tinta para madeira derramada. Seu crânio está esmagado.

Recuo, tropeçando em meu calcanhar. Meu estômago balança e o almoço quase voa por todo o chão. Enquanto tento voltar ao normal, vejo uma imagem que nunca esquecerei por toda a minha vida. O garoto — não a versão contorcida dele achatada no cascalho gelado, mas o garoto como ele deveria ser — de pé sobre ele mesmo, com lágrimas correndo pelas bochechas. Ele estala, como recepção intermitente de televisão, e balança para trás. Suas mãos se aproximam da mãe, a mulher que não o vê, que está encarando o corpo quebrado em vez disso.

“Eu não quero ir”, ele diz. “Eu não quero ir.”

O garoto desaparece.

Um dos paramédicos pergunta à mãe o que aconteceu.

“Ele pulou do telhado.” Seus olhos são levados para o topo do hotel. “Ele pulou.”

Penso nas últimas palavras do garoto. *Eu não quero ir*.

Um arrepio se infiltra em minhas veias.

A morte parece me perseguir como a cauda de um vestido de casamento. Sou a noiva cadáver e meu fiel cortejo fúnebre belisca meus tornozelos. Ou talvez eu seja o Flautista de Hamelin e os ratos são fantasmas, dançando a minha música enquanto eu ando pela vida. Mas se eu sou o Flautista, para onde estou guiando os fantasmas?

As coisas que vejo são como um mau cheiro que você não consegue retirar. Eu nunca terei o luxo de esquecer a visão daquele garoto. Meu coração se contorce ao lembrar de seu rosto aflito, as lágrimas molhando sua pele pálida-fantasma enquanto ele é afastado do invólucro mortal, desse plano de existência, desse universo, ou como quer que você chame isso. Ele se foi.

Se você acha que eu sou louca, você não é o primeiro e nem será o último. As visões começaram um dia na escola. Eu achei que estava enlouquecendo. Em um momento, estou copiando anotações do quadro e, em seguida, vejo uma criatura estranha parecida com um zumbi, escrevendo uma mensagem oculta para mim. Mas então, mais tarde, um incêndio no ginásio matou cinco alunos e mutilou outros três. Eu escapei quase ilesa porque havia recebido aquele alerta. Eu tive cortes e arranhões que sararam. O pesadelo deixou uma cicatriz.

Eles me chamavam de Mary Maluca na escola. Cometi o erro de contar a um terapeuta sobre as Coisas e, então, o erro ainda maior de contar a uma amiga. Todo mundo achou que eu era louca e foi assim que acabei na Ala Magdalena.

Odeio hospitais, mas os odeio ainda mais quando há um médico psicopata dizimando pacientes com câncer usando injeções letais, principalmente quando ele vem atrás de mim e, então, mata minha amiga. Ah, sim, e porque eu atraí tanta morte à minha vida, consigo ver fantasmas. O problema é, fantasmas são trapaceiros. Eles estão entediados e às vezes brincam com você. Eles vêm a mim naquele espaço instável entre a vida e a morte e bagunçam minha cabeça. Eles podem ser amargos, presos em algum plano existencial no qual não deveriam existir.

Mas não importa quão deformados sejam, eu tenho uma dívida com eles. Na verdade, eu devo a minha vida a eles. Sem fantasmas, eu estaria morta. Então, talvez, seja hora de pagá-los. Talvez seja a hora de eu ajudá-los.

Por que um menino de dez anos pularia de um telhado alto? Talvez ele estivesse brincando. Crianças acham que são super-heróis o tempo todo. Elas brincam de ser o Super-Homem. Mas a maioria das crianças sabe que não deve subir cinco andares.

“Mary, você vai desfazer as malas?” minha mãe pergunta. Ela funga e seus olhos têm um leve vermelho em volta, mas ela coloca um tom jovial na voz.

Desde que voltamos para o trailer ela tem se agitado no pequeno espaço, espalhando nossas coisas, batendo armários ao abrir e fechar. Meu pai está de volta ao hotel, vendo se ele pode ajudar. Eu estou sentada na pequena almofada do sofá atrás da pequena mesa de jantar, assistindo à minha mãe se tornar um borrão.

Ela está acelerada com alegre compensação exagerada, como se um garoto de dez anos não tivesse sido levado em um saco preto. Não há nada como a qualidade de mostrar autocontrole para passar umas férias que começam com uma morte. Não há nada como varrer algo assim para baixo do tapete, assim você pode aproveitar os dois dias de sol que temos em todo o ano no norte da Inglaterra.

Eu me arranco dos meus pensamentos e volto ao presente, enxugando o orvalho de lágrimas que se juntaram em meus cílios.

“Você está bem?” minha mãe afunda perto de mim e a almofada esvazia com um assobio. Ela não é gorda, ela não é nem cheinha. É só que ela joga qualquer pouco peso que tem em alta velocidade.

Nós compartilhamos o mesmo cabelo, mas minha mãe tem olhos azuis pálidos. Os meus são escuros, como os do meu pai.

Ela coloca o braço em volta do meu ombro e me aperta. “Você não pode deixar isso arruinar nossas férias. Foi trágico... Sinto muito por você ter visto isso.” Ela solta um suspiro. “Pobre mulher. Se eu perdesse você... Estive tão perto disso antes.”

Ela olha para mim e o cansaço em seus olhos me exausta e puxa meu coração ao mesmo tempo. Há uma sensação sufocante contraindo meu peito, uma que me faz sentir como se eu fosse culpada por tudo que acontece ao meu redor. Eu trago morte para eles. Eu trago morte às pessoas que eu amo.

“Ok, vou desfazer as malas.”

“Boa garota.”

Eu me levanto para sair e meus ombros se sentem um pouco mais leves do que antes. Um impulso repentino toma conta de mim. Eu tenho um desejo de sair e fazer algo que me faça sentir viva. Quero estar cercada de pessoas.

“Se eu puder ir ao parque mais tarde”, digo.

“Claro”, ela diz com um aceno.

“Sozinha”, acrescento.

Os olhos de minha mãe escurecem por um momento passageiro antes de dizer, “É uma boa ideia. Você precisa fazer amigos”. Então, ela estende o braço e segura minha mão. “Mas tome cuidado.” Seus olhos estão focados nas fracas cicatrizes brancas em meu pescoço.

Eu concordo. “Prometo que tomarei.”

Ela me deixa ir e quando eu me afasto, percebo que seu queixo está tremendo. Penso em como ela teve de decidir me colocar em uma ala psiquiátrica por uma semana, para descobrir mais tarde que um médico estava matando pacientes na ala vizinha. Meu último dia na Magdalena havia terminado em assassinato e incêndio. A culpa brilha em seus olhos cheios de lágrimas. Ela se culpa pelo que aconteceu comigo, mas eu não a culpo de modo algum.

Meu quarto não é tão ruim. Cama de solteiro, colcha florida bem arrumada, do jeito que elas sempre estão quando você vai viajar. Há outra tela plana na parede e eu tenho um pequeno armário para mim.

“Buu!”

Viro-me rapidamente, a mão vai ao pescoço com medo.

“Parece que você viu um fantasma.” Lacey sorri.

Lanço um olhar para ela. “Jesus, Lace. Você me assustou.” Meu coração desenha uma tatuagem contra as minhas costelas.

“Pensei em surpreender minha melhor amiga”, ela diz com uma piscadela. “Você ainda me quer aqui, não é? Você parece estranha, como se estivesse com medo. O que é?”

“Não é nada... como você sempre sabe onde estou?” pergunto. “Quero dizer, eu sei que lhe dei o endereço do acampamento, mas como você sabia que era este trailer e este quarto?” Isso é algo sobre o qual nunca conversamos. Na verdade, estivemos evitando falar sobre isso. Lacey vem e vai quando bem entende. Um minuto ela está aqui e no outro desaparece sem deixar rastros, evaporando no universo.

Eu não sei para onde ela vai.

Para o... paraíso? Inferno? O passado? Limbo?

Ela cruza os braços e seus olhos ficam vidrados em contemplação. “Eu não sei. Eu meio que, sinto você. Eu sinto sua presença. O que aconteceu? Você parece *mesmo* que viu um fantasma.”

“Isso porque eu vi um”, respondo. “E, não, não foi você.”

Lacey se aproxima e senta na cama. Ela está sempre com as mesmas roupas, mas às vezes ela parece tão real que eu sinto como se pudesse tocá-la. Ela está assim agora, fazendo-me pensar que é tangível.

“Explique-se”, ela diz.

“Houve um suicídio no estacionamento do acampamento. Um menino pulou para a morte. Foi horrível, ele devia ter uns dez anos. Eu vi o corpo dele espatifado no chão. E, então...”

“Prossiga”, ela estimula.

“Eu vi o fantasma dele sair. Eu o vi ser sugado. E aí ele tinha sumido.” Dou de ombros.

A expressão facial de Lacey congela. Seus lábios ficam sérios formando uma linha tensa.

“Você sabe para onde ele foi?” pergunto.

Ela se afasta de mim e encara para fora da janela. “Você não quer saber.”

Capítulo Quatro

Meu pai não está tão entusiasmado quanto minha mãe sobre me deixar ir ao parque sozinha. Na realidade, ele precisa de um pouco de persuasão. Em menos de um ano serei adulta. Poderei votar, ir à universidade, morar sozinha... você não pensaria isso pelo jeito como ele se enerva. O jeito como os *dois* se enervam. Mas, então, já fiz meus pais passarem por mais coisas do que a maioria dos pais vai passar algum dia. Não posso guardar rancor disso. Não posso guardar rancor por eles se preocuparem comigo.

Então, para fora vou trotando, rumo ao barulho e às luzes do parque de diversão, pronta para fazer amigos da minha idade, apesar de eu já estar com uma amiga — minha amiga morta.

Há algo sobre o parque que faz você se sentir como uma criança e um adulto ao mesmo tempo. Com a sensação revigorante de liberdade vem a empolgação de ganhar bichos de pelúcia e andar em carrinhos de batida. Você se lembra da sua primeira visita — a viscosidade do sorvete, o mastigar açucarado do algodão-doce — mas você também está ciente de quase ser adulto e observa o bar mais próximo. Entendo por que meus pais se preocupam, há uma sensação de perigo sobre o lugar. Ela sussurra com a energia estática ociosa. O ar está amarrado à tensão de adrenalina e grupos de jovens abastecidos de álcool, como quando você entra em um bar com mais homens do que mulheres. Acho que consigo entender meus pais agora. Sou a filha única deles. Sou a filha *esquizofrênica* deles.

Lacey passa por um adolescente inocente comendo algodão-doce. Ele dá uma volta, confuso.

“Você sentiu um arrepio?” ele pergunta para a namorada cheia de espinhas.

Lacey solta uma gargalhada no ar antes do anoitecer. Ninguém a ouve além de mim. Ninguém irá ouvi-la novamente. É um desperdício que me deixa com os punhos cerrados de raiva.

“Cara, há umas gatas aqui.” Ela faz beicinho e enfia as mãos nos bolsos da calça de moletom. “Dá uma olhada naquele par. Não acredito que nunca mais vou apertar um peito de novo.”

Não consigo evitar desta vez, a imbecilidade me faz rir. “É *disso* que você sente falta?”

“Entre outras coisas”, ela diz. “Peitos são importantes, Mary. Nunca se esqueça disso.” Ela me lança seu constante sorriso travesso.

“Você é maluca”, digo, balançando a cabeça.

“Não. Maluco é falar com fantasmas em público. As pessoas vão achar que *você* é maluca”, ela aponta. “Sinto muita falta de algodão-doce. Você vai comer um pouco e descrever pra mim?”

“Não, quero ir em algum brinquedo.” Quero sentir o vento em meu cabelo. Quero ficar bem no alto para poder contemplar as pessoas lá embaixo até elas ficarem pequeninas, como bonequinhos. A impulsividade corre em minhas veias. “A roda-gigante.”

Lacey olha para cima, para a monstruosidade de metal. “Você é mesmo maluca, né? Tudo bem. Vou com você. Eu consigo sentar no assento, eu acho.”

Durante as últimas semanas, desde a morte de Lacey, testamos as coisas que ela consegue e não fazer como fantasma. Ela não consegue mover coisas ou segurá-las, mas ela parece conseguir sentar em objetos como camas e sofás. Embora quando ela sente, a matéria abaixo dela não muda; a coberta não enruga e a almofada não afunda. Ela não consegue *mudar* a matéria, mas consegue descansar sobre ela. Ela atravessa coisas, com um pouco de concentração. A presença dela normalmente afeta as luzes, o que me faz imaginar se ela é parte elétrica. Penso novamente no jeito como o garotinho ficou tremeluzindo antes de desaparecer. Estremeço.

Um dia, a Lacey vai desaparecer assim.

Engulo aquele sentimento e caminho para a roda-gigante, entrando no final da fila. Acabamos atrás de um grupo de crianças talvez um ou dois anos mais novos que eu. Eles parecem do tipo que acabaram de ser apresentados à doce liberação de xingamentos eloquentes. No espaço de dois minutos eu ouço vários beberões e idiotas, cuzões e punheteiros. Sorrio pensando que eles acreditam ser uma revolta genuína.

Um dos meninos mais novos vira para mim e seus olhos fazem tudo menos aquela coisa de desenho animado de sair da órbita quando ele examina meu corpo. Ele se torna um aspirante a gângster, inclinando a cabeça para o lado, subindo o colarinho da camisa Fred Perry dele, e dobrando os joelhos.

“Caramba garota, você é boa”, ele diz.

“De onde você é? Yorkshire via Detroit?” eu replico.

Ele estreita o olhar antes de inclinar a cabeça novamente e me encarar com um sorriso forçado. “Legal. Você está se fazendo de difícil, respeito isso, mas tenho uma última coisa a dizer.”

Cerro os dentes. Eu sei que não deveria começar uma conversa com esse tapado cheio de espinhas, mas acabo dizendo, “Ah, sim, e o que é?”

Ele se inclina e sacode as sobrançelas. “Seu nome deve ser Margarida, porque eu quero plantar você bem aqui!” E, então, enquanto seu grupinho de idiotas cheios de acnes ri sem parar, ele faz movimentos mais do que exagerados empurrando o quadril, esfregando as mãos nas coxas.

“Imbecil”, Lacey diz. Ela corre se jogando no garoto de camisa Fred Perry, mergulhando por ele em um borrão. Isso nem o amedronta. Ele parece muito envolvido em me fazer passar vergonha para perceber que está sendo assombrado. “Aah, odeio este garoto.”

Eu suspiro e arrumo o cabelo para cobrir as cicatrizes em meu pescoço. A última coisa que eu quero é que eles as percebam. Talvez eu devesse deixar a roda-gigante para mais tarde, ou sair da feira de vez, vendo que esses bostinhas não vão me deixar em paz. Mas, então, enquanto estou contemplando chutar o garoto no saco e tentar pensar em um comentário mordaz e genial, o cara mais gato que eu já vi adentra a multidão e agarra o moleque pelo cangote.

“O que eu lhe disse sobre incomodar as garotas aqui?” ele grita.

O garoto choraminga. “Não fazer.”

“Sim, isso mesmo. Agora, cai fora, o grupo todo, antes que eu ligue para os pais de vocês e diga que vocês estão incomodando os clientes, de novo.”

“Caralho”, Lacey diz. “É seu cavaleiro de armadura.”

Ele se vira e eu consigo vê-lo melhor. O sol está baixo no céu, mas nem perto de se pôr, o que o faz piscar os olhos um pouco. Cílios grossos cobrem seus olhos e sobrançelas espessas os enquadram. Eu sou uma garota bem alta com 1,75m e ele é pelo menos uns centímetros mais alto. As mangas da camisa estão enroladas até o cotovelo, revelando tatuagens emaranhadas que vão de cima a baixo nos antebraços. Enquanto meus olhos seguem as andorinhas e letras de músicas, eu me imagino traçando-as com o dedo. Seu físico é magro, mas não abatido. As luzes bronze em seu cabelo atraem o sol, mas o resto é preto e grosso, combinando com a pele bronzeada. Minha mente vagueia em pensamentos dos meus dedos correndo pelo cabelo dele, puxando-o... Minhas bochechas ficam vermelhas e eu evito os olhos dele. Dedos nervosos arrumam meu cabelo na altura do pescoço, garantindo que minhas cicatrizes estejam cobertas.

“Você está bem?” ele pergunta.

Não consigo falar. Em vez disso, concordo com a cabeça.

Lacey olha para mim. “Fale com ele. Não fique boquiaberta.”

“Ok, bom. Eu estarei na cabine de ingressos caso você precise de mim”, ele diz. Poderia ser a luz baixa, poderia ser raiva dos adolescentes que ele expulsou, mas seus olhos brilharam para mim. Por baixo dos cílios há um deslize de castanho escuro. Eu quero que ele os abra bem para que eu possa me perder neles.

“Não o deixe ir!” Lacey apressa. “Sério.”

“Hum, espera”, digo, enquanto ele está prestes a sair.

Ele se vira, coloca as mãos nos bolsos do jeans e me olha com suspeita. “Sim?”

“Convide-o para ir na roda-gigante com você”, Lacey diz. Os olhos dela estão abertos e brilhantes com empolgação.

“Você quer... você quer hmm...”

Ele olha para o relógio. Eu o estou entediando.

“Você quer ir na roda-gigante?” deixo escapar como um turbilhão de palavras.

Eu o choquei. Ele se apoia nos calcanhares e solta um suspiro. Eu mudo o peso de um pé para o outro enquanto espero a resposta dele e bloqueio o sol com o meu corpo. Finalmente, consigo ver seus olhos. Eles são bem cobertos e rodeados por cílios curvados, então você só consegue um mero reflexo do que há por trás. Mas a cor o puxa. Você se encontra perdida em um chocolate macio e com textura de veludo. Ele tem olhos de cachorrinho com um brilho humano e bem marcado.

“Sim, tudo bem. Você quer dizer, com você, certo?” Ele esfrega a barba rala e olha para mim de lado. “Quantos anos você tem?”

“Dezoito”, digo sem perder o embalo. Tudo bem, é uma mentira inofensiva. Mas em seis meses será verdade.

Ele esfrega o queixo um pouco mais, como se estivesse me avaliando. “Claro, eu vou na roda-gigante com você. Mas eu estou trabalhando agora. Volte às onze?”

“Ok”, digo.

Atrás dele, Lacey berra de alegria.

“Vejo você então, hmm...?”

“Mary”, respondo.

“Sou o Seth.” Ele acena com a cabeça como um tchau e se afasta. Minha pele formiga enquanto o vejo partir. Aquela era eu chamando um cara para um encontro?

“Mary, aquilo foi incrível”, Lacey pula para cima e para baixo. “Eu sei que eu gosto de garotas, mas aquele cara é *gato*.”

Não consigo evitar e sorrio para mim mesma. *Eu fiz isso?* Foi tão demais — nada parecido comigo. Eu me viro e sorrio para o sol, inclinando a cabeça para que ele beije meu rosto. Hoje à noite, deixarei a velha e chata eu em casa. Este é o meu feriado e o que acontece aqui fica aqui.

Em julho, a noite se aproxima de você como um sequestrador com um capuz. Um minuto você está se aquecendo sob o sol com um sorvete e, no outro, sua pele formiga com arrepios enquanto a escuridão cresce sobre a sua cabeça. O cheiro muda. Ele muda de corpos grudentos e latas de lixo para pinha das madeiras da vizinhança enrolado com fumaça de cigarro. Um sentimento borbulhante começa a subir pelo meu estômago, preenchendo os espaços vazios que todos nós temos, do jeito que só desaparece quando estamos de férias, ou apaixonadas de pernas para o ar. Empolgação sacode de cima a baixo pela sua coluna. Está de noite e você está no parque de diversões. Essa é a hora para mágica, mistério e, com sorte, romance.

Lacey e eu — ou melhor eu e o corpo etéreo dela dançando ao meu redor — ganhamos dois ursos de pelúcia, fomos nos carrinhos de batida, conversamos com um grupo de adolescentes bem mais agradáveis que o último e giramos tão rápido que quase vomitei nos valsistas.

Mas a animação dos brinquedos não tem sido nada comparado à animação de saber que irei na roda-gigante com o Seth.

Eu tenho um algodão-doce em uma mão, um estômago nervoso e o conhecimento de que em quinze minutos vou encontrá-lo novamente na roda-gigante. Distraidamente, mordo o algodão-doce e mastigo o açúcar crocante.

“Ah, essa é a coisa”, Lacey diz. “Descreve-o.”

“Sei lá, Lace. É como comer fios finos de açúcar.”

“Ah, sim”, ela diz. “Mais, eu quero mais. Tem sabor de paraíso na sua boca? É tipo mastigável no começo e depois se dissolve muito rápido na sua língua?”

“Mmhmm”, digo. “Você também vem quando eu for encontrar o Seth?”

Os olhos de Lacey se movem do algodão-doce para encontrar meu olhar. “Bem, sim. Quero dizer, você quer que eu vá, certo?”

A verdade é eu não sei se quero. E se nós decidirmos nos beijar ou Lacey começar a me distrair? E se a presença dela o fizer se sentir estranho? Às vezes as pessoas sentem um calafrio ou se sentem desconfortáveis quando ela está ao redor. Eu não quero que ele ache que sou eu.

Então, hesito antes de abrir a boca para responder.

“Ai meu Deus”, ela diz. “Você não quer que eu vá.”

“É só que—”

“Você não quer a garota fantasma restringindo seu estilo”, ela rebate. “Entendo. Desculpe por ser uma inconveniência para você por estar *morta*.”

“Ei, você viria se estivesse viva? Não, isso seria estranho”, deixo escapar. “Desculpa, estou um pouco nervosa. Se você estiver lá me distraindo...”

Os ombros dela caem. “Eu queria ajudar, só isso. Não há muito mais a fazer quando se está morta.”

“Eu sei.” Sorrio, tentando aliviar a tensão. “Eu queria poder lhe dar meu algodão-doce.”

“É, eu também”. Ela começa a tremular. “Acho que eu a vejo mais tarde.”

“Dorme lá no trailer?”

“Eu não posso dormir, lembra? Se eu dormir, eu...” Um olhar assombrado cruza seus olhos. “Não importa. Eu preciso ir.”

“Espera, me conta—” Ela se foi, mas eu termino a frase mesmo assim, “me conta para onde você vai. Me conta como é lá”.

Imagino onde Lacey foi, e pensando sobre o garoto morto de novo dou uma mordida no algodão-doce. É então que percebo que o garoto controlando a barraquinha da pescaria está me encarando. Com bochechas vermelhas, eu me afasto e vou em direção à roda-gigante. Não falta muito agora. Meu estômago se revira. Chega de algodão-doce, jogo o resto fora na lixeira.

Talvez eu devesse entrar naqueles banheiros químicos e checar meu cabelo — mas e se eu saísse *cheirando* a banheiro químico? Pela primeira vez desejo ser uma daquelas garotas que sempre carrega maquiagem e pó compacto; o tipo que sempre tem um espelho e passa batom a cada meia hora.

Quando vejo a silhueta de Seth contra as luzes brilhantes da roda-gigante, meu coração titubeia. Eu tomo consciência do meu corpo e da agitação do meu sangue em minhas orelhas. Isso é tão o meu oposto. Não costumo me importar com garotos ou encontros. Estou muito ocupada tentando evitar os fantasmas em minha vida, concentrando-me nas Coisas, ou me preocupando que todos me acham louca. Enquanto a sombra alta e forte do garoto faz meu sangue correr, desejo que Lacey *estivesse* aqui para me dar estímulo; para me dizer que eu não vou estragar nada e nem me envergonhar.

Eu engulo as inseguranças persistentes e endireito as costas. É hora de crescer, Mary.

Capítulo Cinco

Ele fica de lado com as mãos enfiados nos bolsos do jeans. Luzes de arco-íris deixam seu perfil incandescente. Há uma vulnerabilidade sobre o perfil de uma pessoa, um reflexo da personalidade particular dela. Os pelos atrás do meu braço se eriçam. O parque de diversões está fechando pela noite e os grupos de adolescentes rastejam pelos campos com pernas bambas, gritando e berrando, os rostos vermelhos brilhantes e suados.

Tenho que limpar a garganta para chamar a atenção dele. Ele parece fixo no céu noturno, longe em um pensamento sobre o qual eu adoraria saber. Ele vira para mim e os olhos viajam pelo meu corpo. Eu mexo no cabelo na base do pescoço e desejo não estar segurando dois ursos de pelúcia em meu outro braço. Por que eu não os joguei no lixo junto com o algodão-doce?

“Oi”, digo.

“Tudo bem?” ele responde, a voz ainda rouca, com uma margem leve que revela outro lado de sua personalidade. “Você ganhou, então?” Ele aponta para os ursos.

“Sim”, murmuro. “Pescaria. Pelo menos não era um peixe de verdade. Isso teria sido estranho.”

Ele sorri, mas não responde.

Minha boca abre e fecha enquanto meu cérebro busca por um tópico para conversar. Depois de uns segundos, Seth diz, “está pronta?”

“Claro”, respondo.

“Legal.” Ele sorri. É um sorriso de garoto que transforma sua expressão de severa em travessa. Ele bate na cabine de controle do brinquedo. “Ei, Damo, vai devagar.”

Damo, um homem magrelo de meia-idade vestindo um agasalho, pisca e coloca os dedões para cima em um sinal positivo. O nervosismo começa de novo. Estou cometendo um erro por ficar à toa com um funcionário do parque tarde da noite? Eu deveria confiar nele o suficiente para subir na roda-gigante, sabendo que seu amigo está no controle? Qualquer coisa poderia acontecer. Mas isso é parte da emoção. E eu já sei como ele odeia moleques que dão em cima de garotas. Preciso parar de ver o mal em todo mundo. Nem todo mundo é o Dr. Gethen.

Ele dá um passo adentrando a cabine e estende a mão. Hesito por um minuto, o sangue pulsando em minhas veias. Em determinado momento, sorrio e aceito a mão dele, sentindo sua pele calejada. Ele é forte, mas me ajuda a sentar no banco com uma delicadeza que eu não esperava. Ele também checa as barras de proteção três vezes, deslizando os dedos entre minha cintura e a barra, mas tomando cuidado para não me tocar. A proximidade de seus dedos manda uma faísca de eletricidade pela minha espinha.

Com certo alívio, percebo que estou posicionada de forma que minhas cicatrizes estejam do lado oposto dele, então ele não as verá.

O brinquedo começa a se mover com um giro e um ronco. É estranho sem a música para abafar o barulho do maquinário e, sem tantas pessoas lá embaixo, a noite parece tão silenciosa como se houvesse uma ausência despercebida no ar. O assento balança e eu ofego surpresa. Ele se vira para mim com aquele sorriso travesso, quase torto de tão tranquilo.

“Você tá bem?”

“Sim”, digo com uma risada nervosa. “Faz tempo que andei numa dessas.”

“Ah é? Quanto tempo?” Ele mantém uma distância segura entre nós. Uma distância *respeitosa*. Ou talvez ele não esteja interessado.

“Eu tinha onze anos, com o meu pai. Foi em Newquay e eu vi o mar e os morros do topo da roda-gigante.”

“Aposto que foi legal.” Seus olhos escureceram, o que contrastou com as suaves curvas de seus cílios.

“Foi um pouco assustador”, admito. “Estava ventando muito naquele dia. O assento balançava para frente e para trás e debaixo de nós as ondas chicoteavam a costa. Meu pai teve de segurar minha mão o percurso todo. Mas, ainda assim, a vista foi bem espetacular.”

Há uma coisa que percebo logo sobre Seth, ele *escuta* e observa. Ele tem uma calma tranquilizadora, uma observação quieta. Apesar do meu nervosismo inicial, começo a relaxar.

“Então, qual seu sobrenome?” ele pergunta.

“Hades”, respondo. “O seu?”

“Lockwood. Hades é incomum. Não acho que já tenha ouvido antes. Como o Deus do submundo. Assustador”.

Ele não faz ideia. “Sim, esse mesmo. Embora seja mais escocês do que grego, de acordo com a tagarelice do meu pai sobre a história da família.”

Ele ri educadamente e nós nos ajustamos no banco. O silêncio entre nós é confortável. A roda sobe devagar, arqueando-se em ascensão, revelando mais e mais do mundo abaixo de nós, e o céu sobre nós. As luzes do parque piscam enquanto os brinquedos são desligados. Ainda assim, as cores do arco-íris da roda-gigante continuam a piscar enquanto nós permanecemos nela. Ao redor do mundo, luzes estão sendo apagadas. Noites terminam. Vidas terminam. Ainda assim, sinto como se este fosse o começo para mim.

“Não costumo ir nos brinquedos depois do trabalho”, ele diz. “Mas você me pegou de surpresa.”

“Peguei?”

“Sim, eu não esperava que alguém como você fosse chamar alguém como eu para ir no brinquedo.”

Fico vermelha, agradecida pelo brilho das luzes em minha pele esconderem a cor natural. “Você foi legal comigo, livrando-se daqueles garotos daquele jeito.”

Ele ri sem graça. “Aqueles pentelhos. Eles estão aqui toda noite, causando problema. Eu tenho o número dos pais deles na discagem automática.”

Minha risada se torna um riso bem de menininha e uma onda de vergonha me assoma. Ele solta uma risada aliviada, uma que está se livrando dos eventos do dia.

“Cara, este emprego... Já vi cada merda.”

“Imagino”, respondo, o sorriso em meu rosto crescendo enquanto vou ficando mais à vontade, relaxando. “Você trabalha aqui faz tempo?”

“Mais tempo do que gostaria.” Ele franze o cenho. “Estou juntando dinheiro. Trabalhando em dois lugares no momento. Sou mecânico três vezes por semana.”

“E para o que está guardando?”

Seu rosto se contrai. O queixo imóvel.

“Desculpa”, digo, percebendo que fiz uma pergunta pessoal. “Não quis me meter.”

“Tudo bem”, ele responde. Ele sorri, mas não é o mesmo sorriso travesso de antes. Ele pega um pequeno frasco do bolso e balança. “Quer um pouco? Não se preocupe, só bebo essa coisa fora do serviço, não quando estou trabalhando nos brinquedos.”

Olho o frasco com cautela. Faz tempo que não bebo álcool e da última vez acabou em uma conversa assustadora com um fantasma de olhos verdes. Poderiam ser os eventos do dia, ou o vento

quente da noite, ou os olhos de Seth, mas que droga, eu quero beber. Às vezes você tem de se arriscar para chegar a algo lindo. Pego o frasco.

O líquido queima minha garganta e eu quase devolvo tossindo. “O que é isso?”

Ele ri. “Você não costuma beber uísque, né?”

Lanço-lhe o que espero ser um sorriso diabólico. “Ainda não.” O segundo gole ainda queima, mas o calor se espalhando pelas minhas extremidades mais do que compensa.

“Vai com calma”, ele diz, puxando o frasco da minha mão com um toque gentil. “Não estou tentando embebedá-la. Inferno, só agora percebi quão horrível isso podia ter sido. Você confia demais, sabia? Ainda bem que eu sou um cara decente.”

O uísque e a companhia de Seth produziram quaisquer hormônios de alegria necessários para me ajudar a entrar em um estado de relaxamento. Recosto-me no banco e viro a cabeça para o céu. Em qualquer noite comum, odeio olhar para as estrelas. Odeio ser lembrada de que estamos neste enorme universo que não entendemos e somos uma partícula de insignificância em um fragmento gigante de pedra circulando ao redor de um imenso pedaço de fogo. Hoje à noite, eu poderia me perder no espaço. Poderia encarar a lua a noite toda.

“Estrela cadente?” Seth pergunta.

“Não, um avião”, respondo.

“Algum lugar que você quer ir?” ele pergunta.

Viro meus olhos para ele. Nossos olhares se cruzam. “Não.”

Sem sorrisos. Nada de sorriso travesso. Em vez disso — seus olhos nos meus. Seus olhos se aproximando, até que eu sinto como se seus cílios pudessem arranhar minha bochecha. Seus lábios próximos aos meus. O cheiro de almíscar, uísque e fumaça. Doce. Doce cheiro. Ele.

Sacudida.

Gemido.

A roda para. Nós nos separamos e ele ri.

“Parece que o Damo está nos dando um pouquinho de tempo para apreciar a paisagem”, Seth diz. Ele passa os dedos no cabelo viçoso. Há um anel na mão direita dele. O prateado dele pega uma das luzes piscando, então se torna verde e depois amarelo. “Você não me contou por que está aqui? Você é daqui?”

“Estou de férias”, digo.

Ele levanta uma sobancelha. “E você veio para *Nettleby*?”

O que não digo a ele é que estou com os meus pais. Isso seria ainda mais constrangedor.

“Você é daqui?” pergunto.

“Sim”, ele diz com um suspiro.

“Talvez você pudesse me mostrar o lugar?” *Mary, que diabos você está fazendo?*

Ele sorri. “Claro.”

Ele se aproxima um pouco e passa o braço ao redor do meu ombro, parando não uma, mas duas vezes, como se quase mudando de ideia. Há um leve rubor rosado em suas bochechas. Poderia ser nervosismo ou o uísque. Lacey estaria orgulhosa de mim. Pela primeira vez, estou em um encontro normal com um cara incrível, e está indo bem. Não há nenhuma Coisa, ou fantasma, ou pessoas com problemas psiquiátricos. Há eu e o Seth — sozinhos.

Sensações quentes e macias se espalham pelos meus braços enquanto me encosto nele. Ficamos em silêncio por um tempo, vendo as luzes do acampamento. Além do parque sei que há uma floresta, mas agora é uma sombra negra na noite. O parque está escuro, com a luz ocasional de uma tocha e um ou dois holofotes para ajudar os homens enquanto eles trancam tudo.

“Damo está levando um tempo”, Seth diz. Seus olhos se estreitam com preocupação.

“Algum problema?” pergunto. Nós realmente parecemos estar parados por um tempo.

“Sei lá”, Seth diz. Ele se vira no banco para ficar apoiado pelo peitoril e tira o braço de mim. Com as mãos à boca ele grita, “Damo! Ei, Damo. O que tá acontecendo, cara? Vai fazer isso funcionar ou não?”

Um arrepio corre por mim. Eu sou uma companhia tão ruim? Ele quer se livrar de mim? Terminar esse encontro de uma vez por todas?

“Desculpa”, ele diz, virando-se de novo para mim. “Fico um pouco nervoso com esses brinquedos. Quando você sabe como eles funcionam, sabe quanta coisa pode dar errado.”

“Ah, ok.” Lembro de sua consciente preocupação sobre segurança com a minha barra de proteção. Uau, um funcionário que se preocupa com bem-estar, milagre.

Olho para o relógio. 23:30, o tempo voa. Eu deveria tentar chegar em casa antes da meia-noite para que os meus pais não tenham um ataque cardíaco simultâneo. Quando percebo que isso vai terminar logo, um peso puxa meu estômago. Gosto de estar com o Seth.

A roda balança para a frente com um gemido.

“Isso, é—” Meu sangue corre gelado. A roda-gigante sacode para a frente, não mais se movimentando suavemente como antes na subida, mas pior que isso, pior do que o possível fracasso do brinquedo, vejo uma sombra escura e, então, vejo *isso*.

“Não”, murmuro sem intenção.

“O que foi?” Seth diz.

Balanço a cabeça. Isso não pode estar acontecendo agora, não no primeiro encontro que me faz sentir normal.

Ela vai subindo pelo brinquedo.

Dedos ossudos agarram a estrutura de metal.

Um raio-X de ossos brilha através da pele. Eu me inclino para a frente e seguro a barra de proteção com os dedos, agarrando tão forte que o branco nas dobras dos meus dedos se sobressai da minha pele, como os ossos da *Coisa* subindo até mim.

“O que você quer?” sussurro.

“O que você disse?” Seth pergunta.

“Nada”, respondo.

“Você está bem? Parece um pouco pálida. É o brinquedo, né? Não se preocupe, fica um pouco rígido às vezes, quando inativo por uns minutos. Eu a assustei com o que disse? Sinceramente, tá tudo bem. Damo sabe como—”

Rangiiiiido.

O brinquedo para tão abruptamente que sou empurrada para a frente contra a barra de proteção. Minha cabeça bate na frente, de forma dolorosa. Um dos ursos desliza do meu aperto e esbarra lá embaixo no chão preto.

“Merda.” Seth agarra meus ombros e me puxa de volta para o banco. “Isso nunca aconteceu antes. Você está bem?”

A *Coisa* se foi. Ela transmitiu o aviso, mostrando-me seu rosto repugnante. Agora tenho que esperar por qualquer evento horrível que está prestes a acontecer.

Nós vamos morrer?

O banco da roda-gigante balança para frente e para trás, suspenso na metade do caminho de descida dos 25 metros de altura da roda, como ostenta a placa ao lado da cabine de ingressos. Seth me segura firme, seu rosto ansioso virado para baixo na direção da cabine de controle.

“Damo?” ele grita. “Damo, o que está acontecendo aí embaixo, cara?”

Há um arranhar de uma porta se abrindo e uma voz baixa responde. “Sei lá, cara. Os controles ficaram estranhos. Eu fico tentando descer vocês, mas então é... é como se tivesse vida essa droga.”

Seth esfrega o queixo. A roda se inclina para a frente novamente, dessa vez fazendo-me gritar e agarrar com mais força o braço de Seth.

“Peguei você”, ele sussurra. “Vai ficar tudo bem.”

Balanço a cabeça. Não, não vai. Quando as Coisas aparecem é porque alguém vai se machucar. Normalmente não sou eu, é outra pessoa. A morte me segue.

“Isso é minha culpa”, sussurro.

“O quê?!” ele diz.

“Coisas ruins acontecem... você... você deveria se afastar de mim.”

Nosso banco balança para a frente, forçando-nos contra a barra de proteção. “Isso não é culpa sua—”

O banco cai alguns centímetros para a esquerda, mas meu coração vai para os joelhos. Nós deslizamos juntos, atingindo a beira. Em um momento de pânico absoluto, percebo que a corrente se soltou no topo. Há uma boa chance de que irá romper e iremos cair...

Capítulo Seis

“Mary?” Lacey pisca, balançando na beira do nosso banco. Nunca fiquei tão aliviada em vê-la. Não sei o que ela pode fazer, mas só de ver um rosto familiar já começa a acalmar meus nervos.

Seth está com os dedos em volta dos meus braços, segurando-me ao banco, tentando impedir que a gente caia da beira. Meu coração bate como uma pistola contra minhas costelas, tão forte que tenho medo que elas vão quebrar.

“Que diabos?” Lacey diz. Seus olhos piscam quando ela vê a corrente quebrada e a queda abaixo de nós. Sua expressão obscurece de terror antes de sussurrar, “Não estamos sozinhos”, com uma voz distante. Estou tentando me concentrar em segurar Seth, mas a expressão de Lacey, e o modo como ela encara lá embaixo a estrutura da roda-gigante, encham-me de pavor. “Eu posso senti-la. Ela está irritada, tão irritada. Ela quer justiça. Ela quer...”

Morte, ela quer morte. Não há necessidade de ela terminar a frase. Eu já sei disso. *A morte me segue.*

“Mary”, Seth diz. “Acho que esta corrente vai rachar.” Sua testa está coberta de um suor brilhante. “Eu tenho que subir até o próximo carrinho e puxar você. Você vai ter que segurar bem firme na barra de proteção até eu chegar lá em cima.”

“Ele está certo, Mares”, Lacey diz. “Aquela coisa vai rachar. Há alguma magia ruim aqui. Ouça o garoto. Confie nele.”

“Tome cuidado”, sussurro.

Ele concorda, solta meu braço e, gentilmente, coloca minhas mãos contra a barra de proteção. O urso deita inutilmente em meu colo. Seth respira fundo e esfrega o suor da testa com a manga da camisa. “Segure firme. Eu não vou demorar.”

Um tipo de medo primitivo me toma. O tipo que você sente no âmago, ou até mais fundo, bem nos ossos. Meus músculos trincam enquanto ele se levanta do banco, agarrando a estrutura de metal da roda-gigante. O banco se ajeita enquanto o peso dele deixa o carrinho, tombando-me de volta para a esquerda. Eu deslizo um pouquinho, desalojando o urso. Minha garganta fica apertada e seca enquanto o vejo mergulhar no campo abaixo. Pisco e me viro.

Seth é forte. Ele levanta seu próprio peso com certa facilidade, mas manter aquele peso é difícil. A tensão em seus braços faz os músculos se sobressaírem enquanto ele balança as pernas para cima para subir na roda. Eu sei que ele me disse para segurar firme na barra de proteção, mas eu solto e me viro para ficar na posição abaixo dele. Talvez eu pudesse segurá-lo caso ele caísse. Talvez eu pudesse salvá-lo porque o pensamento de vê-lo mergulhar na morte agita meu estômago.

“Segura firme, Mares”, Lacey diz. “Vai ficar tudo bem.”

“O que está fazendo isso?” sussurro. “O que é?”

Sua voz muda para um tom mais baixo. “É um espírito. Posso senti-la. Ela é bem assustadora. Hm, talvez um pouco no lado mau.”

Uma lágrima desce até meu nariz. Assisto ao Seth lutando pela estrutura, movendo-se mais perto do banco acima de nós. Por que qualquer coisa faria isso a nós?

Mas, então, não é a primeira vez que enfrento o mal. A diferença é que da última vez o mal era humano.

Os dedos de Seth erram no primeiro alcance para o carrinho acima. Eu ofego, esperando, rezando para que ele consiga. Ele balança em um braço, a tensão visível em seu rosto tenso.

“Segure-se”, grito, de alguma forma esperando que isso vá ajudar. “Só alguns centímetros para a sua direita, agarre a barra.”

Seth se balança mais uma vez. Ele consegue! Seus dedos seguram o banco, agarrando o carrinho acima de nós. Meu coração salta até a boca. Lacey solta um “Woohooo!” Ele vai ficar bem.

O outro braço se estende enquanto ele se segura com força com as pernas e uma mão. Primeira vez, erra. Segunda vez, consegue. Agora tudo o que ele precisa fazer é puxar o resto do corpo para o banco. Eu agarro o encosto do banco, nervos formigando nadam em meu estômago, o uísque fazendo barulho, queimando, revirando-se.

Por favor.

Seth começa a se puxar para cima.

A roda se inclina para a frente. A corrente em meu banco quebra e o tempo parece congelar.

A primeira vez em minha vida que eu enfrentei a morte, eu a rejeitei. Decidi que não iria morrer no incêndio na minha escola. Tomei a decisão naquela hora de que sairia viva e eu consegui. A segunda vez que enfrentei a morte, eu a aceitei. Percebi que havia vivido com a sombra dela pairando sobre a minha existência, impedindo-me de realmente viver. Naquele momento, eu desisti.

Lacey morreu em vez de mim.

Desta vez, eu quero viver, e eu não quero perder mais ninguém, mesmo o funcionário do parque que entrou na minha vida a menos de cinco horas. Mas, diferentemente da primeira vez, não estou com medo, nem mesmo da dor. Acho que é assim que eu consigo pular.

E agarro a lateral da roda-gigante.

Seth se pendura no banco acima, seu rosto todo roxo pelo esforço, os braços tensos.

“Segure-se, Mary. Eu consigo... me... levantar”, ele diz, levantando as pernas suspensas com os antebraços.

A roda está emperrada... por enquanto... e eu uso essa imobilidade como vantagem, subindo pela estrutura até conseguir chegar ao Seth no carrinho acima.

Lacey sobe na roda, mostrando-me onde posso pegar apoio, onde evito luzes quentes e onde posso empurrar a ponta dos meus tênis para ganhar impulso.

Não sou forte e sou forçada a buscar dentro de mim mesma a força extra para me manter indo, para impedir meus músculos de desistir. A próxima vez que olho para Seth, ele está no banco, inclinando-se para trás no assento, o peito subindo e descendo, um olhar vidrado de horror em seu rosto. Conheço a sensação.

Seus olhos se prendem aos meus e, em um instante, ele está fora de transe e tentando me ajudar. Apoiado na barriga, ele se inclina para a frente, por baixo da barra de proteção, para que eu possa segurar as mãos dele.

“Um pouquinho mais para a frente, Mary, você consegue”, ele diz. Sua voz estremece um pouco, mas está mais calma, e mais forte do que eu me sinto por dentro.

Minhas panturrilhas queimam com o esforço. Meus braços doem. Meu coração bate contra minhas costelas. Eu não me importo. Estamos conseguindo. Estamos fazendo isso. Não serei como aquele garoto no estacionamento. Eu me empurro para a frente. Então, agarro com os joelhos e inclino meu peso contra o metal enquanto tento alcançar Seth.

Seus dedos se flexionam até mim. “Você consegue”.

É aquele momento de novo; aquele momento de vida ou morte quando os pensamentos correm pela sua mente como um trem-bala. Não consigo. Sim, você consegue. Lembra quando você era pequena e caiu da bicicleta e quebrou o braço? Sim? Bem, isso vai doer cem vezes mais que aquilo.

Aceitação.

“Mary, tente alcançá-lo.” É a voz da Lacey, tranquilizadora e com convicção. Ela sempre acreditou. Sempre.

Eu me estico para ele, nossos dedos se tocam, mas não se conectam.

Então, de novo, Lacey *morreu* acreditando.

Não sou a Lacey.

Meus dedos se curvam sobre os dele. Ele balança para a frente, agarrando-me melhor.

“Ela está aqui”, Lacey sussurra. “Eu consigo... Eu vou encontrá-la. Irei pará-la.”

“Sim, vai lá fazer isso”, digo, esforçando-me para continuar segurando Seth.

“Solta, Mary, eu estou segurando você”, Seth diz.

Soltar.

Há outra palavra na língua portuguesa mais carregada de significado?

Eu solto. E, ao fazer isso, eu voo. Não, eu não caio, eu me penduro, esforçando-me para me puxar para o banco acima, mas há algo sobre a sensação de colocar toda a sua confiança em uma pessoa; enche seu coração com essa sensação de libertação que lhe diz que a vida nunca mais será a mesma. Eu me abri agora. Talvez nunca mais irei me fechar.

Por algum milagre, acabo me contorcendo sob a barra de proteção e indo para os braços de Seth. Ele está grudento de suor, seu coração martelando contra o peito, batendo embaixo do meu ouvido. Ele me segura com força.

“Não acredito que conseguimos”, ele diz.

“Agora só precisamos chegar lá embaixo.”

Caímos na risada, o estresse e a monstruosidade de nosso feito nos atinge ao mesmo tempo. Abaixo de nós, uma multidão se juntou. Um dos funcionários do parque grita.

“Nós já chamamos os serviços, Seth. Segure firme.”

“Ah, eu planejo fazer isso mesmo”, Seth grita de volta.

Lacey não está à vista. As coisas que ela disse... sobre um espírito? Um espírito mau. Eu me preocupo por ela. Sim, ela está morta, mas será que os fantasmas podem machucar uns aos outros? Um pode enviar o outro para algum lugar... ruim? Recordo-me do jeito como os fantasmas das vítimas do Dr. Gethen o arrastaram para baixo deles, comendo sua carne. Os gritos dele ainda assombram meus sonhos.

Engulo em seco. Ainda não acabou. Não estamos no chão.

Nós dois assistimos aos funcionários do parque lá embaixo, segurando a mão um do outro, nossas mandíbulas trincadas, não há mais palavras a falar. Eles ficam em um grupo, esperando, provavelmente se sentindo desnecessários assim como nós. Damo está com eles. Ele deve ter desistido dos controles, preocupado que estivesse piorando as coisas.

Começo a afundar no meu banco, preocupada que a Lacey me deixe na mão. Onde ela foi? Onde ela vai quando me abandona? É horrível? É tranquilo?

Outro calafrio passa pelo meu corpo quando a Coisa aparece mais uma vez. Vejo os dedos brancos ossudos primeiro. Depois, o corpo sobe, assim a caveira brilhante está no mesmo nível da minha cabeça. Engulo em seco, esforçando-me para não gritar.

Eles normalmente não falam.

Eles escrevem. Mensagens nas paredes da escola, nas janelas do médico.

Esse assobia para mim.

Oculto na sombra,

Oculto na luz,

Ela leva as vidas

Para se fortalecer.

E, com isso, ele vai embora. Como sempre, recebo a mensagem, então ela some. Meus dedos apertam os de Seth. Ele se vira para mim, vê minha expressão e tenta me acalmar.

“Ei, vai ficar tudo bem, os bombeiros estarão aqui logo. Eles vão nos tirar daqui sem problemas.”

Não, eles não vão. Eu sei o que vai acontecer antes de começar. A roda se inclina para a frente. A música retumba. Ela gira. Rápido, agora, mais rápido do que uma roda-gigante deveria ir. O chão se aproxima de nós e, por um segundo, perco o sentido da realidade. É como assistir a um filme de alguém em queda-livre até o chão. A reação de estresse do meu cérebro me diz que isso não pode ser real, não pode estar acontecendo, porque é demais para eu lidar.

Vejo os funcionários do parque correndo para a cabine de controle e sei que isso é bem real. Se não agirmos, seremos jogados de nossos bancos até metade do parque.

Sei o que fazer. Sei o que nós dois temos de fazer.

Soltar.

“Temos que pular”, grito.

“O quê?” Seth responde.

“Pular! Agora!”

Esta é a nossa chance. Estamos a cerca de três metros do chão. Poderíamos nos machucar, mas não morrer.

Eu o puxo o mais forte que consigo. Seth se levanta ainda mais até que estamos de pé. O mundo é uma mancha ao nosso redor. Eu olho para ele, travamos um olhar, e pulamos.

Leve. Um momento de pura liberdade.

E, então, o chão esmagador. O frio raspão de sujeira compactada em minhas bochechas.

Mas Seth está perto de mim e nossas mãos ainda estão entrelaçadas.

Capítulo Sete

Em um momento, estrelas brilhantes, no outro, a faixa de luz piscando de um hospital; em um momento, a dor maçante em minhas costas, no outro, a dor se foi; em um momento, os dedos de Seth entrelaçados nos meus, no outro, eles se foram, e Lacey ao meu lado.

“Você está bem?” ela pergunta.

“Sim, eu acho.” Eu me reviro para ficar sentada na cama do hospital. “Por quanto tempo fiquei apagada?”

“Não muito”, ela responde. “Durante o passeio de ambulância e enquanto o médico a examinou. Acabou de passar da meia-noite”.

Fecho os olhos e respiro fundo. “O Seth está bem?”

“Acho que ele está em um dos quartos ao final do corredor. Ele está bem”, ela responde.

Solto um suspiro de alívio. “Você sabe se alguém contou aos meus pais?”

“Acho que não.”

“Espero que eles não entrem com um processo. Talvez eu consiga voltar ao acampamento antes de eles perceberem.” Eu paro, pensando em tudo que aconteceu. Uma parte é um pouco confusa. Meu sangue corre frio quando penso na Coisa com a caveira brilhante através da pele translúcida. “Havia um espírito. O que aconteceu? Você o encontrou?”

Lacey envolve o corpo com os braços. “Eu a persegui. Eu a persegui em meu mundo, mas eu nunca a alcancei.” Seus braços apertam o corpo ainda mais, pressionando-o. Não gosto da expressão assustada que ela tem no rosto.

“O que é?” pergunto.

“Ela fedia”, Lacey responde. “Ela cheirava a isso. Dor, sofrimento, raiva. Há algo errado sobre este lugar. Se eu estivesse viva teria arrepios.” Ela olha para os braços, tristemente.

“Como você sabe sobre ela? Você a viu?”

Lacey estreita os olhos como se estivesse se concentrando na memória. “Relances e sensações, basicamente. Ela se fez presente para mim. Eles nem sempre fazem isso. Foi como se ela estivesse tentando me alcançar, mas então se fechou e ficou dentro de si.”

“Eu não a vi”, digo, metade para mim. “Por que será?”

Lacey dá de ombros. “Talvez ela não queira que você a veja. Talvez ela queira permanecer escondida.”

“Mas como? Como ela causou tudo aquilo? Você não consegue nem mover uma xícara.”

Lacey me lança um olhar. “Obrigada por me lembrar. Seu palpite é tão bom quanto o meu. Talvez fantasmas sejam reais. Ei, isso significa que um dia eu vou conseguir tocar as coisas!” Seus olhos brilham com esperança.

Não consigo evitar pensar que Lacey não deveria estar esperando pela sua forma corpórea, ela deveria estar buscando paz, ir para qualquer lugar que *devemos* ir quando morremos. Em algum momento, ela terá de seguir em frente.

A porta se abre e um médico adentra o quarto.

“Mary Hades”, ele diz, encarando a prancheta. “Você está bem machucada, mas não há danos permanentes. Você precisa pegar uma receita na farmácia ao sair. Leia o rótulo com *atenção*. A coisa é bem suave, mas, de acordo com os seus históricos clínicos, a medicação antipsicótica que você

está tomando não se mistura bem com outros remédios, então tome cuidado. E, por favor... nada mais de álcool.”

Não consigo evitar ficar ruborizada.

“Já posso ir?” pergunto.

“Sim”, ele diz, finalmente olhando em meus olhos com seus próprios olhos enrugados.

“Você ligou para os meus pais?”

Ele balança para a frente e levanta as sobrancelhas. “Não, não liguei. Você teve machucados leves, seu amigo no final do corredor também. Então, não há necessidade.”

Melhor ainda, eles não têm de ouvir sobre isso. Lacey sorri e pisca para mim.

“Onde está o Seth?” pergunto ao médico.

“Se você quer dizer o jovem com quem você estava, ele está ao final do corredor à direita.”

“Obrigada.” Cuidadosamente, desço da cama, alongando os músculos doloridos.

“Senhorita Hades, peço desculpas por me intrometer, mas... Eu tenho uma filha da sua idade. Se eu soubesse que ela estava na rua até a meia-noite com o tipo de pessoal que trabalha em parques, eu estaria... preocupado. Por favor, cuide-se. A recepcionista vai chamar um táxi para levá-la pra casa.” Ele me dá um sorriso triste. “Nós podemos colocar na conta do hospital, nesta ocasião.”

“Eles não colocam táxis na conta de hospitais”, Lacey sussurra em meu ouvido. “Ele provavelmente vai pagar para você.”

“Tudo bem, eu tenho dinheiro”, digo. Ele parece um homem legal, um homem bom, mas o último médico que eu conheci tentou me matar. Só isso me deixa não querer dever dinheiro a ele.

Ele dá um sorriso exasperado. “Muito bem. Mas, por favor, tome cuidado.” E, com isso, ele vai embora.

Apresso-me até o final do corredor, a adrenalina fluindo em minhas veias devido à queda, o pensamento de ver Seth e as memórias da última ala hospitalar que fiquei. Levanto os ombros algumas vezes, tentando sacudir a sensação desconfortável que aquelas faixas de luz me dão.

Seth está sentado na cama do hospital. Ele está esfregando a parte de trás da cabeça e encarando a janela quando eu chego. Antes que eu bata na porta aberta para deixá-lo saber que estou aqui, eu o vejo encarar a janela, completamente sozinho, completamente ele. Seus ombros estão caídos, resignados. Espero que ele não se culpe pelo que aconteceu. Ou a mim.

Eu bato na porta.

Ele não se vira imediatamente. Quando o faz, seus olhos estão um pouco rosados ao redor e inchados também.

“Eu estava prestes a ir vê-la. Estou feliz que esteja bem”, ele diz. Sua expressão obscurece. “Não graças a mim. Nunca deveria tê-la levado no brinquedo depois do horário.”

Eu me aproximo, mais do que alerta da presença de Lacey ao meu lado. Ela está mais quieta do que o normal, não dançando ao redor ou fazendo caretas. Os olhos dela voam entre nós dois.

“Não foi culpa sua. Você não tinha como saber o que ia acontecer.” Mas *eu* deveria saber. Quando vou aprender a parar de arrastar pessoas ao meu mundo perigoso?

“Recebi uma ligação”, Seth diz. Ele puxa o ar e esmaga a roupa de cama com os punhos. “Quando estávamos na ambulância vindo para cá, outra peça caiu da roda-gigante, uma trave de metal direto do topo.” Ele para de falar e contorce os olhos. Há lágrimas em seus cílios. “Matou o Damo.”

Sem pensar, estou ao lado dele na cama, envolvendo seus ombros com meus braços. “Seth... sinto muito.”

Ele empurra meus braços. “Você deveria ir embora, antes que eu acabe matando você também.”

“Sobre o que você está falando?” Eu sou a pessoa que tem a morte como companheira. “Você salvou minha vida!”

“Se eu nunca tivesse concordado... Se eu tivesse ido com você naquela hora, em vez de esperar até tarde da noite, até metade dos funcionários já terem ido para casa.” Sua voz começa a cortar. “Vai para casa. Vai para qualquer acampamento ou hotel de onde você veio. Sai daqui.”

Suas palavras são como um caco de gelo apunhalando meu abdômen. “Ok.”

O resto do hospital é um borrão. Só quando estou lá fora que percebo que minhas bochechas estão molhadas.

“Bem, isso foi *marginalmente* melhor que nossa última estadia em um hospital”, Lacey diz. “Principalmente porque da última vez eu morri.”

*

Não é o sol se infiltrando pelas cortinas florais que me acorda, ou o cheiro de bacon frito, é minha mãe me chacoalhando e dizendo que a morte do garotinho havia sido justificada como acidental e toda a polícia havia ido embora. Isso significa que podemos continuar com nossas férias, de acordo com a minha mãe. Sua voz está aguda e suas palavras saem mais rápidas que uma arma. Isso me lembra de vários momentos com ela no passado, como quando ela me disse que eu teria de ir ao hospital, ou quando eu era pequena e meu hamster morreu.

Minha coluna dói e eu engulo alguns analgésicos com um copo d’água. A prescrição que o médico me deu é para algo mais forte, mas não sei se eu quero estar medicada neste momento. Não tenho memórias afetuosas de tomar antipsicóticos.

Enquanto ando para a área principal do trailer, imagino como vou passar o resto da semana sem contar aos meus pais sobre cair de uma roda-gigante e quase morrer. De maneira nenhuma me deixariam voltar ao parque se eu contasse a eles e isso iria significar que eu nunca mais veria o Seth. Então, ando cuidadosamente, tentando não estremecer com as dores na coluna. Com sorte, os machucados já terão sarado em alguns dias. Todos eles estão no meu corpo e facilmente escondidos.

O problema mesmo é o que não desaparece após alguns dias. Desde que chegamos em Nettleby já houve duas mortes acidentais. Nenhuma delas foram acidentes reais. Ambas foram assassinato, nas mãos de um fantasma ruim. O que significa que há um fantasma à espreita no escuro lá fora que já tentou me matar.

“Como foi o parque, querida? Você fez alguns amigos?” minha mãe pergunta no café da manhã.

Pego um pedaço da cartilagem do bacon. “Conheci uma pessoa, sim.”

“Você veio para casa tarde. Vocês se deram bem?”

Hmm, como responder a essa pergunta? Nós caímos de uma roda-gigante juntos e depois seu amigo morreu, então sim e não. “Não sei. Ele—”

O jornal do meu pai se dobra, revelando seu rosto de óculos. “Ele?”

Reviro os olhos com ênfase, como se dissesse *não exagera*. “Sim, ele. Nós passeamos um pouco.”

Minha mãe sorri por sobre o chá. “Você pegou o telefone dele?”

Meu coração afunda. Claro que não. Ele gritou para eu sair do quarto do hospital enquanto o cheiro de água sanitária pairava no ar. Ele estava em luto pelo amigo, com raiva e frustrado.

“Desculpa, querida. Ele era bonito?”

“Mãe!” Arregalo os olhos para ela.

“Eu não quero saber.” Meu pai levanta da cadeira, carregando seu sanduíche de bacon na mão.

“Então?” Ela levanta as sobrancelhas.

“Sim, tudo bem. Ele era.”

Minha mãe tamborila na mesa com dedos empolgados. “Ah, posso dizer pelo olhar em seu rosto. Ele é absolutamente lindo, não é? *Por favor*, diga-me que vocês usaram proteção.”

“Eu ainda consigo ouvi-las...” meu pai grita do quarto.

“Mãe! Nós não... nós nem nos beijamos!”

“Graças a Buda por isso”, meu pai grita.

Reviro os olhos pela piada boba dele, uma que ouvi um zibilhão de vezes.

“Bem, talvez ele esteja hospedado no acampamento também”, minha mãe sugere. “Você nunca sabe sua sorte, pode esbarrar nele qualquer dia. Qual o nome dele?”

“Seth”, digo. “Mas ele é daqui. Ele não estará no acampamento.”

“Então, você vai ter que sair e explorar. Homens bons são difíceis de conseguir, Mary. Não deixe um escapar pelos seus dedos. Vá para a cidade e veja se consegue achá-lo.”

Penso no modo como aterrissamos, com as mãos ainda agarradas uma a outra. Não, eu acho que não deveria deixá-lo escapar pelos meus dedos.

Então, depois do café, ando pela estrada até a cidade com os longos pântanos se estendendo por cada lado. É uma caminhada de trinta minutos e, apesar do calor do sol, o vento está gelado e chicoteia meu cabelo. Eu me vejo encarando o gélido interior, pensando em tudo que sei sobre North Yorkshire. O Morro dos Ventos Uivantes. As irmãs Bronte. Invernos severos. Verões agradáveis. Vilarejos raros cheios de salas de chá e jantares para quem madruga. Pontes estreitas sobre rios espiralados. O jeito como os locais a encaram enquanto você invade o vilarejo deles durante os meses de verão, e o som de “malditos turistas” murmurados sob suas respirações.

Onde está você, Seth? E por que estou tentando encontrá-lo? Por que não estou deixando-o ficar de luto, em paz, pelo seu amigo?

Lacey trota ao meu lado enquanto vagamos incertamente pela cidade procurando mecânicos e imaginando o que eu diria se o visse. Desculpa pelo seu amigo ter sido esmagado por uma peça de metal que caiu, mas você gostaria de sair comigo? Lacey passa a manhã apontando todas as coisas que ela quer comer, mas não pode. Tenho que descrever o sabor de bolinhos de Eccles, pãezinhos com geleia e uma xícara quente de chá. Estou cheia antes mesmo da hora do almoço.

“Estou entediada”, ela diz em certo momento. “Desiste logo, você não vai magicamente encontrá-lo, ok? O que tem de tão especial nele, hein? Há vários outros caras sarados neste lugar. Que tal esse?”

“Acne. E ele deve ter uns quinze anos.”

“Esse então?”

“Jesus, Lacey. Ele tem idade para ser meu pai.”

“Ok, então aquele.”

Suspiro. Apontar para homens pelo vidro da janela de um café não é a minha ideia de diversão. Sem mencionar os olhares engraçados que estou recebendo. Sempre esqueço que ninguém mais consegue vê-la. Sempre esqueço que ela está morta...

“Você é uma droga para escolher homens”, sussurro, sorrindo. “Fique com as garotas.”

Desistimos de encontrar Seth e voltamos para o acampamento. Os braços fantasmagóricos de Lacey encostam nos meus enquanto andamos, o que envia arrepios até os meus dedos. Acabo abraçando meu corpo para manter o calor, mesmo que o sol esteja brilhando com força sobre as nossas cabeças.

Quando chegamos ao estacionamento, percebo a mancha escura na pista; a última evidência remanescente do garoto morto. A última coisa que ele deixou a este mundo.

“Aonde ele foi, Lace?” pergunto em silêncio.

“Não sei.” Sua voz é suave, perdida em si mesma. “Quando estou lá, não sei que estou lá. É como um vazio, um vazio de... energia, eu acho. Estou... estou afogando nele, sendo puxada por baixo.” Ela estremece e sacode os ombros.

“Você sente o frio?”

“Não”, ela diz.

Ficamos lá encarando a mancha de sangue.

“Eu existo... e ainda assim não existo.”

“Limbo?” perguntei.

Ela dá de ombros. “Eu pensei que quando morresse finalmente iria descobrir se o chefão existe. Bem, odeio ter que lhe dizer, mas não descobri. Ainda não.”

“Tudo bem, não me importo com o suspense”, digo.

Sorrimos uma para a outra. Uma pausa paira entre nós e os sorrisos desaparecem de nossos rostos. Nós duas percebemos, ao mesmo tempo, que essa é a primeira vez que mencionamos o *outro mundo* para a outra. Essa é a ponta do iceberg. Há muita coisa a dizer ainda. *Lacey, você deveria seguir em frente.* Eu poderia dizer isso. Eu poderia dizer para ela encontrar a paz. Mas não o faço.

“Você sabe como enfrentamos o médico sanguinário na Magdalena?” Lacey pergunta, seu olhar se direcionando para a mancha no chão.

“Sim”, digo. Levo um momento para me recuperar dos meus pensamentos.

“Bem, eu acho que devemos fazer isso de novo, mas com alguém ainda pior, dessa vez”, Lacey diz. “Acho que temos de ir contra algum tipo de espírito maligno.”

Capítulo Oito

Há tantas músicas ambientadas no calor de uma noite de verão. Canções de amor sobre sexo e romance; canções sobre o luar e as ondas suaves lambendo a praia no calor do verão. De modo engraçado o suficiente, não há tantas sobre fixar em um garoto que você nem conhece enquanto está sentada na grama ao lado da sua melhor amiga morta.

Estamos de vigia, mas o que estamos vigiando... não tenho certeza. Decidimos ficar altas. Não, não dessa forma; nós subimos uma colina que tem vista para o acampamento, o parque de diversão, e os pântanos ao redor. Agora sentamos e esperamos. Meu queixo descansa no topo dos meus joelhos descobertos enquanto meus olhos rastreiam a área ao nosso redor.

Dessa vez não há luzes de arco-íris ou música retumbante. Não há gritos enquanto os brinquedos chamam pela noite escura como trens fugitivos. O parque de diversões foi fechado por razões de segurança. Sem dúvida eu perdi Seth e ele perdeu o trabalho e o amigo.

Vai embora, Morte. Leve seus espíritos ruins com você. Deixe-me viver uma vida normal, como uma garota normal. Só deixe comigo a Lacey, viva e tocável. Abraçável. Respirável.

É uma noite quente e clara, mas as estrelas não estão tão brilhantes como estavam da rodagigante. Ainda assim, o ar parece tranquilizador, não o tipo de atmosfera que você esperaria para um espírito ruim ir em uma turbulência assassina.

“Por que o acampamento e depois o parque?” pergunto. “Quero dizer, as duas locações são bem longes uma da outra. Quando você vê filmes de fantasmas, eles estão quase sempre em uma casa mal-assombrada, certo? Não uma *cidade* mal-assombrada.”

“Talvez ela tenha se agarrado a você. Quero dizer, você é uma humana que pode ver fantasmas. Isso é bem especial, certo? Não deve acontecer com muita frequência. Ou talvez ela tenha *me* sentido. Eu a senti tentando me alcançar. Acho que ela está solitária.”

“Precisamos descobrir se ela já matou antes”, penso. “Ou há quanto tempo ela morreu. Se vamos atrás dela, precisamos descobrir o máximo que pudermos sobre ela.”

“Joga no Google”, Lacey diz. “E por que você não procura o Seth no Google ao mesmo tempo?”

“Porque isso é perseguição”, respondo.

“Então, o que diabos ficamos fazendo o dia todo? O que foi aquilo de perambular pela cidade obsoleta procurando mecânicos aleatórios?”

Mostro o dedo do meio para Lacey e puxo meu celular do bolso do shorts. “Uh, veja só. Eu tenho sinal aqui.”

De acordo com a Wikipédia, o Acampamento Cinco Brejos tem tido uma pequena quantidade de mortes incomuns nos últimos anos, suficiente para ser notada e suficiente para atrair um grupo estranho de góticos no mesmo lugar todo ano, um pouco como Whitby.

“Então, é por isso que há aquele grupo de crianças emos perto do trailer”, digo. “Eles estão aqui para algum tipo de caça-fantasma.”

Lacey se inclina sobre o meu ombro, lendo a passagem do texto comigo, sua forma espectral fazendo meu corpo sacudir com o arrepio.

“Cinco Brejos tem sido o lugar de suspeitas visões de fantasmas desde a morte de Amy Willis, doze anos, morta no pântano. Eles nunca pegaram o cara que fez isso”, Lacey lê em voz alta. “Eca, isso é horrível. Não é de se estranhar que ela esteja tão irritada. Isso foi há cinco anos. E nos últimos cinco anos houveram três mortes acidentais — a criança do outro dia soma quatro—”

“Damo soma cinco”, acrescento.

“Certo”, Lacey diz. “De acordo com isso aqui, a primeira morte ocorreu quando o trailer desabou em Matthew Waters, vinte e cinco anos, esmagando-o até a morte. Então, um ano depois, Devendra Singh, sessenta e três anos, caiu do telhado do escritório do acampamento, mergulhando em direção à morte no estacionamento—”

“Como o garotinho.”

“Teve o Steve Grayson — ele morreu *estacionando seu carro*. Aparentemente, o veículo perdeu o controle e atingiu uma árvore.”

“O quê?” digo. “Como você perde o controle estacionando o carro?”

“Exatamente. Eles acharam que foi suicídio, mas ele... ah, foi triste... foi uma hora antes de seu casamento, ele saiu para tirar o carro e dar espaço no estacionamento, a próxima coisa que se sabe? Ele está envolto numa árvore.”

“Isso é horrível.” A temperatura cai enquanto penso nos últimos momentos do pobre rapaz. Será que ele pensou na noiva? Será que chorou? Será que seu fantasma lutou enquanto ele era sugado no abismo de Lacey, afundando em energia?

“Então, esses são os três. Todos homens”, digo. “Você acha que isso é significativo?”

“Poderia ser”, Lacey responde. “Ela foi provavelmente morta por um homem.”

“Ela está se vingando. Mas o garotinho... Ele não mereceu isso. Ele era uma criança — um inocente.”

“E ela também”, Lacey aponta.

Coloco o celular no modo de descanso. Não quero olhar mais para a tela, não quero ver aqueles nomes, imaginar as vidas das pessoas que ela tirou. Só então me lembro...

“A Coisa”, digo.

“Que coisa?” Lacey pergunta.

“Eu vi uma delas. Você se lembra na Magdalena, eu lhe disse sobre aquelas criaturas que eu vejo, aquelas que entregam avisos?”

“Sim?”

“Uma delas me deu uma charada:

Oculto na sombra,

Oculto na luz,

Ela leva as vidas

Para se fortalecer.

“Oculto. Isso pode significar escondida, né? *Oculto na sombra, oculto na luz*. Ela se esconde de dia e à noite? Isso não nos diz muito. Todos os fantasmas fazem isso. Eles se escondem em seus diferentes planos e saem quando querem”, Lacey diz. “Acho que poderia significar que ela é tão perigosa durante o dia quanto à noite. Quando o sol se põe eu ganho uma leve onda de energia. Isso me faz sentir mais viva.” Seus olhos suavizam. Eu teria pensado que ela estava prestes a chorar, se não fosse um fantasma. “Talvez Amy seja tão forte durante o dia como à noite. Isso explicaria como ela mata em plena luz do dia.”

Concordo com a cabeça. “E a outra parte: *Ela leva as vidas para se fortalecer*. Matar pessoas a faz mais poderosa.”

“Se isso fosse verdade, ela não estaria matando o tempo todo? Só aconteceram uma mão cheia de mortes nos últimos cinco anos.”

“A menos que algo tenha mudado.” Encaro as luzes no acampamento lá embaixo. “Não sabemos o suficiente sobre fantasmas. Não sabemos como eles mudam com o tempo. Você tem sido um fantasma

por alguns meses, mas há coisas que ela consegue fazer que você não. Isso significa que alguns fantasmas são mais poderosos do que outros, e talvez eles possam ficar mais poderosos com prática.”

“Não sou especialista, mas reconheço que um carro é mais difícil de controlar do que tombar um trailer. E uma roda-gigante é ainda mais difícil, imagina todas aquelas alavancas e botões. Além disso, ela era forte o suficiente para quebrar as correntes do carrinho e desconectar parte da roda.” Os olhos de Lacey se arregalam. “O poder dela está crescendo e, se ela só percebeu agora que a morte a torna mais forte, pode ser agora que ela se torne ainda mais assassina.”

“Isso significa mais mortes.” Meus ombros desmoronam quando percebo o que estamos enfrentando. “Então, como a detemos?”

“Hmm, joga no Google?” Lacey sugere dando de ombros de forma apologética. Ela balança um dedo para mim. “Mas o que quer que seja, você não vai testar comigo.”

Fico de pé. “Combinado.”

“Onde vamos agora?” Lacey pergunta.

Não consigo abafar o berro. “Discoteca. No acampamento.”

Lacey se curva gargalhando. “Tá brincando, né? Uma discoteca? Quantos anos você tem?”

“Minha mãe acha que eu posso encontrar um ‘bom menino’ para me fazer esquecer o Seth.”

“Uau, até sua mãe sabe que a sua vida amorosa está medonha. Qual é a sensação?”

“Se eu pudesse dar um soco em você agora mesmo, eu com certeza o faria.”

“Dê o seu melhor”, ela diz com um gracejo.

Giro a cabeça e levanto os ombros para me aquecer. Lacey fica de pé em minha frente, parecendo mais sólida do que antes. Mas eu sei que meu punho não irá conectar em nada. Contudo, talvez sinta um calafrio e um choque.

Eu encolho o cotovelo, levanto o braço e o mergulho para a frente, esmagando o rosto da Lacey. Claro, meu punho passa direto por ela, jogando-me para a frente. É nesse momento que eu perco o equilíbrio e vou de cara na grama, com a risada suave da minha melhor amiga morta como trilha sonora. Meu pobre corpo machucado já aguentou o suficiente de eu sendo lançada ao chão.

“Argh, essa foi pior que a última vez”, digo.

“Você sentiu um calafrio?” ela pergunta.

“Frio como gelo.”

“Ah, cara, eu queria poder ajudá-la com isso agora. Mas eu queria ainda mais ter filmado isso.”

Eu me arrasto para poder ficar de pé. “Nunca me deixe fazer isso em público.”

“Combinado”, ela diz.

No caminho de volta ao acampamento, eu me vejo paralisada pelos pântanos escuros ao meu redor. Deve ser um lugar solitário para se morrer — um lugar assustador. Por mais horrorizada que eu esteja sobre as mortes nos últimos cinco anos, meu coração se arrasta quando penso naquela garotinha, traída por alguém da pior maneira possível. É horrível demais pensar nisso. Isso o faz perder a esperança na humanidade, faz você imaginar se há algum bem no mundo.

Lacey decide que o vazio é melhor que um DJ que anuncia as dedicatórias de música com uma voz de “rádio” e desaparece por um momento. Provavelmente é melhor assim, porque é muito mais fácil agir normalmente em público quando ela não está ao redor, e eu já percebi minha mãe me olhando, de vez em quando, sua sobrancelha dobrada como se ela tentasse me examinar.

A música retumba alto saindo da sala de convenções do hotel e a fumaça de churrasco flutua no ar. Garotas pré-adolescentes ficam aos risinhos e correndo ao redor do prédio, sendo perseguidas por um garoto com as duas mãos fechadas juntas como se protegesse algo dentro.

“Ele tem uma aranha!” uma das garotas grita sem fôlego.

Quando sorrio para ela, penso na garotinha fantasma lá fora, sozinha e amedrontada e homicida. Puxo meu cardigã em volta dos ombros enquanto vou andando até o pequeno pátio fora da sala de convenções. Meus pais estão lá fora conversando com um casal mais velho, ambos segurando alguma bebida. Eles me apresentam com uma batidinha entusiástica nas costas e eu sorrio e aceno junto até o final.

Meu pai e eu vamos até a churrasqueira, o cheiro de hambúrguer quase queimado como o canto da sereia. Minha mãe nos tem em uma dieta saudável por noventa por cento do ano. Estamos sempre em parceria quando se trata de descobrir as guloseimas mais próximas.

“Queijo?” ele pergunta.

“Pode encher”, respondo.

“Você está bem, Mares? Tem sido umas férias bem estranhas até agora, né?” ele diz.

“Estranha é modo de dizer. Nem todas as férias começam com a morte de uma criança.”

“Se isso a incomoda, nós podemos voltar para casa, você sabe. Sua mãe se sente horrível por isso. Ela nunca diria, obviamente...”

“Não, tudo bem, pai. Eu quero ficar.” Concordo com a cabeça e mergulho os dentes no hambúrguer, saboreando a gordura enquanto posso. Após uma pausa para me permitir mastigar, acrescento, “Não é tão ruim assim, aqui”.

“Só queremos que você esteja feliz. Queremos você saindo e fazendo amigos, sabe, depois de tudo que aconteceu neste ano.” Ele força um riso e me puxa para um abraço de um braço só.

Reviro os olhos. “Pai, eu tô bem. E eu já sou velha demais para esses abraços.”

“Você nunca é velha demais”, ele responde. “Falando em velha, é melhor eu encontrar sua mãe.” Ele aponta para mim com falsa seriedade. “*Não* diga a ela que eu disse isso.”

“Seu segredo está a salvo”, respondo.

Meu pai se infiltra na multidão de pessoas em férias e eu termino meu hambúrguer enquanto assisto às pessoas ao meu redor. Há uma vantagem na discoteca — ela trouxe os góticos. Minha mãe parecia um pouco incomodada quando eles chegaram. Acho que ela imaginou o lugar cheio de família de classe média com filhos adolescentes, não um mar de delineador preto e piercings.

As portas da sala de convenções estão abertas e eu fico de pé, mastigando meu hambúrguer, assistindo aos jovens pulando para cima e para baixo ao som de One Direction da segurança da área do pátio. A maioria dos góticos ficam juntos, bebendo cerveja.

Minha mãe está mais bêbada do que eu havia imaginado. Ela tem uma garrafa de vinho em uma mão e está puxando meu pai para a pista de dança quando começa ‘I Kissed a Girl’ da Katy Perry. Aparentemente, ela sabe a letra toda.

“Eles são seus pais?”

Eu me viro e vejo um garoto, com alfinetes de segurança transformados em um colar, de pé perto de mim. Ele tem cabelo preto, um piercing no lábio e o tipo de tatuagens malfeitas no braço que me faz sentir saudades do Seth e sua tatuagem artística. Ele tem um leve sotaque de Birmingham com suas vogais cantadas e tom baixo. Sempre me fascinou como as pessoas de Birmingham têm vozes que quase soam como um piano desafinado.

“Sim. Maior vergonha.”

Ele dá um sorriso forçado. “Eu acho que eles são fofos.”

“Eu acho que eles dão vontade de vomitar.”

“Você é engraçada”, ele diz, embora tenha soado mais como “ocê engraçad-aa”. “E excêntrica. Gosto disso.”

“Excêntrica?” pergunto.

“Sim, sabe, sua aparência. O cabelo escuro e a palidez. Essa expressão distante sua. É bem sexy.” Ele sorri de uma forma não-ameaçadora.

“Ah, eu tenho namorado”, minto.

“Sim, eu também”, ele diz. “Eu só queria que você soubesse.”

“Ah, bom, obrigada. Você fez minha noite.”

“Feliz em servir.” Ele levanta a cerveja em um cumprimento de brincadeira. “Quer uma bebida?”

“Medicação,” respondo. Tecnicamente, não estou tomando, mas não ia descer bem com os pais se eu começasse a beber na frente deles.

“Tendi.”

“Então, o que o traz ao Cinco Brejos? Parece um lugar estranho para uma excursão gótica, sem ofensas.” Claro que eu sei porquê, mas quero descobrir se eles sabem mais sobre Amy Willis e seus assassinatos fantasmagóricos.

“O quê? Você não sabe?”

“Sei o quê?” dou de ombros.

“Esse lugar é super assombrado. Uma garotinha foi morta por um assassino psicopata há uns cinco anos. Desde então, ela tem matado homens por vingança.”

“Sério?”

“De acordo com a lenda, se você vir a Pequena Amy e sobreviver, você está destinado a boa sorte pelo resto da sua vida”, ele continua.

“Você tem que dizer o nome dela três vezes no espelho?”

Ele me dá um tapinha no braço de brincadeira. “Nah, nada do tipo. A Pequena Amy não precisa de efeitos, ela é real. Você não *sente*?”

“Sinto o quê?” pergunto.

“A atmosfera, cara. Fica zunindo com isso. Há o fedor de morte por todo este lugar. Chegamos aqui no mesmo dia que aquele molequinho morreu. Jesus, aquilo foi tão cruel. Eu vim para cá com o pessoal para darmos umas risadas, meio que desligar. Então, isso aconteceu e tudo desmoronou, a compreensão de que isso não é uma piada. A Pequena Amy está lá fora e está mesmo matando gente.”

“Então, por que vocês não foram embora?”

“Sei lá”, ele diz. “Por que as pessoas ficam encarando acidentes de carro, ou assistem àquele programa de pessoas que perderam toda a grana até virar um desastre? Porque não *conseguimos desviar o olhar*. Quando não está acontecendo conosco, isso nos lembra de que estamos vivos, sabe?”

“A menos que ela mate você”, eu o lembro.

“Sim, tem isso. Mas a outra parte é viciante.”

Concordo. Entendo. Não gosto disso, mas entendo. E isso faz meu estômago se revirar.

Lá dentro, a discoteca continua. Eu pergunto ao garoto seu nome; Neil. Meu pai traz minha mãe de volta para o trailer. Eu decido lhes dar um pouco de privacidade... só para garantir... vom.

As luzes na discoteca começam a piscar. Então, as luzes se apagam por uns cinco segundos, fazendo todo mundo lá dentro gritar um *ooooooooow*. Quando as luzes voltam, por cerca de um segundo, vejo uma forma, bem no meio da multidão.

Uma garota.

Vestido sujo, cabelo bagunçado, sangue na borda do vestido e pingando pelos seus braços. Seu cabelo pendura no rosto, cobrindo os olhos. Ela é uma visão de cromáticas em uma cena de cor, exceto pelo vermelho do sangue.

Ela está se revelando para mim. Por quê?
Isso é um desafio?

Capítulo Nove

Eu sei por experiência própria que monstros podem existir de dia como à noite. Então, no dia seguinte, estou de guarda, principalmente após a conversa com Neil. Aquela noite eu me abracei por todo o caminho de volta ao trailer, desejando que a Lacey estivesse lá comigo. Deitei na cama e encarei o teto, imaginando a Pequena Amy sobre mim, seus braços se esticando até mim, o sangue pingando no meu nariz. Quando fechei os olhos, eu a vi. Quando os abri, eu a vi. Mas eu sabia que ela não estava ali, porque eu não conseguia senti-la.

Ela está na minha cabeça agora.

Ela montou acampamento lá.

Lacey anda comigo pelo trailer, ouvindo enquanto lhe conto sobre a Pequena Amy e o que Neil disse. Eu finjo falar ao telefone para podermos conversar sem ninguém ficar olhando.

“Tem que haver um motivo para ela ter se revelado para você. Talvez ela pense que você esteja tentando pará-la. Talvez ela vá agir”, Lacey diz.

Concordo. “Onde você estava ontem à noite? Naquele lugar de novo?”

“Não.” Seus olhos se abrem e brilham com empolgação. “Eu estava praticando.”

“Praticando o quê?”

“Mover coisas, tocá-las. Percebi que se vamos enfrentar algum fantasma eu deveria tentar isso, assim sou mais forte.”

“E como foi?”

Ela acena para mim, chamando-me. “Vem, vamos voltar para a colina. Quero lhe mostrar.”

Lacey corre a toda velocidade, seu corpo se movendo com espasmos, como a maioria dos fantasmas fazem quando se movem. A primeira vez que vi um fantasma tremeluzir assim eu fiquei aterrorizada até os ossos. Agora, acho que me acostumei. É irritante, contudo, porque você praticamente tem que correr ainda mais rápido para seguir o ritmo.

Na metade da colina, no ponto em que minhas pernas estão gritando e minhas costas doloridas doem demais para continuar, viro para ver os pântanos lá embaixo, onde Amy Willis encontrou seu destino nas mãos de um sádico assassino. Eu teria doze anos quando isso aconteceu.

Um arrepio me percorreu.

Temos a mesma idade. Mas ela está morta há cinco anos — sozinha — com sua última memória das pessoas ligada à dor e ao sofrimento.

“Oi? Você vem?” Lacey chama.

Viro de volta para a minha melhor amiga e sinto uma pontada no peito. Quanto tempo vai levar para a Lacey ficar tão deformada quanto a Amy? Quanto tempo? Será que vai levar assistir a suas amigas e família crescerem e seguirem em frente?

“Sim, estou indo”, digo. Tento engolir os pensamentos, mas me vejo tossindo como se eles estivessem presos em meu esôfago.

“Ok”, ela diz. “Não fique muito empolgada. É só uma coisinha.”

Lacey anda em direção a uma pedra quase do tamanho do meu punho. Ela estica o pescoço de um lado para o outro, então dá alguns pulinhos, preparando-se mentalmente. Daí, ela se inclina para baixo, estreita os olhos e recolhe a pedra com a mão. Na primeira tentativa, sua mão se arrasta pela pedra como vapor. Ela limpa a garganta, aperta o maxilar e encara a pedra como se fosse sua

inimiga. Então, ela se inclina para baixo novamente, curvando os dedos para pegar a pedra, mas mais devagar dessa vez. Seus dedos se conectam e a alcançam.

Ofego. “Você está conseguindo.”

Lacey continua para mover a pedra para a frente, cutucando-a com os dedos. Leva algumas tentativas, mas em algum momento ela a levanta no ar.

“Isso é incrível, Lacey”, digo, genuinamente surpresa.

“Leva uma porrada de concentração”, ela diz. “Olha só isso.”

A forma de Lacey tremeluz e desaparece, deixando a pedra flutuando no ar.

“Uau”, respiro.

A pedra cai na grama coberta de musgo com uma pancada. Lacey reaparece.

“Ainda estou praticando. Bem legal, né? Assim, eu a protejo. Posso jogar pedras em qualquer idiota que a chatear.” Ela flexiona os músculos e dá risada.

“Então, como você faz para desaparecer?” pergunto.

“Bem, é tipo como se tivessem quatro canais. Há o estranho vazio que eu lhe falei, há algo parecido, mas, sabe, não visível, nem mesmo a você. Daí, eu posso aparecer para você, que é como eu sou sem concentração.” Ela interrompe em um sorriso. “Há mais um.”

“Aparecendo para pessoas comuns?” pergunto.

“Aham”.

Fico boquiaberta. “Você consegue fazer isso?”

Ela concorda com a cabeça. “Eu tentei. Tinha um moleque, atrás do acampamento, mijando. Eu apareço, digo a ele que ele é nojento por mijar em público. O garoto quase se cagou de medo. Foi hilário.”

“Lacey! Tome cuidado.”

“Por quê?” ela ri. “O que vai acontecer? Eu estou morta! Não é como se alguém pudesse me machucar, ou me prender, ou sei lá. O jeito que vejo isso é: posso aproveitar ao máximo essa brincadeira. Posso amedrontar as pessoas que merecem. Sou como os fantasmas nos livros do Dickens, arrastando correntes e essas coisas.”

Balanço a cabeça, estupefata. “Você é maluca.”

Seu sorriso desaparece. “Estou falando sério. Você precisa de proteção. Amy se revelou para você. Isso significa que ela vai agir. Precisamos nos preparar. Precisamos saber mais sobre o meu tipo e como nos parar. Você precisa fazer alguma pesquisa.”

Seu tipo soa tão estranho, como se ela fosse uma alienígena.

Dou de ombros. Esse encargo todo, essa coisa de entrar em contato com fantasmas, é como um peso morto em meus ombros, empurrando-me para baixo. “Como?”

“Você poderia começar com o seu novo amigo gótico”, ela sugere.

Acho que é um bom lugar para se começar mesmo.

*

Respiro e o ar cheira a musgo quente. Meus dedos deixam rastros pela folhagem de arbustos impecavelmente aparados que levam ao estacionamento do Cinco Brejos. Pássaros tocam uma melodia nos fios telefônicos acima da minha cabeça. Deixei a Lacey praticando com as pedras na colina. Ela tinha um olhar maníaco nos olhos, empolgada com a possibilidade de segurar e ler livros. Entristece-me que algo tão simples é tudo o que ela aguarda ansiosamente agora.

O sol do meio-dia brilha intensamente, forçando-me a usar os óculos de sol que sempre carrego na bolsa. Não gosto de usá-los. Eu preferiria ver o mundo como é; experimentar as cores como existem, não por um filtro; certamente não através de lentes. Eu quase não tiro fotografias.

Quando termino de ajustar os óculos para que eles não descansem em minhas têmporas — por que os óculos são tão estreitos? Eles me dão dor de cabeça — tamanha que vejo alguém que faz meu coração cair ao joelho.

Seth.

Eu reconheceria aquela silhueta em qualquer lugar. Está impregnada em minha memória, tão vívida como o sangue nos braços da Pequena Amy. Ele senta, pernas cruzadas, em um banco de piquenique à margem do acampamento. Em vez de encarar a distância, como ele fez nas últimas duas vezes que o vi — as *únicas* duas vezes que eu já o vi — ele tem um livro na mão, e parece distante nas páginas, perdido nas palavras.

Quando me aproximo, percebo que ele está lendo *Dublinenses* — uma estranha escolha para um mecânico. Erudito. A cópia está danificada e as páginas soltas em suas mãos como se tivesse aberto e dobrado muitas vezes.

Tenho que limpar a garganta para chamar sua atenção. “Ei.”

Ele olha para cima por debaixo daqueles cílios macios que fazem meu coração se agitar. “Ei.”

Mexo na alça da bolsa e transfiro o peso de um pé para outro, imaginando se devo me sentar ao lado dele ou continuar de pé... ou o quê. “Como você veio parar aqui?”

“Estou procurando você”, ele diz. Sua voz denuncia nenhuma emoção, mas não soa irritada ou amarga, não como a última vez que o vi. “Eu queria pedir desculpas. E ver se você está bem”.

“Como você me encontrou?” pergunto.

Ele protege os olhos do sol, o livro ainda na outra mão. “Eu fui a alguns lugares locais, mas nunca a vi. Você mencionou que estava por perto e de férias, então... Eu acho... tentativa e erro.” Aquele sorriso envergonhado está de volta, derretendo a barreira de gelo que eu criei para me proteger.

“Pelo que você quer pedir desculpas?” pergunto, tentando não sorrir sobre sua confissão. Eu havia feito basicamente a mesma coisa desde que nos encontramos, andando pela cidade, xeretando os mecânicos ao redor.

“Eu não tinha o direito de falar com você daquela forma. A morte de Damo foi um choque e eu recebi muito mal.” Ele solta o ar, encarando a grama. Quando ele volta a olhar para mim, seus olhos são macios, aqueles olhos de cachorrinho dos quais me lembro. “Isso não justifica. Eu fui um imbecil, desculpa. Você quase morreu naquela armadilha de morte e eu a coloquei lá.”

“Sinto muito pelo Damo”, digo. “Mas fui eu quem o convidou para ir no brinquedo. Não é culpa sua”. Pauso. “Sinto muito pelo parque de diversões. Parece que eles fecharam.”

Ele dá de ombros. “Não sinta. Finalmente, estou longe daquele lugar.” Ele esfrega a barba rala e transfere o peso de forma estranha. “Eu nunca deveria ter aceitado aquele emprego desde o início. Eu nunca confiei nele.”

Eu me aproximo, minha perna encostando no braço dele. “Quem?”

“Davis, o proprietário. Maldito charlatão. Ele não dava a mínima sobre segurança. Eu deveria saber, eu deveria ter—” Ele bate o livro contra a coxa e fecha os olhos. Eu dou um passo para trás e o comportamento de Seth muda imediatamente. “Sinto muito. Estou uma confusão agora. Eu não deveria ter vindo.” Ele se levanta para ir embora.

“Não, espere.” Sem pensar, avanço e coloco a mão em seu braço. Os pelos macios de seu antebraço fazem cócegas em minha palma.

Meus olhos vagueiam pelo braço dele, subindo até a barba rala em seu queixo e, então, seus olhos. Seu olhar se direciona ao meu ao mesmo tempo e aqueles longos cílios se partem, mostrando-me suas íris de casca de coco. Suas pupilas dilatam. Ou é minha imaginação? Como se eu pudesse estar imaginando o calor se espalhando em meu corpo?

“Não vá”, digo. “Eu...” O quê? Eu o acabei de conhecer e penso nele... o tempo todo. Basicamente sempre que não estou pensando em fantasmas assassinos. “Nós...”

“Mary! Iuuhuuu!”

“Ah, merda”, digo.

Vestindo um biquíni que na parte de cima mostra muitas linhas de bronzeamento, calcinha de biquíni e, sem brincadeira, uma *viseira verde neon*, minha mãe acena para mim enquanto vem arrastando o pé com o meu pai. Largo minha mão do braço de Seth.

“O que foi?” Seth diz. Seus olhos são levados preguiçosamente até minha mãe e depois voltam para mim. Ele faz isso duas ou três vezes e, então, os cantos da boca dele se contorcem. “Aquela é a sua mãe, né?”

“Como você adivinhou?”

“Vocês se parecem.”

Aperto os olhos para ele. “Já matei pessoas por menos.”

“Desculpa.” Ele dá risada de leve. Isso faz meu coração decolar só de finalmente vê-lo sorrir. Ele enfia a cópia gasta de *Dublinenses* no bolso de trás do jeans e se endireita em pé.

“Mary, você não me ouviu chamando?” minha mãe pergunta, sem ar depois da corridinha até aqui.

“Hmm...” digo.

Ela evita falar sobre a estranha pausa. “E quem é esse?”

Antes que eu possa falar, Seth estende a mão. “Eu sou o Seth.”

Os olhos da minha mãe brilham com compreensão. Olho para o meu pai, seus olhos estão muito bem fixos nas tatuagens de Seth. Ele endireita as costas, pondo para fora a barriga de cerveja, e enrugando as sobrancelhas. Eu conheço *aquela* olhar de desaprovação.

“Prazer em conhecê-lo, Seth”, minha mãe continua. “Bem, olha só.” Ela diz, olhando para o nada. “Já passou do meio-dia e está na hora do almoço. Por que você não se junta a nós, Seth? Estou fazendo sanduíches de bacon. Eu normalmente não faço, mas como estamos de férias, e tendo companhia e tudo o mais...”

Traço uma linha em meu pescoço, tentando desesperadamente interrompê-la. Que diabos? Ela só acabou de convidar meu pai para uma única noite, que pode ou não me chamar para sair de novo, para almoçar... *com os meus pais*.

Como se não pudesse ficar pior, meu pai se intromete, “Sim. Por favor, junte-se a nós”. Ele abaixa o olhar e lança um olhar mortal para Seth. “Então podemos descobrir tudo sobre você.”

“Eu... hmm... por que não?” Seth dá um olhar desesperado junto com um sorriso fraco.

Minha mão atinge a testa. Jesus. Pobre Seth.

Capítulo Dez

Vinte minutos e minha mãe não parou de falar, minhas bochechas estão um vermelhão brilhante, e meu pai encara Seth, claramente fazendo o seu melhor para não piscar. Deveria ser um desastre... mas não é.

Naqueles vinte minutos, aprendo mais sobre ele do que em todo o nosso encontro na outra noite.

“Então, o que você faz, Seth?” minha mãe pergunta.

“Estou trabalhando como mecânico por enquanto. Mas eu gostaria de refazer minhas provas finais e, não sei, ir para uma escola de artes ou algo do gênero.”

“Não é um trabalho muito estável”, meu pai diz. “Como você propõe fazer uma carreira após a *escola de arte*?”

“Pai!” digo.

“Simon!” minha mãe diz.

Ele olha para nós duas como se não entendesse o que acabara de fazer. Minha mãe lhe lança um daqueles olhares duros.

“Bem, eu pensei sobre design gráfico. Há algumas posições de tempo integral nessa área”, Seth responde. Ele não parece particularmente chocado ou deslumbrado com a grosseria de meu pai. Acho que meninos estão acostumados a examinar uns aos outros.

“Onde você mora?” minha mãe continua sua linha de questionamento.

“A alguns minutos fora da cidade.”

“Com quem?” ela pergunta, boca cheia de bacon e pão. Eu me encolho de medo, desejando que o almoço acabe o mais rápido possível.

“Minha mãe.” Ele disse com alguma hesitação, mas então engoliu em seco, o que me faz pensar que há mais à história.

“Só sua mãe?”

“Meu pai morreu quando eu era jovem.” Sua coluna se enrijece e ele se mexe na cadeira. As perguntas pessoais devem deixá-lo desconfortável.

Minha mãe está se enamorando por ele mais rápido do que eu. “Pobrezinho. Pegue mais alguns cogumelos.”

Seth lança a ela seu sorriso travesso. “Obrigado!”

É provavelmente uma boa ideia que a gente namore, porque do contrário acho que minha mãe o teria adotado.

“Quantos anos você tem?” ela continua.

Minha vez de me enrijecer. Eu menti sobre a minha idade e não faço ideia de quantos anos ele tem. Ele parece ter vinte. Por favor, não seja mais velho, meu pai vai ter um ataque do coração.

“Vinte. Faço vinte e um no sábado.”

“Sério?” eu deixo escapar.

Seus olhos obscurecem. A princípio acho que é a sombra de uma nuvem de chuva acima de nós, mas há definitivamente um brilho em sua expressão — o equivalente humano à ameaça de chuva ou um sinal de advertência. “Sim.”

“Um mecânico, hein?” meu pai pergunta. Ele lança ao Seth um olhar gelado. Parte de mim quer afundar no chão. Ele é tão inoportuno. “Então, o que você estava fazendo no parque de diversões sozinho?”

“Ah, eu não estava sozinho”, Seth responde. “Eu trabalho lá.”

Rudimentos de vermelho colore o pescoço e as bochechas de meu pai. “Você trabalha no parque de diversões também?” Ele encontra meus olhos e eu encaro minha comida. “Mary esqueceu de nos mencionar isso.”

Seth solta uma risada nervosa. “Não se preocupe, não planejo trabalhar lá para sempre. Estou tentando juntar dinheiro no momento.”

“Isso é muito admirável, querido. Por que vocês dois não vão dar uma volta no acampamento?” minha mãe diz. “Tenho certeza de que você já se cansou de nós fazendo barulho por nada e lhe estressando.”

“Não acho—” meu pai começa.

“Isso seria ótimo, mãe, obrigada.” Já estou de pé empurrando a cadeira de volta.

“Obrigado pelo ótimo almoço”, Seth diz, evitando contato visual com o meu pai.

“De nada. Agora, tomem cuidado.” Minha mãe encara o céu. “Parece chuva.”

Nós acenamos nos despedindo e saímos do trailer, deixando meus pais em seus móveis de jardim de plástico. Consigo ouvi-los discutindo baixinho. Minha mãe murmura, “Não seja ridículo, Simon”, e faz barulho com a língua.

“Sinto muito por isso”, digo. “Aposto que você não pretendia comer com os meus pais quando veio me procurar.”

“Você tem uma linda família”, ele diz. Continuamos pelo caminho de cascalho até o terreno pantanoso mais próximo. Depois de uns instantes, ele coloca a mão em meu braço e me vira. “Quantos anos você tem? Diga a verdade dessa vez.”

“Dezessete”, admito.

Ele solta um longo suspiro. “Dezessete é legal. Mais nova que isso? Não é legal, mas dezessete tá tudo bem. Incomoda você que eu seja mais velho?”

Dou de ombros. “A maioria dos garotos da minha idade são como aqueles moleques do parque. Você certamente não os encontraria lendo James Joyce à luz do sol.”

Seth dá risada de novo. “E se eu estivesse tentando impressioná-la?”

“Você estava?” Começamos a andar de novo, chutando as pedras com os dedos dos pés.

“Talvez.”

Sorrio para os meus tênis. “Vamos andar no pântano”, digo. “Dane-se a chuva.”

“Tudo bem”, ele responde.

Ele me ajuda a escalar a cerca entre o acampamento e os terrenos pantanosos se estendendo além dela. Eu poderia me acostumar àquelas mãos fortes em meus braços.

Andamos com o meu ombro esfregando no braço dele. Ele não estende a mão para alcançar a minha. Ele não passa o braço sobre meu ombro ou ao redor da minha cintura. Há sempre essa distância respeitosa que faz a paranoia em mim imaginar se ele está mesmo interessado.

Ele sentou por trinta minutos de conversa fiada com a sua mãe. Claro que ele está interessado.

“O que você vai fazer para comemorar os vinte e um anos?” A grama no pântano é esponjosa sob os pés. Eu falo enquanto venço o desejo de me jogar no chão e balançar.

Aquele olhar obscuro volta. “Nada.”

“Nada mesmo? Você não quer uma festa com os seus amigos?” pergunto.

“Não tenho nenhum amigo.” Ele enfia as mãos no jeans.

“Você tem colegas de trabalho—”

“Eu não quero falar sobre o meu aniversário”, ele quebra o assunto.

“Então, não deveria ter trazido à tona durante o almoço”, devolvo.

Paramos de andar e encaramos um ao outro. Meu coração espancando. Estou dividida entre querer lutar com ele e querer beijá-lo, agarrar seu cabelo escuro e puxá-lo a mim. Seth está quieto. O leve sinal de mau humor desaparece tão rápido quanto veio. Seus olhos voltam para o estado preguiçoso, meio fechados.

“Você está certa, eu não deveria”, ele admite. Ele solta uma risada curta. “Sou um idiota.”

“Exibido”, digo, um sorriso brincando em meus lábios.

“Certa de novo.” Ele devolve o sorriso e nós dois rimos juntos.

Com o momento passado, voltamos ao pântano e passeamos juntos, lado a lado. Não consigo compreendê-lo. Às vezes ele não parece interessado, e ainda ele faz coisas como aparecer no acampamento e concordar em almoçar com os meus pais. Ele passou o tempo inteiro sendo educado e cortês, então é claro que ele gosta de mim? Ainda assim, ele está sempre retendo algo. Talvez eu esteja colocando significado demais a isso.

“Então, você está estudando para as provas finais?”

“Sim”, digo. “Estou—”

“Não, espera, deixe-me adivinhar”, ele diz. Paramos novamente e viramo-nos para o outro, dessa vez sem olhar fixo. “Literatura inglesa.”

Reviro os olhos. “Essa é óbvia.”

“Como?”

“Eu comentei sobre o livro que você estava lendo”, digo.

Ele sorri. “Tudo bem, acho que essa era bem fácil. Ok, mas, eu vou correr o risco aqui e chutar que você está estudando quatro matérias.”

“Continue...”

“Você é uma garota inteligente e é pensativa... então... filosofia?”

Balanço a cabeça.

“Psicologia?”

Concordo, com um pequeno sorriso.

“Matemática”.

Concordo de novo. “Como você adivinhou essa?”

Ele ri. “Essa eu chutei. História?”

Balanço a cabeça.

“Geografia?”

Outro balanço. “Você é horrível nisso.”

“Espere, ok, consegui... biologia?”

“Droga, sim. Como você adivinhou?”

Ele lambe o dedo e o pressiona à testa imitando um chiado. “Não sou só um rostinho bonito.”

“Acho que não mesmo”, respondo.

“Então, você é uma *geek* reservada?” ele diz, um sorriso travesso se espalhando em seu rosto.

“Acho que sim.” Levanto as sobrancelhas para ele.

“Gosto de *geeks*. Principalmente as bem inteligentes.”

Preciso de toda a força de vontade que consigo juntar para evitar ficar rindo como uma garotinha. Limpo a garganta e tento falar sem trair o efeito que as palavras dele, sua mera presença, estão tendo em cada centímetro do meu corpo. “Você disse que queria refazer suas provas finais?”

“Eu fiz besteira na primeira vez.” Ele desvia o olhar para o terreno pantanoso se estendendo ao longe, o vento ondulando seu cabelo. “Eu me distraí, acho. Não parecia importante naquela época. Eu queria trabalhar com as mãos.” Ele encara as palmas voltadas para cima.

“O que você vai estudar?” pergunto.

“Você não vai adivinhar?”

“A primeira é óbvia.” Olho a linha de pássaros viajando em seus braços e o padrão intrincado de folhas se misturando ao antebraço. “Artes. E literatura inglesa, porque, você sabe, o livro.”

Ele concorda.

“E você é mecânico, deve gostar de engenharia, então... física?”

Ele balança a cabeça.

“Química?”

“Não.”

Penso nos leves calos em seus dedos enquanto ele me ajudava a pular a cerca, assim como as notas musicais tatuadas em seus pulsos. “Música.”

“Sim”, ele responde. Suas sobrancelhas estão levantadas em surpresa. Ele esfrega a barba rala no queixo. “Não foi mal, Mary Hades. Não foi mal mesmo.”

“Elas são todas tão criativas.”

“Mas não muito propícias a uma carreira própria. Você deve achar que eu sou um preguiçoso”, ele diz. “Eu *sei* que o seu pai acha isso.”

A expressão em seu rosto parece tão resignada que eu o alcanço e o toco de leve no braço. “Não, não acho isso de modo algum.”

Ele levanta a mão e encaixa o meu cabelo atrás da orelha.

Como o movimento de alguém pode fazer todos os seus sentidos explodirem? Os dedos dele cheiram a óleo de motor e graxa, mas eu gosto, gosto das rupturas em sua pele e dos calos em suas pontas dos dedos.

Onde ele me toca, eletricidade faísca. Ele se inclina para a frente e meu batimento cardíaco acelera.

Ele vai me beijar.

Eu meio fecho os olhos, entrando no espaço dele. Seus dedos viajam pelo meu cabelo, passando atrás do meu crânio com as pontas dos dedos. Seu polegar desenha uma linha pelo contorno do meu queixo ao mesmo tempo aumentando a sensibilidade dos nervos sob minha pele. Meu corpo se sente mais vivo do que antes. Estou dissonando. Sou um sino balançado, cheio de energia e som. O vento sussurra em meu ouvido, o frio faz cada parte descoberta de pele ter arrepios. O rosto dele está tão perto do meu que eu sinto o cheiro de um leve sopro de cigarros e menta. Nossos lábios se tocam de leve.

Chuva.

Tanta chuva.

Seth recua e vira a cabeça para o céu. “Sua mãe estava certa”.

As sombras das nuvens cobrem o rosto de Seth com a escuridão. Uma onda de trovões ecoa pelo ar. Riachos de água viajam por seu rosto, ensopando seu cabelo. Gotas de chuva se aconchegam em sua barba rala.

“Melhor voltarmos”, ele diz, quase gritando sobre o som da chuva.

Um raio de trovão sacode o céu, perto demais para nos preocupar. “Ok.”

Ele pega a minha mão e nós nos viramos para sair dali; o pântano se alongando atrás de nós. Mas quando viramos, fico cara a cara com um monstro.

Ela paira do chão, seus olhos fixos nos meus, metade obscuro pela mancha de óleo cobrindo seu rosto. O sangue vermelho pinga do vestido e dos seus dedos. Embaixo da cortina de cabelo, sua pele é pálida, quase tingida de azul-cinza. A visão dela é tão repentina que é como ouvir uma bomba

explodir por perto. O tempo para por uma fração de um segundo. Meu corpo congela e as gotas de chuva param no ar. O mundo se funde.

Ela é intacta à chuva. Claro que é.

Não me importo se estou acostumada a ver os mortos. Não me importo se sei que ela é um fantasma. Eu grito. Grito tão alto que penetra pela chuva, cortando pelo barulho do trovão. E, então, com a mão de Seth na minha, corro.

Capítulo Onze

Cientistas dizem que sob estresse extremo, seu corpo tem duas escolhas: *Lutar ou fugir*.

Da última vez que eu enfrentei um assassino — eu lutei. Estava preparada na época. Eu havia tomado a decisão de encará-lo, *lutar* contra ele. Dessa vez, Amy me pega de surpresa e me deixa reagindo de forma inesperada: correndo pela minha vida.

Seth tenta me puxar de volta, mas eu continuo correndo. Desvio da Amy e ela rosna para mim, abrindo a boca preta para revelar dentes podres. Ele me persegue. Amy fica lá me assistindo partir.

“Mary?” ele chama. “O que tem de errado?”

A chuva gruda meu cabelo, minhas roupas, minha roupa íntima ao meu corpo. Estou congelada até os ossos. Reduzo a velocidade por tempo suficiente para dizer, “Precisamos sair daqui”.

Ele se estica em minha direção novamente, mas dessa vez ele nunca chega à minha mão. Em vez disso, é arrancado de mim, jogado de lado como uma boneca de pano.

“Seth!”

Mudo de direção. Meus pés pisoteando a terra molhada, afundando na grama encharcada enquanto me apresso até o Seth. Ele está curvado no chão, sem se mexer.

E, então, Amy flutua sobre ele, seus dedos pequeninos suspensos no ar.

“Não!” grito. “Afaste-se dele!”

Eu me jogo na direção do fantasma, quase esquecendo que não posso tocá-la. Ela range os dentes novamente, virando o rosto para mim, os cachos de seu cabelo se movendo mais devagar do que o resto de seu corpo, como se estivesse desconectado das leis da física. Sua língua se contorce como uma cobra em um assobio. Eu congelo no meio do caminho e a mão dela — uma mão de criança — estende-se para agarrar minha garganta.

Ela chega a mim em um segundo, seus olhos injetados de sangue a centímetros de distância. Ela abre a boca em um assobio e sua língua sai se contorcendo de modo sobrenatural, girando em movimentos doentios e fisicamente impossíveis. Tento me afastar dela, desesperada por me afastar dessa *coisa* repugnante. Essa garota que não é uma garota, que parece que nunca foi.

Ela aperta com mais força.

Luto para respirar. Minhas mãos apertam firme ao meu lado. Estou vagamente consciente das minhas pontas dos dedos escavando a pele, mas não é nada, nada comparado à queimação em minha garganta, o aperto em meus pulmões, o medo bruto e animal que surge com a falta de oxigênio.

O cabelo de Amy levanta, movendo-se contra o vento e a chuva. Os cachos se esticam, como mil bracinhos ou cobras vivas, espalhando-se sobre ela como se ela flutuasse na água. O movimento revela seus olhos.

Aqueles olhos.

Cavernosos e pretos. Cintilando com o brilho vermelho como o de um rato. Os globos oculares injetados de sangue desbotando em sua pele azulada. Um silvo de ar escapa da boca dela, pútrido e inumano.

“Por favor...” eu consigo soltar, lutando no menor sopro de ar para continuar indo.

Ela flutua mais perto e o calafrio elétrico de sua forma fantasmagórica fricciona contra meu corpo molhado. Não consigo olhar para outro lugar além dos olhos dela, as cavernas de escuridão, loucura, procurando-me, procurando minha alma.

Há um barulho irritante como um grasnado. Levo um tempo para perceber que sou eu. Pânico enche meu peito, subindo do fundo do meu estômago. Minhas mãos se abrem e avançam, minhas unhas tentando arranhar as mãozinhas de fantasma dela, mas acabo arranhando meu próprio pescoço. Agarro o rosto dela. Não acontece nada. Não consigo me conectar... Não consigo...

A cena ensopada de cinza, coberta de nuvens esponjosas, afasta-se de mim desvanecendo em pontos pretos.

Meu corpo está se desligando, desistindo. Estou *fugindo*.

É isso.

“Mary!”

Seth.

Tento resmungar o nome dele. Mas não sei se funciona. O que ele deve estar vendo agora? Eu, morrendo sozinha, de pé em um campo. Asfixiando sem nada para me estrangular.

“Não é ela quem você quer.”

As palavras me congelam mais fundo que os ossos, fundo, fundo até a medula, em cada vaso, cada neurônio, cada receptor.

Ele consegue vê-la?

A atenção de Amy está dividida. Seus dedos deslizam e eu engulo o ar com força. Meus pulmões queimam, mas eu preciso daquele ar, estou faminta por ele. Os olhos dela ainda estão em mim, mas eu sinto a mudança, a falta de intensidade, a necessidade nela em se virar.

Ela o faz.

Seus dedos soltam minha garganta e eu deslizo vida de volta à minha traqueia esmagada.

“É isso, sou eu quem você quer, né?” Seth diz.

O que está acontecendo?

“Vem, venha a mim.”

Eu assisto ao cabelo de Amy cortando caminho na chuva. Seu vestido branco de verão se ondula em volta dela. Ela flutua.

“O que está acontecendo?” resmungo. “Você consegue vê-la?”

Mas Seth não está olhando para mim. Seus olhos estão fixos na coisa morta no meio do pântano.

“Eu sei que você me quer. Então me leve.”

Por que ele continua dizendo isso? Por que a Amy iria querê-lo?

Amy abre bem os braços ensopados em sangue. Ela é como uma marionete, sacudida por fios. O efeito da água levanta seu cabelo, espalhando os cachos. Eles são manchas de óleo ensopadas de poder, cada mecha com vida própria.

Seth voa de volta, atingindo o chão com uma pancada. De repente, a dor em minha garganta parece insignificante. Estou correndo até ele, pronta para enfrentá-la juntos. Antes que eu perceba, estou de joelhos ao lado dele, encarando o monstro acima de nós.

Há uma coisa que consigo pensar, uma coisa que pode nos ajudar.

“Lacey!” inclino a cabeça para trás e grito o mais alto possível. “Lacey!” Minha garganta está seca, é como se estivesse engolindo pedras, mas eu forço as palavras a saírem.

Então, ajudo Seth a ficar de pé, inclinando-o contra mim.

“Lacey!”

Um raio de luz ilumina Amy. Ela vira a cabeça ao redor do pescoço, a língua deslizando para dentro e fora da boca, flutuando em nossa direção. É a coisa mais repugnante que já vi.

Há um estalido. Outro estrondo de trovão. Então, Lacey.

Seus olhos estão em mim primeiro. A boca dela aberta em dúvida. Daí ela se vira.

“Putá merda”, ela diz. Mas leva muito para irritar minha melhor amiga morta. “Você deve ser a Amy. Oi, prazer em conhecê-la. Eu também estou morta, mas não tão psicótica.”

Amy range os dentes, sua língua enegrecida se contorcendo nos dentes podres. Com uma sacudida do meu almoço, percebo que ela não consegue falar. Essa qualidade humana se foi agora. Todos os traços de humanidade se foram.

Lacey e Amy ficam se medindo de cima a baixo. Não consigo ver o rosto da Lacey, só as costas dela, com os ombros alinhados. Minha mão desliza às do Seth instintivamente.

“Eu consigo ver ambas”, ele diz. Ele exala e arregala os olhos. “Quem é ela?”

“Minha amiga”, respondo. “Minha amiga fantasma.”

Há uma pergunta na ponta da língua dele, mas agora não é hora de perguntá-la. Minha amiga está em perigo e eu não sei como ajudá-la.

Amy se apressa avançando, a boca bem aberta, um guincho como um demônio ressoando pelos pântanos abertos. Seus pés deixam rastros pelo topo dos juncos cobertos de capim, pontas dos dedos sujas apontando para baixo. Lacey corre, soltando um grito de guerra, piscando enquanto se move, jogando-se na direção da garota flutuante.

Quando elas colidem, meu estômago trinca. Agarro a mão do Seth.

“Lacey, tome cuidado!” grito. Um grito estúpido e redundante, mas é tudo o que consigo pensar em fazer.

Enquanto elas lutam, inclinando para um lado e depois o outro, os cachos do cabelo de Amy deslizam pelos braços de Lacey e ela solta um berro.

“Lacey!”

“Mary, sai daqui! Afaste-se dela!”

“Não!” eu não irei deixá-la. Não com aquele monstro.

Amy empurra Lacey e eu consigo ver minha amiga se enfraquecendo. Esse fantasma tem cinco anos nas costas. Cinco anos de levar vidas e ganhar força com isso. Mas eu nunca deveria subestimar a bravura da minha amiga, porque ela coloca todo seu peso em um último impulso e joga a fantasma assassina para longe dela. Amy não cai, mas seu truque perfeito de flutuar falha e seus pés ficam perdidos nas longas faixas de grama do pântano. Lacey, sua forma piscando enquanto ela enfraquece, fica de pé.

O monstro não acabou com ela ainda. Meu peito se contrai de pânico e medo enquanto Amy inclina a cabeça para trás e revira os olhos. Ela estica as mãos, o sangue pingando dos seus dedos, pulsando com vida nova e, então, aperta-os em pequenos punhos fortes.

“Ok”, Lacey diz. “Acho que é hora de correr, agora.”

Mas quando nos viramos para correr, um relâmpago cai do céu e atinge Amy bem no meio da testa. Ela solta um grito animalesco que diminui até um assobio, antes de jogar seu corpo para frente e para trás. Com os olhos arregalados e a boca aberta em um rosnado, ela pisca várias vezes e depois some.

Sua ausência é repentina e estranha. Nós encaramos uns aos outros — agora sozinhos — em um pântano que parece maior do que antes. A chuva dispersa em um gentil tamborilar, não mais a torrente implacável de antes.

Seth solta minha mão e passa os dedos no cabelo. Ele me encara primeiro, depois Lacey. “Eu tenho que sair daqui.”

Antes que eu possa dizer uma palavra, ou levantar a mão para pará-lo, ele se foi, seus tênis deixando pegadas lamacentas pela grama.

“Uau, que medroso”, Lacey diz dando de ombros.

Eu faria qualquer coisa por uma banheira. Em vez disso, eu me esfrego sob a desculpa patética de um chuveiro no trailer imóvel. O sabão é um desliz que escapa a cada segundo pelos meus dedos tremendo.

Todos os momentos de filmes assustadores de terror passam pela minha mente. Banheiros são ruins: mulheres são golpeadas até morrerem em cenas de chuveiro; elas sentem dedos fantasmagóricos atrás da cabeça. Não ousa fechar os olhos, nem mesmo quando lavo o shampoo do cabelo; em vez disso, deixo os olhos ardendo.

Meus dedos demoram no pescoço. Ela não deixou cicatriz. Foi como se ela nunca houvesse estado lá.

Uma criança monstruosa com a força de cinco homens e a humanidade de nenhum.

Tremo de novo.

O chuveiro desliga com uma pancada. Meus pés deslizam um pouco enquanto saio e dou um salto com o meu próprio reflexo no espelho. Meu cabelo preto ensopado e desordenado é muito similar à mancha oleosa de cachos ao redor da cabeça de Amy. De novo, estremeço. Aquela imagem nunca irá me abandonar. Nunca.

E agora um novo mistério. Seth a viu e ele a *conhecia*. Ele disse que era ele quem ela queria. *Por quê?*

Aquele pensamento continua a atormentar minha mente enquanto me visto e deixo o trailer. O ar está limpo e refrescante. Sinto cheiro do fim de uma tempestade — fresco, mas com o leve amargor de solo molhado. Há um frio na brisa que é agradável contra minha pele limpa.

Não quero sair ao ar limpo. Cada instinto está me dizendo para voltar para a cama, puxar as cobertas até cobrir a cabeça e fingir que a Amy não é real. Mas, em vez disso, estou procurando por respostas. Estou me forçando a cavar mais fundo. Então, vou à única pessoa que pode me ajudar.

O namorado de Neil se chama Lemarr e ele tem caveirinhas enfiadas nas tranças rastafáris. Nunca conheci uma raça mista de gays góticos antes, mas eles são fofos juntos. Lemarr revira os olhos para as piadas infames de Neil. Os dois se entusiasmam pela minha pele “translúcida”. Nenhum deles sabe que um fantasma está a um metro de distância deles.

Foi ideia da Lacey de me encontrar com o Neil de novo. Afinal, ele é o único que sabia sobre a Amy. Agora estamos no vilarejo, em um *passeio fantasma*. Sim, isso mesmo. Após quase morrer nas mãos de um fantasma, estou em uma droga de tour pelos lugares mais assombrados na região, *com um fantasma*. Lacey — obviamente — acha isso hilário. Eu tive de convencê-la a não sair pulando das sombras nas outras pessoas.

É tudo uma grande mentira. Nenhuma dessas pessoas sabe o que é e, se encontrassem a Pequena Amy nos pântanos, não iriam querer encontrar fantasmas nunca mais mesmo. Eles nunca vão entender como meus pesadelos sempre serão cheios de pequeninas mãos fantasmagóricas contra o meu pescoço e olhos pretos vazios que procuram a sua alma...

Reconheço o guia do tour pelos folhetos no hotel. Ele é o tipo de cara que você vê atuando na produção local amadora do drama *Drácula*. Ele usa a alta cartola preta Vitoriana, fraque, esmalte preto... ele ganha dos góticos com os quais estou; mostrando a eles como fazer isso à moda antiga, com classe.

É tudo atuação, do jeito como ele fala ao movimento dramático dos braços. Enquanto andamos pelo pavimento de pedras das ruas antigas, descubro a sórdida história da cidade adormecida, os antros de ópios e os assassinatos arsênicos, os agressores escondidos nas sombras, o crime

organizado que se infiltrou até Londres indo por Nettleby; contrabandistas e saqueadores que trabalhavam no litoral próximo; homens desesperados. Ele, então, segue a falar sobre assassinos em série dos últimos trinta anos e eu não consigo evitar estremecer.

“Você tá bem, amor?” Neil sussurra. “Não achei que você era do tipo que se assusta fácil.”

Se ao menos ele soubesse a verdade. “Não sou. Assassinos em série me dão calafrios.”

Lemarr se inclina. “A mim também.”

Nosso guia continua. Enquanto andamos pelo vilarejo, o isolamento do lugar me atinge. Penso na forma como os pântanos se estendem para todos os lados, conectados à cidade mais próxima por uma estrada principal e um entrelaçado de vielas estreitas. Deve haver algo sobre os pântanos que atraia esses assassinos — que os convença.

“Conte-nos sobre a Pequena Amy”, alguém pede.

Igor para. Uma sombra cruza seu rosto. “Esse é um assassino que nunca irei esquecer. Eu a conhecia, sabe, eu conhecia os pais dela. Não gosto de falar sobre isso porque eu a conhecia.” Ele balança a cabeça e desvia o olhar.

“Eles chegaram a encontrar o assassino?” outra voz, masculina, sobrelanceada perfurada.

“Não”, ele diz. Sua voz é baixa e silenciosa. “Não, nunca o encontraram.”

Lacey olha para mim. “Você não acha estranho como a Amy conhecia o Seth?”

As palavras me atravessam. Seu rosto diz tudo. O assassino nunca foi pego. Aconteceu cinco anos atrás. Seth deveria ter quinze anos, Amy doze. Estremeço. Não, o que ela está dizendo? Não pode estar certo. Balanço a cabeça, *não*.

“Pense nisso, Mares. Pense nos adolescentes que mataram crianças mais novas, aqueles com infâncias problemáticas e um fascínio pela morte. Encaixa. Eu não confio nele.”

Eu quero gritar para ela. Foi ela quem me disse para chamá-lo para sair. Ela me disse para ir em frente, arriscar. Quando quase morremos na roda-gigante, ela me encorajou a colocar minha vida nas mãos dele. Agora está dizendo que não *confia* nele?

“Aqui não”, digo sibilando.

Neil vira para mim com um olhar de interrogação nos olhos.

Nós seguimos em frente. Lacey está quieta e eu solto o ar, aliviada. Mas ela nunca olha em meus olhos, em vez disso encara as sombras entre as casas como se visse mais do que conseguimos ver.

Minha mente está elétrica com pensamentos, então tento focar no guia e no passeio. Quase forço os fantasmas de Nettleby a se revelarem a mim, ansiosa por uma distração. Em determinado ponto, uma garota queimada encara da janela, seu rosto uma chama, um pedaço de carvão. Fitas queimadas penduradas do pouco cabelo que ela tem. Nunca percebi quantos vestígios ficam daqueles que morreram. Não são apenas os fantasmas ou espíritos dos mortos, são os ecos também — memórias daqueles que os conheceram, itens de roupas passados em brechós, antiguidades vendidas em leilões, as casas ainda de pé e o chão pisoteado, pelo qual milhões de pés passaram. Não importa onde estivermos, é uma intrusão onde alguém já esteve, onde alguém já morreu. Eu sou uma partícula — nada mais, nada menos — uma das bilhões que irão ir e vir enquanto os ecos permanecem. Em vez de medo, isso me traz conforto. Não me sinto tão sozinha, de alguma forma.

Neil nos traz uma xícara de chá de um carrinho de hambúrguer do lado de fora de uma balada em Nettleby.

“Que tal?” Lemarr pergunta, indicando a entrada.

Um desfile de garotas, que mal passaram dos 18 anos, em saltos tão altos quanto a pilha de livros que eu tenho para ler, vão cambaleando pelos degraus. Uma delas pausa para vomitar.

“Erm, não. Acho que vou voltar para o acampamento.”

“Nós andamos com você até lá”, Neil diz. “Você está pálida como leite. Parece que viu um fantasma.”

Não consigo evitar olhar para a Lacey com um sorriso. Ela devolve o sorriso, mas com um olhar de culpa nos olhos.

“Tudo bem. Se quiserem ir para a balada—”

“Nós vamos com você”, Lemarr insiste, encaixando o braço no meu. Neil faz o mesmo do outro lado.

“Alguém quer um programa a três”, Lacey diz com um sorriso travesso. “Você topa, Mary?”

Estreito o olhar para ela. Neil percebe e franze o cenho. Sei que ele suspeita que eu estou escondendo algo. O que eu não sei é quão fundo ele realmente acredita em fantasmas. Se eu lhe contasse, se Lacey se revelasse a ele, será que ele iria dar meia-volta e correr um quilômetro? Ou ele ajudaria? Ele é alguém em quem podemos confiar?

É uma caminhada relativamente curta até o acampamento. Olho para o relógio, não deu nem meia-noite ainda. Minha mente volta para o Seth. De jeito nenhum ele é o assassino. Não pode ser.

Mas de que outra forma a Amy o conheceria?

Será que posso arriscar? Arriscar conversar com ele? Penso em quão relaxado ele me fez sentir, tão à vontade. *Mulheres se sentiram assim com o Ted Bundy também, tolinha.*

Mas Seth não é Ted Bundy e Nettleby não tem uma alta taxa de homicídio. Não há contagens de garotinhas desaparecidas sem explicação. Poderia haver muitas razões pelas quais Amy reconheceu Seth. Igor mencionou que ele a conhecia. É um vilarejo pequeno. Não posso fazer nenhum julgamento até saber mais sobre os fatos. Então, terei de decidir se Seth poderia ser um assassino. Por enquanto, tenho de confiar em minha intuição, e ela me diz que ele é inocente.

A placa do Cinco Brejos fica visível, iluminada pela luz da lua em um noite clara de verão.

“Lar, doce lar”, Neil diz.

“Que diabos?” Lemarr fica imóvel ainda ao meu lado. Ele aperta meu braço mais forte. “Vocês estão vendo isso?”

Linhas vermelhas longas e rabiscadas aparecem na placa como se estivessem sendo escritas por uma caneta invisível, exceto pelas pinceladas não parecerem nenhum tipo de caneta que eu conheço. É mais como a ponta de um dedo mergulhada em... em... *sangue.*

Não.

Minha garganta aperta, meu peito sobe e o pânico se ergue do fundo de minhas tripas.

As palavras formam: *Você é a próxima.*

Capítulo Doze

Você é a próxima.

Você é a próxima.

Uma provocação cruel seguida por uma noite sem dormir imaginando dedos ensanguentados rabiscando as paredes do meu pequeno quarto. E quando finalmente caí no sono, sonhei. Seth aparece naqueles sonhos. Às vezes os dedos ensanguentados pertencem a ele, e seu sorriso travesso, aquele pelo qual vale a pena desmaiar, torna-se um sorriso maníaco.

A morte parece tão atraída a mim quanto uma mariposa ao fogo. Não é tanto um odor prolongado quanto um perseguidor evidente. Meus pensamentos têm traços dela, o mundo também, o brilho amarelo claro de julho se transforma no desbotar melancólico do inverno que se aproxima. Os poucos gloriosos dias de verão que temos por ano em Yorkshire estão acabando. É isso. Este é o fim.

“Salsicha?” minha mãe levanta uma com o garfo.

Meu estômago faz barulho. “Não, obrigada.”

“É por causa daquele bom e jovem rapaz? Ele não ligou, querida?”

Meu pai levanta uma sobancelha. “Provavelmente é melhor assim.”

Minha mãe lança um olhar penetrante a ele. “Ignore seu pai. Achei ele legal. Tenho um bom talento para ler pessoas, você sabe.”

“Ele nunca me deu o número dele. Teve que sair apressado no outro dia e nunca tivemos a chance.”

“Ah, isso é uma pena. Ainda assim, o mar está cheio de peixes, querida. Que tal o menino gótico com o cabelo?”

“Ele tem um namorado.”

Minha mãe franze o cenho. “Sério? Bom, eu nunca teria adivinhado.”

“Acho que vou dar uma volta”, digo, afastando meu prato intocado.

No caminho para sair do trailer, ouço minha mãe dizer, “Pobrezinha”.

É uma daquelas manhãs na qual o sol está lutando por trás da baixa neblina, do tipo em que há um resto de orvalho na grama e você abotoa o cardigã até o pescoço. Há um indício de dia ensolarado tentando escapar e precisando de um pouco de encorajamento. O grupo de góticos nos trailers próximos ainda não acordaram, mas o casal idoso da discoteca está fazendo uma caminhada em velocidade ao redor da trilha. Levanto a mão para eles e digo bom dia. Então, dou a volta em nosso trailer.

“E aí, sua vaca?” Lacey surge de trás do trailer, sua imagem piscando como uma chama.

“Você quer me matar do coração?” pergunto, revirando os olhos em sua direção.

“Bem, isso me daria alguma companhia na vida após a morte”, ela diz com um sorriso.

Na maioria dos dias, mesmo nos difíceis, o alívio cômico de Lacey é só isso. Um alívio. Uma respiração de ar fresco. Mas hoje, não consigo suportar. Não posso suportar sua impertinência quando sei o que está acontecendo ao meu redor.

“Ei”, ela pergunta. “Qual é o problema?”

Isso é o suficiente para mim. Percebo meu tom de voz se elevando. “Qual é o problema? *Qual é o problema?* Bem, vejamos. Em primeiro lugar, tenho um encontro com um garoto e quase morro quando uma maldita roda-gigante perde o controle. Daí, sou atacada por um fantasma dos pântanos e, ah, quase morro de novo. Depois, descubro que o garoto com o qual estou meio que saindo pode ser

um psico e, por fim, no caminho de volta à casa vindo de uma caminhada fantasma idiota, descubro que o fantasma idiota que tentou me matar, mandou-me uma mensagem *em sangue*. Isso é o que o está errado. Você não percebe?”

Os olhos azuis de Lacey piscam. Sua imagem distorce como uma imagem de TV saindo do ar. “Amy apareceu para você de novo?”

“Não”, respondo. “Ela escreveu a mensagem, mas enquanto estava invisível.”

“Não se preocupe, Mares, nós vamos resolver isso”, Lacey diz. “Iremos pará-la.” Ela pausa, observando-me com os olhos levemente estreitos. “Há algo mais incomodando você, né? O que é? É o que eu falei sobre o Seth?”

“Não acho que ele seja um assassino”, digo.

“Bem, não acho que devemos descartar essa possibilidade—”

“Não”, repito, mais firme dessa vez. “Não acho que ele seja um assassino. Olha, você se lembra como eu senti que havia algo estranho com o Dr. Gethen na Magdalena? Então, é o oposto com o Seth. Sei que ele é uma boa pessoa. Sei que não é capaz de assassinato. Soa estúpido, eu sei. Só conheço há poucos dias e é isso, mas é mais do que isso. É sobre *mim*. Acho que tenho algum tipo de poder que significa que posso sacar as pessoas. Acho que meus instintos são mais fortes do que a maioria das pessoas. Consigo ver a maldade.”

“Está bem”, ela responde.

“Você não soa bem”, digo.

“Achei que você me ouviria, só isso”, ela responde. “Estou falando sério, sabe? Amy reconheceu Seth e isso significa que ele pode ser perigoso. Você não deveria vê-lo.”

“Você está parecendo meu pai”, digo com uma risada forçada. Está começando a me assustar quão séria a Lacey está.

“Bem, talvez seu pai esteja certo. Você não sabe nada sobre o cara.” Enquanto ela fica mais e mais irritada comigo, suas mãos começam a se agitar e o cabelo levanta do pescoço. Em um momento cheio de suspense, vejo a similaridade entre ela e a Amy, no modo como se movem.

Pisco para afastar a imagem e solto um longo suspiro. “Isso é bobeira. Não deveríamos estar discutindo, deveríamos estar descobrindo como evitar que a Amy mate mais alguém. Eu quase morri lá. Ela quase matou—”

“Ela quase matou o Seth”, Lacey termina. “Isso significa que precisamos examinar por que ela mirou o Seth para descobrir o que aconteceu com ela. Pode ajudar a pará-la.”

“Mary?”

Eu me viro da Lacey. Nunca ouvi o Neil se aproximando de mim, e agora ele me viu falando com um fantasma invisível.

“Neil”, respiro. “Não é o que parece.”

“Bem, parece que você está falando sozinha, Mary. Você está bem?” ele franze o cenho.

“Diga a ele”, Lacey diz. “Ele aguenta. Sei que ele aguenta. Eu vou aparecer para ele. Ele pode nos ajudar a parar a Amy.”

“Não sei...”

“Você ainda está falando sozinha”, Neil diz. Ele mantém uma distância segura, caso eu seja louca o suficiente para ser violenta. Já vi aquele olhar antes, aquele olhar *fique-o-mais-longe-possível-de-mim*.

“Neil, você sabe como estávamos falando sobre a morte da Amy e o fato de que ela assombra o acampamento?” digo, cuidadosamente. “Você falou sério? Você acredita em fantasmas?”

“Onde isso vai chegar?” ele diz, ainda mantendo a distância.

“Se formos a um lugar um pouco mais privado, vou lhe mostrar.”

“Sim, não tenho muita certeza sobre isso, Mary. Acho que público é bom, tipo aqui e agora.” Ele dá um passo para trás.

Só uma vez, eu iria amar se alguém me desse o benefício da dúvida, em vez de me tratar como uma maldita lepra assim que ajo diferente de todo mundo. Poderia haver um cara com uma arma andando pela rua e as pessoas ainda estariam mais assustadas com o cara desarmado falando sozinho. Bem, quer saber? Talvez ele tenha um amigo fantasma também, ou está tendo um dia ruim, ou as vozes em sua cabeça são realmente legais, sabe? Não somos todos assassinos lunáticos, nós malucos.

“Por favor, Neil.”

Ele inclina a cabeça, olhando-me de cima a baixo, medindo as chances de eu percorrê-lo com uma faca.

“Pelo amor de Deus, eu peso metade de você, como se eu pudesse machucá-lo.”

Ele suspira. “Está bem. Mas a uma distância do acampamento na qual dê para gritar.”

“Combinado. *Você* pode ser um assassino do machado, pelo que eu sei.”

“Não sou mesmo”, ele responde.

Eu o levo perto do parque de diversões abandonado. Lacey fica ao meu lado, calada, seus olhos deprimidos olhando os pés. Há uma parte de mim imaginando se ela odeia o Seth porque ela está com ciúmes que eu encontrei alguém. Deve ser assustador ver algo mudar em minha vida, porque nada pode mudar na dela. Ela nem mesmo *tem* uma vida mais. Não consigo evitar, o pensamento está lá. *Quanto tempo irá levar para ela se tornar uma Amy?*

E se isso acontecer? O que farei?

“Tudo bem”, Neil diz. “Tenho a sensação de que ou irei encontrar meu violento fim ou você vai me mostrar algo que vai me deixar impressionado. O que vai ser?”

“Prepare-se para ficar impressionado”, digo. “Lace, está pronta?”

Nenhuma resposta genial. Ela *deve* estar chateada. Mas ela concorda e, então, fecha os olhos para se concentrar.

Em vez de assistir à Lacey, viro para o Neil, assim vejo o olhar em seu rosto quando ele descobre que fantasmas são reais. Quero que isso funcione. Tenho boas esperanças de que Neil e seus amigos obcecados por morte podem nos ajudar a descobrir como nos livrar da Amy de uma vez por todas.

“Você se lembra daquela noite quando vimos as palavras aparecerem na placa?” digo.

“Eu meio que pensei que tinha sido um sonho”, ele responde.

“Não foi. Foi real.”

Neil dá um pulo para trás quando Lacey aparece. Seu pé fica preso em um montinho de terra suja e ele cai de costas. Ando até ele e estendo a mão para ajudá-lo a se levantar.

“O quê...? Quem é isso?”

“Eu sou a Lacey”, ela diz com um pequeno e duro sorriso no rosto. “Nós já nos conhecemos. Lembra daquele arrepio que você teve quando estávamos no passeio fantasma na noite passado? Sim, aquilo fui eu.”

Neil solta o ar mais como uma risada nervosa. “Aquilo foi... aquilo foi... você? Você é... você é...”

“Um fantasma, um espírito, um demônio... tanto faz, sim, sou eu. A garota morta que segue a Mary por aí e inconvenientemente a faz parecer como uma doente mental.” Dois olhinhos gelados se viram para mim.

“Sou uma doente mental de qualquer forma. Tenho a prescrição para provar”, digo.

“Isso é...” Neil não consegue tirar os olhos da Lacey. “Posso... Se eu tocar você, minha mão vai desaparecer?”

As perguntas continuam por um tempo. Neil cutuca Lacey no ombro várias e várias vezes, dando risadinhas de forma maníaca cada vez que sente uma carga elétrica vindo da forma fantasma dela.

“Há algo... Não sei, magnético? Estático? Elétrico? Como isso funciona?”

“Não sei”, Lacey diz. “Mary também não sabe. E nós não conhecemos outros fantasmas para perguntar.”

“Então você vê fantasmas o tempo todo?” ele pergunta.

“Só se eles escolhem ser vistos, o que a maioria não faz. Acho que eles não querem ser vistos por ninguém, nem mesmo alguém tocado pela morte, como eu.”

“E pessoas comuns não veem nada?”

“Eu tenho que me concentrar muito para aparecer”, Lacey explica.

“Huh”, Neil diz. “E a Pequena Amy, ela realmente existe?”

“Ah, ela existe mesmo, e não é nada como a Lacey. Ela é um monstro. Ela quase me matou. Era ela com a placa. Ela está me mandando um aviso.” Aponto para a minha garganta. “Eu sou a próxima.”

“Por quê você?”

Dou de ombros. “Acho que conheço alguém que ela não gosta.”

Contamos ao Neil tudo sobre o Seth e como ele viu a Amy e até falou com ela. Os pelos atrás dos meus braços ficando de pé enquanto reestabeleço a história, meu coração se torcendo.

“Odeio estragar isso para você”, Neil diz. “Mas Lacey está certa. Seth tem uma conexão com a Amy. Há uma boa chance de que ele possa estar ligado à morte dela. Sinto muito, Mary, sei que você gosta desse cara, mas você não sabe nada sobre ele.”

Minha pele pinica com o arrepio.

“Você sabe matar um fantasma?” pergunto a ele. “Sei que vocês vieram aqui para ver a Amy. O que você sabe sobre caçar fantasmas? Sabe se livrar deles? Como mandá-los de volta ao inferno ou de onde quer que tenham vindo?”

“O inferno existe?” Ele vira para Lacey com os olhos bem abertos de medo.

Ela dá de ombros. “Talvez. Sei lá. Acho que uma vez que você se solta, não volta mais. Poderia ser o nada, pelo que sei. Talvez eu não seja nada além de uma sombra, uma marca deixada pela minha existência. Talvez por isso esteja tudo ligado à estática, essa carga elétrica estranha. Ainda sou matéria, ainda funcionando, de alguma forma.”

“É assim que você se sente?” pergunto, surpresa. Ela nunca revelou aqueles medos antes.

“Tipo isso”, ela admite.

“Mas como seu cérebro funcionaria?” Neil diz. “Se você fosse uma marca, não poderia pensar como pensa. Estaria presa em um labirinto, sempre vivendo os últimos momentos da sua vida. Não, acho que isso é a sua alma, e sua alma é controlada por você. Assim que você decidir o que quer fazer, sua alma segue em frente.”

E é então que eu sei que contar ao Neil foi a coisa certa. Os traços de Lacey se suavizam, tornando-se tranquilos. Não temos como saber se Neil está certo, mas é o que a Lacey precisava ouvir neste momento, e o que eu não conseguia colocar em palavras. Ele fez o meu trabalho por mim, e ele o fez melhor do que eu poderia ter feito.

“Então, e agora?” digo. “Temos uma merda de fantasma louca vindo atrás de mim. Precisamos traçar um plano, descobrir o que vamos fazer.”

Neil abre e fecha a boca. Finalmente, ele levanta o dedo no ar. “Tenho uma ideia. Vamos tomar um pouco de chocolate quente.”

*

Lógica é divertida. Lógica o ajuda a aprender. Mas, neste caso, a lógica me diz que o Seth poderia ser um assassino e que não sabemos como lidar com a Amy.

Os fatos: Amy foi morta há cinco anos e seu assassino nunca foi encontrado. Uma pessoa andando com o cachorro descobriu o corpo dela nos pântanos. O assassino não havia nem tentado cobri-la. Ela foi a única garotinha morta; não houve mais assassinatos após a morte da Amy. Desde sua morte, acidentes misteriosos haviam levado a vida de homens, variando em idade dos dez anos àqueles na casa dos sessenta. Amy consegue levantar, empurrar, arremessar, apertar, escrever, deslizar e flutuar. Lacey consegue machucá-la. Ela consegue machucar a Lacey. Relâmpagos parecem pelo menos assustá-la. Além disso, Seth e Amy têm um passado comum.

“Talvez essa seja a chave”, Neil sugere. “Talvez precisamos de outro golpe de eletricidade para nos livrarmos dela para sempre.”

“Mas como vamos atingi-la com eletricidade mais forte do que um relâmpago?” digo. “Aah! Qual é o nome daqueles blocos de alimentação de carga elétrica usados em *Os Caça-Fantasmas*? Precisamos daqueles.”

Neil quase devolve o chocolate quente que havia tomado.

“Não”, Lacey diz. Eu repito tudo o que ela diz para Neil. Ele não pode vê-la na cafeteria, porque senão todo mundo poderia vê-la. “A eletricidade me faz sentir mais viva. Não acho que seja isso. Tem de haver outra alternativa, uma magia, um feitiço ou sei lá, que irá mandá-la embora.”

“O que precisamos é de um especialista em fantasmas”, Neil diz.

“Como o Igor, o cara do tour de fantasmas”, sugiro.

Os olhos de Neil se abrem com empolgação. “Exatamente!” Ele movimenta as sobrancelhas de forma misteriosa. Daí, ele checa o celular. “Merda, era para eu encontrar o Lemarr para o almoço. Podemos nos encontrar depois? Tipo, lá pelas duas horas?”

“Tudo bem. Pergunte para o seu pessoal, se alguém sabe algo a mais sobre o Igor”, digo.

“Poderia valer a pena”, Neil responde.

Viro para a Lacey. “Sim, por que não?”

Um peso sai dos meus ombros. Talvez minha mãe estivesse certa. Preciso de amigos. Ter Neil por perto faz parecer que meus problemas se dividem ao meio. Ele saber sobre a Lacey torna tudo tão mais fácil.

Damos um passeio vagaroso de volta ao Cinco Brejos. Alguém removeu cuidadosamente o grafite sangrento da placa, mas meus olhos se demoram ali do mesmo jeito. O sol nunca saiu da névoa e se tornou um dia nublado — um daqueles que parecem como se outra tempestade estivesse à espreita nos ventres das nuvens acima de nossas cabeças. Há um tom cinza no mundo, um calor opressivo e uma pressão que vai se construindo nas cavidades nasais.

“Mentira”, Lacey diz. Ela o vê primeiro, sentado no mesmo banco de piquenique de antes, sem ler dessa vez, mas encarando os pântanos em vez disso. “Vou socá-lo.”

“Aquele é o Seth?” Neil pergunta. “*Não* fale com ele sem eu aqui. Vou ficar com você.” Ele se endireita, alongando-se para ficar bem alto. Ele engole. “Ele parece meio... musculoso. Acha que eu conseguiria segurá-lo? Você sabe... se eu tiver de fazer uma prisão em flagra.”

“Você conseguiria”, Lacey diz, mesmo sem ele poder ouvi-la.

Ignoro os dois e ando na direção dele.

Seus olhos se abrem quando vê minha expressão. Ele levanta as mãos como em submissão. “Eu tenho que lhe explicar algumas coisas.”

“Tem mesmo.”

Capítulo Treze

“Então, você consegue ver fantasmas?” ele diz.

“Você a matou?” deixo escapar.

“Quem?” Ele me encara como se eu fosse maluca.

“Quem você acha? Amy — a fantasma de doze anos que quase me estrangulou até a morte.”

Neil fica atrás de mim com os braços cruzados, seus olhos vigilantes nas minhas costas.

“Que... Não! O quê? Como você *pôde*?” Ele balança a cabeça em descrença. Então, ele abaixa o tom de voz para um sussurro irritante. “Eu tinha quinze anos quando Amy Willis desapareceu. Ela ia para a minha escola. Ela brincava com os meus priminhos. Eu *não* a matei.” Ele engole.

“Então me explica por que a Amy virou para você. Explique-me como você a conhecia, por que disse que ela estava indo atrás de você. Explique isso se você não a matou”, digo.

“Você quem manda, Mares.” Lacey esfrega meus ombros com os dela, mandando uma carga elétrica pelo meu corpo.

Ele fecha os olhos e respira fundo. “É difícil. É... Não é uma memória que eu quero reviver.” Ele passa os dedos pelo cabelo, puxando no final. Ele está tremendo, percebo.

“Mas você tem que reviver”, digo. “Ou eu mesma irei prendê-lo.”

Quando ele fala, é como uma respiração agonizante, um grasnado. “Eu vi. Eu o vi fazendo isso e não o parei...”

Estou meio consciente de Neil atrás de mim. O ar parece ficar mais espesso e obscuro, como se tentando coagular. Os olhos de Seth estão quase fechados, suas mãos agarradas à beira do banco de piquenique. Cada parte de seu corpo está rígida com medo ou frustração. Ele está mais pálido que o normal, e sua respiração soa com dificuldade.

“O quê?” sussurro.

“Eu estava lá”, ele diz de novo. Seus olhos meio abertos encontram os meus. “Mas eu não a matei.”

“Por que você não foi à polícia?”

“Porque...” Suas unhas agarram a madeira do banco. Ele balança para a frente e depois para trás enquanto encara os sapatos. Então, respira fundo e olha para mim, aqueles olhos como castanha-do-pará encontrando os meus. “Fisicamente, sou muito parecido com o meu pai.”

“Oi?” Lacey diz. “O que isso tem a ver com o resto?”

“Ele é maluco”, Neil acrescenta. “Nós deveríamos manter distância dele.”

“Não”, digo. “Não... Você quer dizer... Foi seu pai?”

Uma névoa de lágrimas cobre os olhos de Seth. Ele pisca para afastá-las. “Eu o vi... cortá-la.” Ele aperta a mandíbula e dá as costas. “Eu sou parecido com ele. Amy está vindo atrás de *mim*.”

“Por que ela ainda não o matou? Ela já matou tantos antes”, pergunto.

“Eu... eu acho que ela está esperando.”

“Pelo quê?”

“Olha, isso vai soar um pouco insano”, ele diz.

“Tudo soa bem insano neste exato momento”, respondo.

“Alguns anos atrás, quando eu havia acabado de sair da escola, comecei a trabalhar em um parque de diversões em Thirsk. Alguns de nós tinham entrado em um desafio. Era uma diversão idiota, sabe, estávamos nos divertindo. Tínhamos de ir visitar a vidente. Ela era o maior papo furado.

Ela tinha o negócio todo acontecendo, a tenda, a bola de cristal, a roupa de cigana... tudo. Quando meus amigos foram, foi a besteira usual, sabe, como ‘eu vejo um romance em seu futuro’, ‘você está escondendo um segredo’, ‘há uma carreira lá fora para você’, esse tipo de coisa. Daí, foi a minha vez. No começo é a mesma coisa. Ela disse que eu ia conhecer uma garota legal, que eu iria ter a sensação de coração partido e que eu tinha uma grande tarefa para cumprir, ou qualquer besteira do gênero. Então, ela tocou a bola de cristal, a cabeça dela se jogou para trás e sua voz mudou. Foi como se algum demônio estivesse falando por ela. Seus olhos ficaram pretos como a noite. Eu ainda vejo tudo isso em meus pesadelos, ouço a voz, vejo os olhos. Ela disse que eu iria morrer no meu aniversário de vinte e um anos, que eu iria pagar pelo crime que ignorei, que eu tenho os olhos de um assassino.” Ele suspira. “Os olhos do meu pai.”

“Uau”, Neil respira. Havia esquecido que ele estava ali.

“Sim, cara. Uau mesmo. Quem diabos é você mesmo?” Seth pergunta.

“Neil”, ele responde. “Amigo da Mary e o cara que irá destruí-lo se você machucá-la.”

Eu viro de costas e levanto as sobrancelhas. Neil dá de ombros e sorri. Quem diria que ele tinha isso nele? Provavelmente, nem mesmo o Neil.

Então, Neil diz, “Mas, querida, eu realmente tenho que ir encontrar meu namorado. Você está bem com a Lacey?” e o momento passa.

Encaro o Seth. “Só um segundo.” Então, afasto Neil. “Você acredita nele?”

“Não achei que iria”, Neil admita. “Mas é tão louco que só pode ser verdade.”

Lacey dá de ombros. “Não estou convencida.”

“Grite se precisar de mim”, Neil diz. “Vou ficar por perto, ok?”

Concordo com a cabeça. Então, volto para o banco de piquenique e sento do lado oposto de Seth. Há um estalido elétrico enquanto Lacey pega um lugar ao meu lado.

“Não se preocupe”, ela diz. “Vou jogar uma pedra na cabeça dele se ele tentar qualquer coisa.”

“Quem é Lacey?” Seth pergunta.

“Ela é minha melhor amiga morta.”

“Aquele que atacou a Amy?” ele diz.

Concordo.

“Uau, sua vida é tão bagunçada quanto a minha.” Seus olhos me atraem. Seu sorriso me deixa à vontade. Quero tanto acreditar nele. Quero acreditar que ele é bom.

“Eu sei”, digo friamente. “Continue com a sua história. Conte-me tudo.”

“Tudo bem”, ele diz. “Primeiro eu vi o fantasma da Amy alguns meses atrás, no parque de diversões. Eu estava trabalhando nas xícaras malucas. Olhei para cima, para a floresta perto do parque, e lá estava ela, de pé na entrada, encarando-me. Pensei que estivesse vendo coisas. Pensei que estava ficando louco. Então, andando para casa, às vezes ouvia aqueles barulhos, aqueles passos atrás de mim. Mas sempre que eu me virava, ela havia sumido. Isso continuou por semanas. Pensei que estava ficando louco.”

“Por que ela não agiu?” reflito.

“Ela agiu na noite no parque, quando ela nos viu juntos”. Ele para e engole novamente. “Eu... eu nunca tive... encontros. Quero dizer, já tive... já conheci garotas antes, mas nunca as levei a nenhum lugar público assim. Não até que você surgiu.” Seu sorriso me aquece da ponta dos pés à cabeça. Mentalmente, mantenho-me sob controle. Ainda não sei se posso confiar nele. “Acho que me ver com uma garota a fez ter uma crise nervosa, fez com que ela quisesse atacar. Então, Damo ficou no caminho...”

“Tanta morte”, sussurro. “Ela está tão irritada.”

“Não a culpa”, Seth diz. “O que eu vi naquela noite... irei levar comigo até o túmulo. Está comigo todos os dias. Todo dia. *Ela* está comigo todos os dias. Estamos ligados — como uma corda na âncora — e para sempre estaremos.” Ele dá de ombros.

“O que aconteceu com o seu pai?” O vento chicoteia meu cabelo. Eu o puxo de volta para o pescoço, cobrindo as cicatrizes do incêndio. Ele provavelmente já as viu, mas eu o faço do mesmo jeito.

“Ele está morto. Não menti sobre isso. Ele morreu quando eu tinha dezesseis.”

“Como ele morreu?” Lacey diz.

Repito a pergunta para o Seth.

“Um acidente de carro”, ele diz.

“Só um ano após a morte da Amy”, Lacey diz. “Ela não pode ter sido forte o suficiente para matá-lo. Levei meses para levantar uma pedra.”

“Sim, você está certa”, digo.

“Certa sobre o quê?” Seth pergunta.

Explico. Depois acrescento, “Como você viveu com ele, sabendo o que ele havia feito?”

Seth esfrega a barba rala no queixo. “Era meu aniversário, na noite em que ela morreu. Meus pais fizeram uma festa para mim no centro social. Amy estava lá com os meus primos, brincando e fazendo bagunça. É diferente aqui, no interior. Fazemos coisas como uma comunidade. Nós convidamos todo mundo que mora perto de nós. Mas eu estava sendo um pentelho naquela noite. Odiei que meus pais haviam convidado o vilarejo inteiro. Odiei todas as crianças correndo pela minha festa. Na minha cabeça, eu já tinha idade suficiente para entornar cervejas e fumar uns bagulhos. Então, um grupo de nós saiu andando com uma garrafa de vodka e alguns baseados. Ficou tarde. Os outros foram para casa. Eu estava bêbado. Todos nós estávamos. Não sei como, mas acabei perambulando até o acampamento. Foi no caminho que o vi. Eu o vi com ela. Eles estavam andando de mãos dadas, como... sei lá. Era estranho. Não sei por que não levantei a voz. Acho que eu não estava com a mente em ordem. Mas, ainda assim, não conseguia entender por que meu pai estava com a Amy, sabe? Acho que ele poderia estar levando-a para casa, mas então... por quê?”

“Então, eu os segui. Eu os segui todo o caminho até os pântanos. Fiquei lá, congelado, enquanto ele a matava. Ele era como um animal selvagem; uma forma besta do meu pai... uma repugnante versão lobisomem. Sei lá...”

Sua voz suaviza a quase um sussurro. “Eu queria que ele *tivesse* se transformado em um lobisomem. Teria sido mais fácil para digerir.” Uma pausa. Uma batida. Então, ele continua. “Eu corri. Fui para casa, bati a porta do meu quarto. Deitei. Desmaiei.” Sua voz se aquieta ainda mais. “E esqueci.”

“O quê?” Lacey e eu dizemos ao mesmo tempo.

“Minha mente, ela... mudou. Enquanto dormia, meu cérebro trabalhou por mim. Ele tentou me consertar e, ao tentar, bagunçou tudo ainda mais. Quando penso de volta na manhã do dia seguinte, é como um anúncio de cereal da família feliz. Minha mãe fritou comida. Meu pai piscou para mim do outro lado da mesa, sabendo que eu estava de ressaca, e confessou que também estava. Minha mãe disse algo sobre como meu pai saiu bebendo com os amigos. E como tudo continuou, eu nunca me lembrei, nem uma vez. Nem mesmo após terem encontrado o corpo, nem mesmo quando fui questionado pela polícia.”

“Você era um suspeito?” pergunto. “Você estava sozinho na hora do assassinato.”

Ele concorda. “Eles pegaram minhas digitais e DNA, mas foi confuso demais por causa da festa. Ela havia interagido com muitas pessoas para chegarem a qualquer conclusão. Eles pegaram as

digitais do meu pai também. Acho que ele foi cuidadoso. Inteligente. Um verdadeiro psicopata.”

“Como ele se safou?” sussurro.

“Pergunte a ele como ele se lembrou”, Lacey diz.

Repito a pergunta.

“Funeral do meu pai. Atingiu-me como um caminhão. Um minuto, estou jogando areia em seu caixão, no outro, ele está por cima da Amy Willis, seu rosto iluminado pela lua, um monstro de homem. Passei o funeral inteiro tendo flashbacks, minha mente uma desordem completa. Não conseguia acreditar. Pensei que havia algo errado comigo, que eu estava arruinando a memória do meu pai por inventar essa merda.” Ele balança a cabeça. Suas mãos tremem.

“Você contou pra sua mãe?” pergunto.

“Nunca”, ele diz. “Nunca disse isso em voz alta.”

“Você deveria ter feito”, digo. “Deveria ter ido à polícia.”

“Não pensei que fosse importar, com ele estando morto. Minha mãe... ela não merece saber o que ele fez.” Há uma contração no contorno da mandíbula que me faz imaginar se ele está escondendo alguma informação.

“Como você sabe que ela nunca soube?” digo.

“Ela não sabe”, ele diz com firmeza. “Tenho certeza disso. Absoluta.”

“Você nunca pensou que seu pai fosse um assassino, lembra?” digo.

Ele passa os dedos no cabelo e depois esfrega a barba rala no queixo. Seu rosto, seus ombros, estão tensos. Seus olhos estão indecisos, assombrados. “Eu sei.”

“Como seu pai conseguiu um álibi?” Lacey pergunta.

“Seus amigos o acobertaram”, Seth responde, após eu ter repetido a pergunta. “Alguns anos atrás, depois de eu ter juntado os pedaços da bagunça que estava em minha mente, perguntei a um dos antigos amigos de meu pai sobre a noite em que a Amy morreu. Ele me contou que o meu pai havia ido até ele, contado que havia traído a minha mãe e que ele não poderia contar a ela. O amigo de meu pai ficou com pena dele e lhe deu um álibi para que meu pai não tivesse que admitir nada à polícia. Eu poderia tê-lo socado. Mas queria muito voltar a mim naquela noite e salvar a Amy.”

É então que sua expressão abre caminho pela minha guarda. Não consigo evitar, inclino-me para a frente e tomo a mão dele na minha. Corro o polegar pela dobra dos dedos dele. Há o cheiro de chuva no ar, hesitando nas baixas nuvens escuras. Acabo sendo levada aos momentos no pântano, quando nossos lábios se encostaram. Por um instante, o mundo se funde, e um desejo incandescente se constrói dentro de mim.

“Mary”, Lacey me alerta. “Ele pode estar mentindo. Não se aproxime demais dele.”

A princípio, acho que ela quer dizer fisicamente. Mas então percebo que ela quer dizer para proteger meu coração.

“Uma criança morta”, digo, metade para Lacey, metade para mim. “Se Seth fez isso, haveria mais crianças mortas.”

“Lacey não acredita em mim”, Seth diz. “Não a culpo. É uma história louca. Mas é a verdade. Eu juro.”

“Acho que se seu pai tivesse sobrevivido àquele acidente de carro, teria havido mais assassinatos. Quando alguém mata uma criança, como a Amy, não faz isso com motivo, mas por...” estremeço, “prazer. Significa que fará de novo”.

Seth concorda comigo. “Acho que você está certa. Já pensei sobre isso várias e várias vezes, pelos últimos quatro anos. Meu pai tinha duas caras. Meu pai e um assassino psicopata. O problema

é, eu compartilho do mesmo rosto, tenho os olhos dele, e sou a única maneira de ela conseguir vingança.”

Capítulo Catorze

Em um balanço enferrujado no parque do acampamento, sento e me empurro para frente e para trás. Lacey senta no topo da estrutura, pernas cruzadas, como uma ninja da ioga treinada.

O ar está grosso com a chuva que não caiu. Cada vez que balanço para a frente, minhas pálpebras ficam cobertas com a névoa da baixa neblina. E quando balanço para trás, o vento chupa meu cabelo para a frente, bloqueando minha visão dos pântanos e da floresta. Os mesmos pântanos onde o pai de Seth matou a Amy.

“Eu acredito nele”, digo.

“Eu sei”, Lacey responde. “Eu também quero acreditar nele.”

“Mas você não acredita.”

“Mesmo se o pai dele fez isso, não significa que ele não possa ser um psicopata. E se correr no sangue da família? E se ele aprendeu a ser violento com o pai?”

“Há tantos e se”, digo, “que não sei mais o que pensar”.

“Você deveria comer”, Lacey diz. “Essa é uma coisa que eu sei.”

“Como vamos evitar que a Amy mate o Seth?” digo. Planto os pés no chão e paro de balançar.

De todas as questões zunindo em minha mente, essa era de longe a mais alta. E está uma bagunça, porque eu deveria pensar sobre como parar a Amy no geral, como mandá-la para qualquer diacho de dimensão ou plano eterno de paz que ela deveria ir, mas tudo que consigo pensar é sobre como quero que Seth sobreviva.

Coloco a mão no bolso e manuseio o celular. Quando saímos do Cinco Brejos, ele finalmente me deu seu número e até o endereço. Então, sorriu e saiu com a cabeça baixa, chutando pedrinhas pelo caminho. Penso no Seth de quinze anos, perambulando nos pântanos, vendo seu pai cometer o pior ato no mundo. Quero aquela imagem fora da minha cabeça. Quero que nunca tenha existido, nunca tenha acontecido.

Quero o mundo melhor.

Quero a vida do Seth melhor.

Quero a Amy ainda viva.

Quero a Lacey ainda viva.

Quero o Seth.

Eu o quero.

“Uau, Mares, no que você está pensando? Sua expressão é como dor”, Lacey diz. “Você parece uma garota com o peso do mundo nos ombros, como se estivesse prestes a ter o coração chutado.”

“Talvez eu esteja”, murmuro.

Um Neil ofegante vem correndo fazendo a curva no parque. “Gente, tenho novidades. Lemarr sabe onde o cara do passeio fantasma passa o tempo. Aparentemente, ele bebe no The Nag’s Head, logo na esquina. Deveríamos ir e conversar com ele, ver o que ele sabe sobre... Você está bem? Parece horrível, Mary. A história do Seth fez sentido?”

“Não sei como dizer”, respondo. “Se a polícia nunca teve evidência suficiente para condenar o pai dele, como eu poderia descobrir com certeza?”

“Mas você acredita nele”, Neil diz.

“Sim, mas isso é suficiente?”

Neil não responde, em vez disso ele faz um movimento para eu sair do balanço e, então, envolve meus ombros com um enorme braço e me aperta. “Vem, vamos encontrar esse cara do passeio fantasma.”

“Mas ainda é de tarde”, digo. “Será que ele estará lá?”

“Aparentemente, ele vai lá todo dia antes dos passeios”, Neil responde.

Puxo o celular da bolsa. “Eu deveria mandar uma mensagem para o Seth, assim ele nos encontra lá.”

“Essa é uma boa ideia?” Lacey diz.

“É a vida dele em risco, Lacey. Ele tem o direito de descobrir como se livrar da Amy”, respondo.

Ela franze o cenho. “Ok.”

No caminho até o pub, Lacey está bem quieta. É óbvio que ela não acredita na história do Seth, mas não posso pensar em mais nada que faça sentido. Ela não entende que eu tenho de seguir minha intuição, e ela me diz que Seth é inocente.

Neil abre a porta do The Nag’s Head e a segura aberta para mim. Ela balança de volta enquanto Lacey está pisando para entrar, passando direto por ela.

“Obrigada, Neil”, ela diz com uma pitada malévola e sarcástica.

Lanço um olhar para ela. Não é como se o Neil pudesse vê-la. Ou que ela precise da porta aberta.

Entramos no pub e a parede usual de fofoqueiros e a música de fundo lhe atinge de cara. É um próprio “bar para homens velhos”. O tipo que você encontra nos lugares mais remotos. Dá para dizer quem são daqui porque eles viram e encaram com mais do que um pouco de hostilidade; os velhos usam boinas e botas Wellington. Eles não pareceriam fora do lugar pisando em campos com uma espingarda de caça jogada sobre um dos braços. As mulheres são encrostadas de maquiagem, com tailleurs em cores pasteis. Imagino uma delas no banco do passageiro de um conversível, um lenço de cabeça primorosamente amarrado sob o queixo.

Mas não tem só fazendeiros ricos no pub. A coisa sobre a Inglaterra é que não importa quão luxuosa seja a área, é sempre perto de uma moradia pública, e em um dos aposentos, um jogo turbulento de sinuca está acontecendo. Espio a sala para ver cerveja caindo das laterais de copos, atingindo o chão de carpete pegajoso. Cheira a desodorante barato e peidos.

“O que você quer beber?” Neil pergunta.

Ele não consegue me persuadir a tomar uma bebida de verdade, então vai ao bar pegar uma Coca e um copo da verdadeira cerveja inglesa, a nota de dez libras já na mão. Eu perambulo pela sala com os jogadores de sinuca. É lá que encontro o cara do passeio fantasma — Igor.

Ele senta no pequeno bar na segunda sala com a cartola perto dele em um banco separado. Seu cabelo desengonçado, calvo no topo, estendendo-se nas laterais da gola da camisa e descansando nos ombros do paletó preto. Há a corrente de ouro de um relógio de bolso saindo do bolso do paletó. Ele é um homem que pareceria fora do lugar independente da época. No século XXI ele é um gótico Vitoriano. Se você o transportasse de volta aos tempos Vitorianos, ele pareceria despenteado e imundo — um homem a ser evitado.

“Ele não pode ser tão bom como caça-fantasma”, Lacey diz. Eu já quase havia esquecido que ela estava lá. O som da sua voz me assusta. “Ele nem me percebeu no passeio fantasma.”

Enquanto estou cogitando quanta ajuda Igor realmente será, Neil espreme um copo gelado de Coca entre meus dedos. Eu nem o havia notado se aproximando, ou o jeito que os jogadores de sinuca haviam parado o que estavam fazendo e virado para me encarar.

“Tudo bem, amor?” um indivíduo magricela pisca para mim.

Respondo com um sorriso indiferente, torcendo para que seja o suficiente para comunicar, “Não quero ser rude, mas por favor não fale comigo”, antes de seguir Neil até o nosso guia do passeio fantasma.

Neil limpa a garganta. “Hm, Sr. Igor?”

Igor vira e move o queixo para baixo para nos examinar sobre seus pequenos óculos estranhos. Ele é mais velho do que eu pensei, com o cabelo grisalho nas raízes e vasos sanguíneos estourados ao redor do nariz. “O que é isso? Quem são vocês?”

“Nós estávamos em seu passeio fantasma na noite passada”, Neil continua.

Ele olha para Neil e depois para mim, seus olhos impacientes, os dedos tamborilando a lateral do copo de cerveja. “E?”

“Nós gostaríamos de saber se podemos falar com você, sobre... *fantasmas*”, Neil sussurra, inclinando-se para a frente na ponta dos pés.

Igor suspira. “De novo não. Olhe, eu venho aqui para ter um pouco de paz e silêncio, não para ser incomodado por adolescentes. Se vocês querem um maluco para apontar e dar risada, há um circo fora de Leeds com—”

“Não é isso, Sr. Igor”, digo. “Precisamos da sua ajuda.”

Lacey dá um passo à frente e passa pelo Igor. Seus olhos se arregalam e as costas se endireitam. Aceno com a cabeça para ele enquanto ele começa a perceber o que aconteceu.

“Não estamos sozinhos”, ele sussurra, encarando através de mim o fundo da sala. Ele para e permanece ainda em contemplação. Então, ele bate no bar com as dobras dos dedos e se inclina para a atendente. “Eileen, você se importa se eu for lá em cima por alguns minutos? Essas crianças precisam falar de negócios.”

“Claro.” Ela apoia um copo limpo e pega um molho de chaves de detrás do bar. “Traga-as de volta quando terminar.”

Igor levanta a cartola do banco, coloca-a na cabeça e pega as chaves. Ele pisca para ela. “Conheço o procedimento.”

*

“Então, tem uma amiga com você, é isso?” Igor diz enquanto levanta o copo levando-o aos lábios. A Guinness deixa um bigode de cerveja no lábio superior.

Concordo. “Você consegue senti-la?”

“Claro.” Ele recosta na cadeira e cruza as pernas, o tornozelo descansando no joelho contrário.

Estamos sentados no salão de festas acima do pub, em cadeiras dobráveis colocadas em tábuas de assoalho de madeira de uma pista de dança. Há um palco atrás de nós, as cortinas vermelhas esticadas. Imagino se as bandas locais tocam aqui ou se eles atendem ao grupo mais velho, empregando cantores de bar e comediantes de terceira classe.

“Cês acharam que eu era um charlatão ou algo do tipo?” Ele estreita o olhar. O som fanhoso de Yorkshire é brusco, mas ainda reconfortante, evocando o tom dos parentes do norte que você vê durante o Natal.

“Viemos a você atrás de ajuda, lembra?” Neil aponta.

“Aham, bem. Vocês ficariam surpresos quanta gente vem para tirar sarro. Pensar que eles tinham coisa melhor pra fazer.”

“Não somos como eles, Sr. Igor. Precisamos de ajuda com um espírito poderoso”, digo.

“Quão poderoso?”

“Forte o suficiente para tirar outra vida”, respondo.

Os olhos de Igor ficam nos meus enquanto ele toma um longo gole da Guinness. Ele já virou metade do copo enquanto estivemos lá em cima. Ele estala os lábios e bate o copo na mesa. “Tão falando besteira. De jeito nenhum cês viram um fantasma assassino.”

“É a Pequena Amy”, Neil diz.

A expressão de Igor parece enrijecer. A boca fica frouxa e os olhos bem abertos. O rosado das bochechas, devido ao álcool, desaparece, desbotando a pele e fazendo as sombras debaixo dos olhos mais visíveis. Ele vai ficar de pé, mas eu coloco a mão na dele.

“É verdade. Eu a vi. Você sabe que é verdade. Alguém como você deve ter percebido as mortes misteriosas por aqui, o jeito como homens morrem no ou perto do Cinco Brejos? Sei que você percebeu. É hora de parar de ignorar isso”, digo.

Igor cai de volta na cadeira, inclinando-se para a frente na mesa redonda bamba. “A morte da Amy não apenas me afetou, ou a família dela, afetou todo o vilarejo.” Ele levanta a mão e sem muito entusiasmo esfrega a órbita ocular. “Noite terrível que foi. Uma mocinha como ela.”

“Sabemos que foi trágico”, digo. “Mas precisamos descobrir se você sabe como banir um fantasma para sempre. Ela está *matando* pessoas, Igor. Ela tentou me matar.” Minha mão vai à garganta. “Eu mal sobrevivi. Foi a Lacey, aqui, que me ajudou.” Faço um gesto para a Lacey embora eu saiba que ele não pode vê-la.

Quando Igor começa, percebo que a Lacey se revelou.

“Oi”, ela diz.

Igor apalpa os óculos. “Você ainda tá fresca.”

“Se você quer dizer meu cadáver, não está tão fresco”, ela diz.

“Desculpa. Quero dizer, você não está morta há muito tempo.”

“63 dias, 10 minutos e 27 segundos, mas quem está contando?” Lacey responde.

Queria poder alcançá-la e apertar sua mão.

“O que quer que vocês queiram fazer com essa tal garota Pequena Amy, vocês não vão testar comigo. Achei que devia deixar isso claro desde o começo”, Lacey diz.

Igor solta um suspiro tão pesado que parece envelhecê-lo. “Eu havia esperado ter deixado tudo aquilo para trás. Mas parece que é hora de começar de novo. Sabe, eu costumava estar nos negócios de caça-fantasma. Ou melhor, negócios de exterminação de fantasma.”

Lacey encara Igor com horror, e eu compartilho um olhar satisfeito com Neil. Fizemos a coisa certa em vir ao Igor.

“Você *extermina* fantasmas?” Lacey diz.

“Costumava”, ele corrige. “A muito tempo atrás. Fantasmas são espíritos estranhos neste mundo, eles não deveriam, por direito, estar aqui, e a maior parte do tempo eles causam problemas para aqueles ao redor. Eles se tornam amargos, mudados... Ah, desculpa mocinha, eu não deveria ter dito isso.”

Lacey encara a mesa entre nós. Dessa vez, eu a alcanço e tento pegar a mão dela, esquecendo tudo sobre sua forma não-corpórea e ganhando um arrepio pelos meus esforços.

“Não somos todos estranhos”, ela diz. “Eu tenho um propósito. Vou impedir aquela garota Amy de tirar mais vidas. É isso o que eu vou fazer.”

Igor concorda. “Bem, está certo. É bom ter você a bordo. Quando se está tentando enfrentar um espírito vingativo, é bom ter um time para apoiá-lo.”

“Você já trabalhou com um fantasma antes?” pergunto.

Igor esvazia mais da sua cerveja e arrotava no punho. “Essa será a primeira. Cinquenta e dois e ainda tendo sua primeira vez no mundo — isso não é alguma coisa?”

“Então, como a... hmm, extinção de fantasma funciona?” Neil pergunta.

“Não posso falar sobre isso aqui.” Ele se inclina para o lado e procura com afinco algo no bolso do jeans. Após alguns instantes, ele puxa um pequeno cartão. “Meu cartão. Cês podem me pegar nesse número.” Ele aponta o número. Quando estendendo o braço para pegar o cartão, ele o afasta, vira-o e pega uma caneta de um pequeno corte na cartola. Após rabiscar atrás do cartão ele o passa para mim. “Aí está meu endereço e um horário. Venham a mim amanhã e eu explico tudo. Vistam roupas quentes e confortáveis.”

Igor levanta para sair enquanto examino o cartão. Há uma foto da metade de seu rosto, usando a cartola. No topo, uma manipulação ruim de foto sobrepõe uma caveira. Igor — Profissional de Tours de Fantasmas, é o que diz. É quase exatamente o mesmo do panfleto que havia colocado em minha bolsa nos primeiros dez minutos de chegada em Nettleby. Talvez eu sempre soube que seria levada até aqui.

No próximo instante, Igor esvazia a cerveja e suas botas perfuram a pista de dança, deixando-me com Lacey e Neil.

“Bem, isso foi dramático”, Lacey diz.

Capítulo Quinze

Voltamos ao andar de baixo para encontrar Seth no bar. Seu sorriso se alarga quando nos aproximamos e a primeira coisa que ele faz é perguntar se eu quero uma bebida.

“Fique de olho no veneno”, Lacey diz. Lanço um olhar furioso para ela.

“Erm, comunicadora com fantasmas? Você talvez não queira encarar o bar inteiro. Ela *é* invisível, sabe?” Neil diz.

Mordo o lábio. “Sim, eu continuo esquecendo disso.”

“Da próxima vez que você esquecer, talvez se encontre em alguma ala psiquiátrica em algum lugar”, ele continua.

“Não será a primeira vez”, Lacey diz. Seus olhos brilham com maldade.

Troco o peso de um pé para o outro de modo desconfortável. Seth não sabe sobre minha estadia na Magdalena, ainda. Pelo menos ele não consegue ouvir a Lacey. Mas a coisa é, a Lacey que eu conheço nunca faria uma observação cruel dessas. Ela tem um senso de humor travesso e, às vezes, chega no limite, mas ela nunca é cruel. Ouço o som distante de alarme disparando, e as palavras de Igor me assombram. Será que *todos* os fantasmas se tornam amargos e perversos?

“Então, você disse algo sobre vir aqui pegar informação?” Seth diz enquanto me passa outra Coca. “Descobriu alguma coisa?”

“Sim, conseguimos,” digo.

Neil nos direciona a uma mesa silenciosa no canto. Há três bancos ao redor da pequena mesa redonda. Seth se arrasta para o outro banco, sentando tão perto que seu joelho está contra o meu. Ele me lança um sorriso travesso e minhas bochechas se aquecem. Lacey fica de pé com as mãos bem enfiadas nos bolsos do agasalho, uma expressão chateada em seu rosto. Quando Seth sorri para mim, ela faz um som gutural na garganta.

É Neil que começa com animação o conto sobre encontrar o Igor. Mas ele conta como Igor prolonga suas histórias de fantasmas, falando de modo efusivo e entusiasmado, descrevendo o chapéu de Igor nos mínimos detalhes, até fazendo um sotaque de Yorkshire.

“Espera, Igor o cara do tour fantasma? Eu o conheço. Meio que, de qualquer forma. Ele era amigo do meu pai, há muito tempo”, Seth diz.

“Talvez a gente precise contar a ele o que o seu pai fez”, digo. “Tudo bem por você?”

Seth corre o polegar para cima e para baixo do copo em contemplação.

“Se ajudar a Amy a encontrar a paz que ela merece, então podemos contar a ele.”

Lacey zomba de novo. “Uma pena que ele não pensou nisso quando assistiu ao pai matá-la.”

Tento ao máximo não virar para a minha amiga. Neil olha para mim, apertando os olhos, vendo a tensão em meu corpo.

“Quando você vai acordar, Mares?” Lacey continua. “Ele não é um bom cara. Ele pode não ter *matado* a Amy, mas ficou lá e assistiu ao crime terrível sem fazer nada. E agora está vivendo a vida dele sem pensar uma única vez sobre fazer justiça pela garotinha. Os mortos também têm direitos, sabe? Não é tudo sobre os vivos.”

“Lacey!”

Seth e Neil se viram para mim. A cerveja de Neil no meio do caminho entre a mesa e os lábios dele.

“Hm, tudo bem?” Seth pergunta.

Balanço a cabeça. “Não, não mesmo. Eu... Sinto muito, tenho que ir.”

Na pressa para sair dali, meu banco tomba e eu recebo um olhar duro de um homem vestindo tweed e um tut de uma mulher usando pérolas. Tropeço nos meus pés ao me jogar para fora do pub.

Quando o ar frio do entardecer atinge minha pele, lágrimas enchem meus olhos. O que está havendo? A Lacey me odeia agora? Por que mais ela me insultaria daquele jeito?

Um enorme peso pressiona meus ombros. Estou cansada do matiz cinzento que a morte deixa em minha vida, como um cigarro queimando uma fotografia, crescendo e consumindo tudo no caminho. Estou cercada por fantasmas, e demônios, e monstros. Estou metade neste mundo com a outra metade sendo arrastada ao inferno, ou o que quer que exista depois da vida. Sinto-me como metade de uma pessoa. Penso nas expressões preocupadas nos rostos dos meus pais quando eles perceberem que eu não tenho amigos. É porque eu me escondo em morte e fantasmas. Eu não vivo com os vivos.

“Mary?”

Viro-me de novo para a porta do pub. Seth está lá hesitante, a porta meio aberta nas mãos dele. Ele estar metade no pub e metade fora parece tanto como me sinto. E, de algum modo, ele é exatamente como eu. Seth acredita que irá morrer em alguns dias. Ele não pertence aqui também. A barreira que ele mantém quando está próximo a mim não é uma distância por cavalheirismo; ele está se protegendo, também.

“Me tira daqui”, digo.

“Tem certeza?” ele pergunta.

Cruzo aquela distância entre nós e coloco minhas mãos nas dele. “Sim.”

*

O carro de Seth é inesperado. Você pensaria que um mecânico de vinte anos teria um carro de corrida todo incrementado, com um spoiler e ligas de metal, mas ele dirige um Ford comum. É até meio novo. Não sei muito sobre carros, mas parece o tipo de coisa que uma mãe dirige quando vai buscar as crianças na creche.

“Onde você quer ir?” ele pergunta.

Ainda não é o pôr do sol. Descanso a cabeça contra a janela e assisto aos pântanos passarem por nós. Seth dirige entre seguro e rápido. Ele raspa nos cantos e acelera o motor quando troca de marcha. A justaposição é ele em resumo: confortável e confiável, mas de alguma forma perigoso e sombrio.

“Qualquer lugar.”

“O que aconteceu no pub? É a Lacey, né?”

Tamborilo os dedos contra o vidro da janela, evitando a expressão preocupada de Seth.

“Ela está aqui agora?”

“Não.”

“O que ela falou?”

“Não quero falar sobre isso.”

Inclino-me no vidro enquanto ele vira outra esquina. “Mary, é sobre mim? Não quero ficar entre você e sua... hmm, amiga.”

“Amiga fantasma”, digo. “Pode falar. Ela está morta. Ela é um fantasma. Ela nem deveria estar aqui, mas...”

Mas o quê? Qual é o mas?

“Vocês não conseguem dizer adeus uma para a outra”, Seth termina para mim. “Vocês se amam. Sei como é se sentir assim.”

“Sabe?” pergunto.

Seth solta um suspiro longo. “Estive escondendo algo de você. Com tudo o que está acontecendo, não tinha certeza se deveria mencionar ou não. Mais cedo, quando você me perguntou por que nunca contei à minha mãe o que vi naquela noite, bem, há uma razão.” Ele dá seta e vira na estrada principal.

“O que é?” pergunto. Minha pele pinica. E se eu cometi um erro ao entrar no carro com esse cara? Outro segredo? Outra mentira?

“Preciso levá-la a um lugar.”

“Onde?”

Ele vira para olhar para mim, tirando os olhos da estrada por um bom tempo. “Você confia em mim?”

“Por que você está me perguntando isso?” digo.

“Porque preciso saber se posso confiar em você, e acho que seria mais fácil confiar em você se você confiasse em mim.” Ele se vira de volta para a estrada.

Hesito. “Não é justo. Confiança é construída com o tempo. Eu só o conheço a alguns dias.”

“Mais do que isso”, ele diz calmamente. “Passamos por coisas juntos, compartilhamos mais do que a maioria das pessoas compartilham em uma vida inteira. Segurei sua vida em minhas mãos. Eu a trouxe para a segurança na roda-gigante. Pulei com você quando me disse para pular. Aquele momento valeu por mil dias.”

Sua voz silenciosa envia arrepios pelos meus braços e pernas descobertos. “Eu sei. Confiei em você naquele momento. Meu primeiro instinto foi confiar em você. Mas...”

“Você não confia na sua intuição, então você não confia em mim”, ele diz com um suspiro.

“Não, não é verdade. Sempre confiei na minha intuição. Dependo dela mais do que qualquer coisa.”

“Mais do que sua amiga fantasma?” Seth levanta uma sobrancelha para mim.

“Eu... não sei.” Nunca pensei nisso dessa forma. Lacey sempre me apoiou. “Essa é a primeira vez que discordamos de algo. Passamos por muitas coisas.”

“Conte-me sobre isso, quero saber”, Seth diz.

“Tudo bem. Mas, você não pode me julgar. Combinado?”

“Combinado.”

“Lacey e eu estávamos em um hospital psiquiátrico juntas...” Comecei e, então, contei-lhe a história inteira. Contei-lhe sobre os monstros estranhos que vi na escola e como eles me passavam mensagens. Contei-lhe sobre encontrar a Lacey pela primeira vez, vendo a bagunça de cabelo loiro e o delineador preto espiando sobre o agasalho. Contei-lhe sobre Mo, que confiou em mim mesmo quando não me compreendia, e sobre o garoto que gritou e foi silenciado por um assassino.

Depois, contei o que eu precisava contar a alguém mas não conseguia. Contei-lhe sobre o Dr. Gethen e sobre o modo como ele me provocava. Contei-lhe sobre a noite na ala abandonada quando ele me perseguiu e eu engatinhei pela passagem de ar para sair. Contei-lhe sobre como eu tomei a decisão, a decisão de enfrentar meus medos, enfrentar a possibilidade da morte e impedir que Gethen reivindicasse mais vítimas. Finalmente, contei-lhe como Lacey se sacrificou por mim e como ela tem estado comigo em forma de fantasma desde então.

“No funeral da Lacey, a mãe dela me estapeou”, digo. “Ela disse que eu era uma má influência na garotinha dela, e que eu a havia forçado a ir à ala abandonada como algum tipo de jogo. Lacey ficou

de pé ao meu lado, parecendo tão sólida e ainda tão invisível ao mesmo tempo. Ela ria e dizia: ‘Não preste atenção a essa mulher podre de crack. Ela quer culpar você para não ter que se culpar.’”

“Ela está certa. Você não deveria se culpar. Nada disso foi culpa sua.”

“Lacey tinha esse olhar vazio nos olhos durante o funeral inteiro”, continuo. “Ela continuou fazendo piadas, apontando garotas que ela havia gostado na escola, os membros da família dela que haviam ido pra prisão. Aquele tipo de coisa. Mas ela tinha esse olhar vazio...” Balanço a cabeça. “Sumiu por um tempo, mas às vezes volta. Eu me preocupo que ela esteja mudando.”

“Ela morreu. Você não pode passar pela morte sem mudar pelo menos um pouquinho.”

“Mas e se você mudar completamente? E se minha amiga não for mais minha amiga?” Pronto, falei. Finalmente, disse as palavras que estavam debaixo da superfície da nossa amizade desde o funeral da Lacey. As piadas, a energia, a garota que eu uma vez conheci ainda existe, mas isso também mudou. Há vezes que as piadas dela são cruéis e amargas.

“Você tem que confiar na sua intuição”, ele diz. O carro vira em um estacionamento. Não havia nem percebido o caminho enquanto conversávamos. “Como está fazendo agora. De forma alguma você me contaria tudo isso se não confiasse em mim.”

A placa próxima ao estacionamento diz Hospital Real de Nettleby. Por que Seth me traria para um hospital?

Ele estaciona e puxa o freio de mão. A porta abre com uma *pancada*. Está chovendo, então coloco a jaqueta enquanto fecho a porta do carro. Um pacote de salgadinho vazio voa pelo chão de cascalho.

“O que estamos fazendo aqui?” digo.

Antes de irmos em direção ao hospital cheio de andares e edifícios (por que eles sempre são tão grandes e estendidos, como um microcosmo de uma cidade antiutópica subterrânea?), ele vira para mim e diz, “Sei que é um pouco estranho levar uma garota que você gosta para um hospital. Mas acho que pode ajudá-la a me entender um pouco melhor”. Ele enfia as mãos nos bolsos do jeans e desvia o olhar. “Quero dizer, espero que sim.”

A garoa se torna uma chuva mesmo, então nos apressamos para o prédio cinzento. Há camadas frescas de tinta verde ao redor das janelas e das portas; isso me faz pensar no modo como coveiros colocam maquiagem nos cadáveres. Mantenho os olhos no Seth enquanto entramos no prédio e somos atingidos pelo ar quente embolorado com o qual estou tão familiarizada. Vejo-o em vez de olhar as paredes brancas estéreis e olhares vazios dos pacientes. Ele sabe onde está indo. Ele cumprimenta com a cabeça uma ou duas enfermeiras. Respinga soro antiséptico nas mãos e força as portas duplas com as costas sem romper nenhum passo.

Chegamos a uma ala que parece mais silenciosa que a maioria. Assim que passamos a porta, uma mulher baixa de meia-idade acena para o Seth e, então, lança-lhe um olhar de desaprovação. Ela coloca as mãos na cintura como uma mãe no parquinho.

“Não está na hora de visita, você sabe”, ela diz.

“Dez minutos, Fatima. Não vamos demorar, prometo.”

A mulher olha para mim e depois para o Seth. Um sorrisinho brinca em seus lábios. “Tudo bem. Dez minutos e depois vocês estão fora daqui. Não vou levar uma reprimenda por você, senhor.” Ela sacode o dedo para ele, mas dá para perceber que ela não está mesmo brava.

“Obrigado.”

Enquanto continuamos pela ala, Seth diminui. Seus passos confiantes sumiram e, no lugar, as mãos apertam as mangas da jaqueta. Ele solta um suspiro longo quando alcançamos a porta de um dos quartos. Ele hesita antes de abri-la.

“Mary, quero que você conheça a minha mãe.”

Capítulo Dezesseis

Bip.

Bip.

Bip.

É o som das máquinas primeiro. Depois, um cheiro semelhante a água sanitária, pairando no ar bolorento. Então, você vê os tubos, saindo de seus braços e nariz, como algo retirado de uma autópsia alienígena. Seu corpo imóvel está embalado em um lençol de crochê. Cabelo bronze espalhado no travesseiro, amortecendo a cabeça dela. As pálpebras são um amarelo pálido, com aparência de machucado. Estão fechadas.

Seth avança e dá tapinhas na mão da mãe. “Eu tenho problemas em dizer adeus também.”

“Quanto tempo ela tem estado assim?” pergunto. Hesito em avançar. O brilho na pele dela a faz parecer uma boneca de cera. Sinto vergonha em dizer que meu estômago balança. Meu instinto natural é me manter afastada dessa criatura doente.

“Desde o acidente de carro. Meu pai morreu e minha mãe ficou em coma.” Ele dá de ombros.

“Então, você tem passado por isso tudo sozinho?” pergunto.

“Meu pai morreu devendo. Ganhei um pouco de dinheiro do seguro, mas foi para a hipoteca da casa. Desde então venho trabalhando em dois empregos para conseguir me sustentar. Não tenho tempo para muita coisa: namoradas, amigos, hobbies... Mas eu quero muito ir para a facul. Quando e como... é outra história.” Ele solta uma risada vazia. “Acho que esse sonho acabou, se a Amy conseguir o que quer.”

“Não diga isso. Você não desistiu da sua mãe, então não desista de você.”

“Eu disse para ela que nunca desistiria. Às vezes, acho que ela pode me ouvir, mas acho que é minha imaginação. Os médicos me deram a escolha, sabe? Eles confirmaram meses atrás. Eles disseram que eu posso desligar as máquinas e deixá-la ir em paz. Eu não consigo... ela não sabe sobre *ele*. E se ele estiver esperando por ela? Não posso...” a voz dele racha.

Dou um passo para a frente e deslizo o braço na cintura dele. “Você quer dizer seu pai?”

Ele concorda.

“Você não sabe disso com certeza. Ninguém de nós pode saber.”

“Essa é a pior parte”, ele diz, “não saber. Como posso tomar a decisão correta por ela, quando não sei o resultado? Eu poderia estar impedindo-a de encontrar a paz, ou poderia estar condenando-a ao nada, ou poderia preveni-la de um dia acordar e ser mãe de novo. Como eu faço essa escolha por outra pessoa?”

“Não sei”, sussurro.

O silêncio fica entre nós. Abro a boca, procurando as palavras certas para resolver o problema de Seth, ou pelo menos suavizar sua agonia, mas não há nada. Meu batimento cardíaco acelera enquanto penso sobre o que deve ser para a mãe dele, ficar presa em uma casca vazia de uma pessoa. Talvez os médicos estejam certos, talvez ela tenha ido há muito tempo.

Fatima coloca a cabeça na entrada do cubículo. “Seth, o médico de plantão está fazendo a ronda. Vou levar uma bronca enorme se vocês dois estiverem aqui.” Ela golpeia o polegar na porta e assovia entre os dentes.

Na saída, Seth dá um tapinha no braço de Fatima e sorri. Ela aperta os dedos dele pelo mais breve instante e, então, olha para mim com os olhos implorando. *Cuide dele*, eles parecem dizer.

Ajude-o. Ela deve pensar que sou a namorada dele.

A coisa boa a tirar disso tudo é que entendo Seth agora. As críticas contínuas de Lacey haviam me vencido pela insistência, feito eu começar a duvidar da minha intuição. Seth vivia com aquelas memórias sozinho, porque tinha muito a proteger: uma mãe doente, uma casa, ele mesmo. Penso na história dele mais uma vez. Não há prova, nenhuma evidência. Se ele tivesse ido à polícia, haveria a mesma chance de envolvê-lo, assim como o pai. Então, quem cuidaria da mãe dele? Olho para o Seth, vendo-o tão ferozmente protetor de sua família, um homem de princípios que trabalha para manter uma vida presa em um limbo enquanto a mãe definha em uma cama de hospital. Tudo está congelado para ele neste momento.

Saímos do hospital em silêncio, com um espaço enorme entre nós. O que ele me mostrou me traz mais para perto dele do que antes, mas essa proximidade é tão intimidadora que não sei o que fazer com ela. Em determinado momento, enquanto passamos pelas portas automáticas que levam ao estacionamento, Seth estica o braço e aperta minha mão, segurando-a mais apertado do que é confortável. Eu o deixo fazer isso.

Quando entramos no carro, a pergunta escapa de meus lábios, “Seth, se a Amy matar você, quem vai cuidar da sua mãe?”

Seth segura a chave do carro no ar, congelado entre o volante e a ignição. Ele larga e se inclina no assento. “Eles desligam a máquina. Mas acho que não iria importar mais. Ela não teria ninguém por quem acordar.”

Viro-me para ele e seguro as mãos dele, chaves e tudo. “Eu não deveria ter dito isso. Amy não vai levá-lo. Nós encontramos alguém para ajudar. Tudo vai ficar bem.”

As palavras soam vazias até mesmo para mim. Estou falando com um garoto que passou por mais do que alguém poderia passar, o suficiente para fazer qualquer um desistir.

Mas então ele se inclina para a frente até nossos narizes se tocarem. Estamos tão perto que vejo os pontinhos de âmbar nas írises castanhas. Ele para, esperando. Não posso mais esperar. Solto as mãos dele e jogo meus braços ao redor do pescoço dele, pressionando meus lábios contra os dele, não tanto como desejo, mas necessidade.

Seth hesita por menos de um segundo, mas então suas mãos estão em meu cabelo, e ele me beija profundamente, tão fundo que eu o sinto; leve fumaça de cigarro, doçura, como mel. A boca dele explora a minha com fome, toda a antecipação, os longos olhares, os toques elétricos, tudo isso culmina nesse momento enquanto nos prendemos à vida diante da morte. Finalmente, finalmente, estou viva. Estou viva com sentido enquanto meu corpo grita pelo toque dele. Cada receptor sensorial sob minha pele anseia pelo toque das pontas de seus dedos. Estou agarrada nele, torta em meu assento, pressionando cada parte de mim contra ele.

Quando seus beijos encontram as cicatrizes em meu pescoço, eu congelo. Meu batimento acelera e eu começo a entrar em pânico. Seth começa a se afastar e é então que eu caio na real. Quero Seth o suficiente para me fazer parar de me preocupar com as cicatrizes. Elas não importam tanto como esse momento. Ele beija meu queixo, e de volta aos meus lábios. As mãos dele puxam meu cabelo gentilmente, correndo firmes pelas minhas costas e agarrando minha cintura. Eu devolvo a sensação, fazendo meus dedos encontrarem os caminhos do corpo dele por baixo da camiseta, pressionando os músculos criados pelo trabalho manual, tornando-o flexível e firme em vez de bombado.

Eu o quero.

Não parece nada que já senti antes. Com o Mo, eu gostava dele o suficiente que beijar parecia legal. Estar com ele era doce e amoroso. Com Seth, é uma *necessidade*. Nunca havia tido esse tipo

de atração antes. É como se desligasse meu cérebro do resto do mundo. Tudo que sei é a pele dele e seus lábios e o calor e beijar e beijar e beijar...

Quando ele se solta, o mundo inunda de volta e é uma sensação horrível, como luto esquecido por um instante. Sei que Seth sente o mesmo, sente o peso da responsabilidade aterrissando diretamente em seus ombros. Sua mãe, seu pai, a Amy.

“Acho melhor irmos”, ele diz, ofegando enquanto seu peito sobe e desce. Seus lábios estão avermelhados e machucados, e seu cabelo está desgrenhado por causa dos meus dedos.

“Sim”, digo, consciente de quão arregalados estão meus olhos. “Sim, é melhor.”

*

De alguma forma, não precisamos decidir para onde ir. Eu o deixo dirigir para qualquer lugar que queira.

Abaixo o vidro da janela e coloco a cabeça para fora, sentindo o chicote de vento chuvoso contra meu rosto até que começa a ficar dormente. Ligo o rádio e os sons melódicos de The Beach Boys explodem. Começo a acompanhar o ritmo da música, tamborilando no apoio de braço, batucando no porta-luvas. Em pouco tempo, estou cantando e Seth começa a cantar também. Estamos cantando no topo de nossas vozes, harmonizando os *ooo-ooo-ooohs*, ambos desafinados. A chuva começa a cair mais forte e Seth liga o limpador de para-brisa. Minhas pernas estão congelando e eu me arrependo de ter colocado shorts.

Mas tudo isso — meu rosto gelado e úmido, minhas pernas arrepiadas, a dor de garganta por cantar, meus lábios ressecados por beijar Seth — é como um ataque de euforia, um esvaziar de peso. Liberdade maníaca — o tipo que o faz se sentir invencível, como se pudesse enfrentar o mundo e vencer.

As estradas do interior mudam para ruas secundárias do vilarejo. Ainda estamos cantarolando Pet Sounds e eu canto como se os rostos embaçados daqueles cuidando da vida deles não existissem. Seth balança a cabeça e sorri. É tão bom vê-lo sorrir.

Ele leva o carro para uma vaga em uma rua silenciosa do subúrbio que é uma fração mais larga do que as vielas do interior que meu pai dirigiu para chegar ao Cinco Brejos. Não há quaisquer linhas na estrada e a margem é construída de pedras encaixadas sem cimento. Quando o motor silencia e os Beach Boys param de cantar, fica claro para mim que estou sozinha com o Seth e que ele me trouxe para a casa dele. É como se um interruptor tivesse sido ligado novamente. O calor se espalha para minhas extremidades e minhas bochechas ruborizam. Seth está virado em seu assento com o cinto solto.

“Você não tem que entrar se não quiser—”

Eu o calo com a minha boca na dele.

*

Quando vivemos no momento, não é comum sabermos, naquele exato segundo, que iremos recordá-lo para sempre, mas nessa tarde, eu sei que irei pensar no Seth em sua casinha singular, mas ainda solitária. Irei lembrar de como conversamos e nos beijamos. Sempre o cavalheiro, não vamos passar disso, apesar do calor queimar sob a superfície quando as pontas de seus dedos tocavam minha pele.

Claro, uma parte de mim deseja conhecê-lo mais. Mas, ao mesmo tempo, sei que iria arruinar a mágica. Tiraria a tensão que me faz ansiar por ele, e não estou pronta para essa tensão ir embora.

Talvez nunca estarei. Talvez, estejamos destinados a conhecer o outro e nos conectarmos por essa uma semana, e isso é tudo o que há.

Isso é suficiente.

Seu quarto é uma explosão de Seth, onde o resto da casa é simples, ainda impecável. Pinturas sem molduras penduradas de forma torta pelas paredes. A maioria são meios misturados, incorporando lápis, acrílico e estranhas telas como pedaços de madeira abandonados ou papéis despedaçados.

Uma pintura chama a minha atenção. É inequivocamente a mãe dele, embora carregue pouca semelhança. É metade esboço, metade pintura cheia de tons rosas, brancos e marrons, e é como se ele estivesse tentando juntar as partes dela, tentando consertar algo que nunca poderá ser reparado. Aqueles tons de rosa e marrom, eles não serão restaurados, porque você não pode simplesmente remendar uma pessoa. Vejo a Lacey naquela pintura. Vejo a Amy também. De algumas formas, vejo o Seth.

“Você está com fome?” Seth pergunta.

Ficamos no sofá dele pela última hora, com algum programa de televisão tocando de fundo. Não assisti a um segundo dele.

Viro-me para ele, o que é um erro, porque me faz querer beijá-lo de novo. Em vez disso, acaricio o peito dele, esfregando a palma da minha mão contra a barba rala dele. “Na verdade, estou sim.”

Ele planta um enorme beijo molhado em minha testa antes de ir, e eu dou um sorriso como uma mulher maluca porque isso me faz sentir como alguém que importa.

“Não vá ferver nenhum coelho ainda, Mary,” murmuro para mim mesma.

“Você disse alguma coisa?” Seth vira de volta, pelado da cintura para cima e tatuado do ombro até o umbigo. Pássaros, penas, poemas e canções decoram seu peito. Não há uma que eu não tenha beijado.

“Não,” respondo. “Nada mesmo.”

Enquanto ele sai, imagino se Seth poderia me pintar um retrato dele antes de eu sair de Nettleby. Então, cai a ficha. Em alguns dias, eu terei ido embora.

Sento me endireitando e dobro as pernas sob mim.

Eu sempre soube que isso era só um lance.

Ainda assim, pensar na gente se separando revira meu estômago.

Afasto o pensamento e em vez disso absorvo o resto do quarto do Seth. Suas pinturas não são o único traço artístico. A decoração é neutra, mas masculina e criativa ao mesmo tempo. Ele tem uma cadeira de couro gasta em um canto, um violão no outro. Livros estão empilhados nas estantes, próximos a velas de igreja meio queimadas. Seus ornamentos são pesados cinzeiros de vidro misturados com fotografias em molduras de madeira e globos de neve cafonas da orla do mar. Ele tem uma escrivaninha coberta com livros de esboço, cadernos e potes cheios de pincéis. Pó de carvão marca as almofadas do sofá. O criado-mudo é recheado de livros. Um deles parece um diário. Resisto à vontade de abri-lo. Os outros são romances literários eruditos — *Nabokov*, *Fitzgerald*, *Hemingway*. Penso nesse homem, talentoso, intelectual, trabalhando em um parque de diversões para pagar as contas. Meu coração aperta.

Então, vejo o esboço.

Reconheço-a em um instante.

Cabelo escuro pendurado no rosto. Seu vestido branco-íris manchado de vermelho. A grama do pântano debaixo de seus pés. Atrás dela, uma sombra enorme à espreita.

Amy.

“Você gosta de torrada? Espero que sim, porque é basicamente tudo o que tenho.” Seth coloca a bandeja no topo de uma precária pilha de livros, cheia de torradas quentes, manteiga, diferentes geleias, um bule de chá e uma caixa de suco de laranja. Seus olhos preocupados encontram os meus. “Você está bem?”

Acaricio o peito dele mais uma vez, absorvendo cada parte de seu rosto, memorizando-o para sempre. “Estou bem. Melhor do que bem, estou morrendo de fome.”

Capítulo Dezessete

Onde a história acaba? Tudo se resume a isso. É o que todos nós queremos saber.

Alguns de nós pensa que já sabem a resposta. Elas são as pessoas que fecham um livro e nunca pensam nele de novo. Para elas, a história acaba na palavra ‘Fim’ e é isso.

Então, há os otimistas. A história continua, mas permanece a mesma. A princesa vive feliz para sempre com seu príncipe, provavelmente surgem algumas crianças que carregam a linhagem. Casamentos sobrevivem, famílias continuam e o bem prevalece sobre o mal. Essas são as pessoas que não suportam desvios da regra. Tudo se encaixa em perfeitas caixinhas. Quando coisas ruins acontecem, elas ignoram ou usam alguma citação sobre tudo acontecer por uma razão ou o que não nos mata nos fortalece. Elas continuam sem nem ao menos falar sobre suas experiências ruins, fingindo que tudo está bem.

Outras imaginam as possibilidades. Talvez a princesa tenha traído o príncipe com um cavaleiro arrojado, fugido com ele para morar na floresta, e o tenha traído com um vizinho fazendeiro e terminado trabalhando nos campos pelo resto da vida. Essas são as pessoas que ficam acordadas à noite, aterrorizadas pelas estrelas acima delas, intimidadas por como o mundo continua girando e não importa se elas vivem ou morrem. Essas são as pessoas que tentam parar aqueles pensamentos por meio da pintura, escrita ou leitura... qualquer coisa para tapar aquele buraco no cérebro que jorra um rio constante de consciência.

Enquanto Seth me leva de volta ao acampamento, vejo aqueles pensamentos em seus olhos. Ele está se perguntando onde nossa história irá acabar. Será nas mãos da Amy? Será que ela vai ter a vingança dela? Será quando eu partir para sempre? Ou será quando alguém, em algum lugar, parar de escrever a história?

É tarde. O céu está um preto azulado, mas a chuva já passou, deixando-o claro o suficiente para ver estrelas e aviões. Seth está com as mangas enroladas para cima e eu traço a linha de andorinhas tatuadas em seus antebraços. Depois de passar o fim de tarde comendo, assistindo a programas ruins de TV e evitando falar sobre nossos maiores medos, sinto como se nossa história tivesse apenas começado, mas irá terminar no primeiro capítulo. Eu sempre soube que seria um romance de férias. E porque eu sempre soube, apaixonei-me ainda mais.

Ele estaciona no mesmo lugar onde o garotinho caiu do telhado. Quando ele desliga o motor, percebo que já é quase meia-noite.

“Você gostaria que eu a levasse até o seu trailer?” ele pergunta.

Balanço a cabeça. “Vou ficar bem.”

Ele se inclina e me beija. Nosso primeiro beijo havia acontecido a meras horas atrás, ainda assim já parece como o familiar beijo devagar que você ganha quando já está com alguém há meses.

Quando nos separamos, ele corre os dedos pelo meu cabelo. “Mary, essa tarde foi—”

“Não diga.” Uma queimação repentina de lágrimas alfineta meus olhos. Foi tudo tão intenso, do hospital para a casa do Seth, para agora. “Estou feliz que você me levou para conhecer sua mãe. Sinto muito por—”

“Não diga”, ele fala.

“Eu queria poder ajudar.”

A mão dele cai no colo.

“Há algo com o qual posso ajudar, contudo”, digo. “Venha conosco encontrar o Igor. Podemos impedir a Amy juntos.”

“Ok”, ele diz, sua voz desprovida de emoção.

“Correndo o risco de soar cafona, acho que você vai precisar acreditar muito para fazer acontecer”, digo. “Se você desistir, se não tentar, a Amy vai vencer.”

“Isso soa mesmo cafona.” Ele enlaça os dedos nos meus e solta uma risada. “Você é o Peter Pan, agora?”

“Não, mas acho que nós controlamos nosso próprio destino. Acredito em nós e em nossas mentes. Podemos fazer coisas acontecerem se acreditarmos em nós mesmos”, digo.

“Ahh”, ele responde. “Essa é a psicologia nota 10 falando.”

Eu o atingo de leve no ombro. “Sou *eu* falando. E, talvez, um pouco do meu pai falando. Ele está certo de qualquer forma. É como quando uma criancinha bate o joelho. Se você correr e mimar a criança, ela continua chorando e chorando. Se você agir como se não fosse nada demais e distraí-la com um ursinho, ela vai começar a rir e morder a orelha dele. A mente é poderosa. O modo como percebemos as coisas muda os resultados de nossas ações. Então, se você acreditar que irá viver para ter vinte e um anos, você irá. Diga-me que você acredita.”

Ele sorri e corre o polegar pela minha maçã do rosto. “Tudo bem, eu acredito — CDF.”

“Ótimo”, digo. “Vai ficar tudo bem, você vai ver. Não vamos deixar a Amy vencer.”

“Mary, a Amy não vai vencer. Ela nunca venceu pra começar. Ela é a única de nós que tem realmente perdido. Tudo.” Seu sorriso desaparece e ele solta a mão no colo.

Eu deveria ter percebido o peso que ele carrega. Não é um romantizado lastimando sobre sua previsão de sorte, é o peso do conhecimento de assistir ao crime de seu pai.

“Você não pode carregar a culpa dele”, digo.

Seth olha para mim com severidade. Seus olhos castanhos brilham na luz turva dentro do carro. A luz do luar e os refletores filtram pelas janelas do carro, mas ainda metade de seu rosto está na sombra.

“Quem mais irá carregar?” ele diz.

Nós nos beijamos, então. Eu me afundo, apreciando o beijo. Mais tarde, deitada na pequena cama de nosso trailer, repito a mesma conversa em minha mente. O Seth deveria se sentir culpado pela morte da Amy? Eu deveria estar nesse relacionamento com ele? E, por último, o que irá acontecer quando eu for embora de Nettleby?

*

Acordo para encontrar Lacey sentada de pernas cruzadas no pé da minha cama, beliscando as mangas da roupa. Ela não diz nada e nem eu, não por pelo menos alguns segundos. Mesmo após eu esfregar o sono dos meus olhos e me sentar, de alguma forma não consigo encontrar as palavras.

Em algum momento, ela olha para cima. “Eu não deveria ter dito aquelas coisas.”

“Você quis dizer aquilo?”

Ela balança a cabeça. “Não, nunca quis.”

“Você não acha que eu deveria estar com o Seth.”

“Porque estou preocupada com você”, ela diz, o tom de voz subindo.

Permaneço falando em um sussurro. Meus pais não podem ouvir fantasmas, mas eles conseguem me ouvir. “Bem, estou preocupada com você também.”

Uma linha se aprofunda entre suas sobrancelhas. “Está?”

“Claro que estou.” Eu me inclino para ela, encerrando o espaço entre nós. “Você é minha melhor amiga, Lace. E, recentemente, não tem sido você mesma.”

Seu rosto desaba. “Não tenho?”

“Você parece mal-humorada.”

“Bem, talvez isso seja porque estou morta”, ela rebate. Há um longo silêncio e Lacey continua a brincar com as mangas do agasalho. Cada vez que ela puxa um fio do punho, ele se repara, voltando ao exato estado de antes. “São coisas como essa, né?”

Concordo com a cabeça.

Ela arrasta as mãos pelo cabelo. “Não quero terminar como ela, Mares. Não quero ser algum fantasma assassino vingativo, caçando crianças inocentes.”

“Ok, eu vou dizer uma coisa e não quero que você fique chateada. Mas você acha que está na hora de você... seguir em frente?”

Seu rosto fica pálido e eu ouço forte comoção em sua garganta quando ela diz, “Você quer se livrar de mim?”

Tento segurar as mãos dela, esquecendo — de novo — que não consigo. “Não, não quero mesmo. Estou com medo de estar sendo egoísta, que eu a esteja mantendo aqui quando você não deveria estar.”

“Mas eu não quero ir”, ela diz. “Não quero deixá-la.”

As palavras soam como ter uma bola de boliche pressionada contra o peito. “Não quero ser a única razão pela qual você está aqui, Lace. É muita coisa...” suspiro. “Só quero que você seja feliz. Você poderia estar em paz neste exato momento.”

“Ou poderia estar apodrecendo em meu cadáver. Ou poderia deixar de existir. Eu poderia voar por aí como alguma partícula na merda do vento. Não sabemos. É normal para você sentar aí e me dizer o que eu deveria ou não fazer, mas não é sua a decisão. É minha. Eu escolho ficar aqui e você não pode me impedir.” Ela projeta o queixo e um estalo de eletricidade tremeluz por ela.

“Então, eu a apoio. Estou com você.”

Lacey se mexe contra a cama. “Mas você disse—”

“Eu quero você feliz.”

Ela se atira em mim e, antes que eu perceba, um arrepio congelante e um choque elétrico se agitam pelo meu corpo. Lacey desaparece e volta a aparecer no pé da cama.

“Desculpa”, ela diz. “Esqueci de novo.”

“Talvez possamos dar um abraço no ar”, sugiro.

As duas se inclinam para a frente e se abraçam sem se tocar. Os pelos em meu braço e atrás do pescoço levantam devido ao arrepio.

A porta do meu quarto abre e minha mãe aparece na entrada. Eu me afasto da Lacey e coloco as mãos ao meu lado.

Ela aperta os olhos um pouco, mas diz em uma voz muito calma, “Você está bem, Mary?”

Concordo com a cabeça.

“Pensei ter ouvido você falando com alguém?”

“Eu estava ao telefone com o Seth”, digo.

Seu rosto brilha ao som do nome dele. “Ah, você saiu com ele ontem à noite?”

Minha mente salta à imagem de Seth, seminu, alimentando-me de geleia na torrada em seu sofá. “Sim, nós fomos para o pub com o Neil.” É só meia mentira.

“Que ótimo.”

Sei que para ela, eu ter um namorado e um amigo é como algum tipo de validação de que estou bem. Ela precisa dessas confirmações mais do que eu. Acho que é o que acontece quando você é responsável por um ser humano; você começa a obcecar com qualquer sinalzinho e o que aquilo possa significar. Como você sabe se está fazendo um bom trabalho?

Enquanto ela me conta sobre a cantora que eles foram ver ontem à noite — aparentemente, ela era uma imitadora da Celine Dion, chamada Selene Dior — eu me viro para a Lacey e compartilhamos um sorriso.

*

“Esse é o lugar certo?” Lemarr pergunta. “Porque não parece muito com a casa de um estranho caçador de fantasma.”

Checo o endereço escrito no cartão. “Sim. É essa.”

Chegamos à porta amarela em um mar de casas com terraço. Levamos trinta minutos para andar do acampamento até o vilarejo, e outros cinco para encontrar a estrada do Igor, que é escondida atrás da rua principal de compras.

Como todas as casas em Nettleby, há cestas de plantas penduradas na porta da frente e vasos de planta embaixo da janela. Neil bate a aldrava três vezes.

À minha direita, os dedos de Seth tocam os meus levemente, mandando choques elétricos pelo meu pulso. À minha esquerda, a forma fantasma da Lacey me dá um calafrio, criando arrepios pelo meu antebraço. Estou presa entre um homem condenado e um fantasma.

Um som de pés se arrastando vem de dentro da casa. Depois de um homem suspirar do outro lado da porta, uma trava vira. Igor está de pé na entrada, sem chapéu e grisalho. Ele se move de volta para o saguão e nos conduz para dentro.

“Vocês trouxeram o fantasma com vocês, então”, ele diz sem rodeios, encontrando meus olhos. “Posso sentir a presença dela.”

Lacey se aproxima de Igor e finge rugir para ele como um monstro com as mãos estendidas. Não consigo deixar escapar um sorriso do meu rosto.

“Diga a ela que se ela continuar se aproximando assim eu terei de colocar outra jaqueta.” Igor esfrega o fino algodão de sua camisa branca.

Igor bate a porta e vira a chave na fechadura. Somos três adolescentes, um rapaz, um fantasma e um homem de meia-idade parados na entrada de uma pequena casa com terraço. Igor lança um olhar duvidoso à Lemarr e Seth.

“Não disse nada sobre recém-chegados”, ele resmunga.

“Eles estão de boa”, digo. “Sabem o principal.”

Neil me dá um olhar engraçado. “Não vamos encontrar a máfia.”

Dou de ombros em resposta.

“Malditas crianças.” Igor passa por nós e o seguimos até a cozinha, o tempo todo ele resmunga palavras sob a respiração. “Cês não levam nada a sério, esse é o problema. Crianças de hoje em dia. Não sabem que isso é uma questão de vida ou morte? Não sabem disso?” Ele balança a cabeça. “Venham cá.”

A cozinha dele é tão singular quanto os vasos de planta fora da casa. O papel de parede é padronizado com rosas da cor rosa em uma videira. O piso laminado imita ladrilhos bege com bordas intrincadas. Até os armários são coloridos, com aparente textura de madeira pintada de branco e maçanetas de porcelana. Um abafador de bule de chá vestido de lã rosa senta sobre um bule roxo.

No peitoril da janela, perto da pia, vejo uma fotografia emoldurada de Igor quando era mais jovem, seu cabelo impecavelmente cortado, o rosto sem linhas, e uma mulher linda em seu braço.

“Essa é sua esposa?” pergunto.

“Era”, ele responde, sem nem mesmo olhar em minha direção.

“Ah, sinto muito.” As coisas fazem mais sentido agora. A obsessão de Igor com fantasmas, sua cozinha rosa floral...

“Ouçam, vocês todos, querem pegar esse fantasma ou não?” Igor olha para todos nós. Então, aperta o olhar para Seth. “Ei, você é o rapaz Lockwood, né?”

Seth concorda.

“Você conhecia a Amy Willis”, Igor continua. “Foi pra escola com os seus primos, né?”

“Isso mesmo”, Seth diz. Ele se aproxima de mim um pouco mais. Sinto ele precisando de apoio e seguro a mão dele na minha.

“O que tá fazendo com esse grupo então? Esses de fora da cidade?”

“É uma longa história”, Seth diz. Ele acrescenta uma risada vazia, tentando soar fácil e natural, mas acaba sendo sinistra.

Igor cruza os braços. “Tenho a noite toda, rapaz. Se não me contar, não vou ajudar vocês a pegarem esse fantasma.”

“Você não precisa dizer nada—” começo.

“Foi o meu pai”, Seth diz. “Ele a matou. Meu pai a matou.”

Igor cai na cadeira perto da mesa da cozinha. “Não. Não foi.”

“Eu vi com os meus próprios olhos.” A voz de Seth é sombria, silenciosa e controladora. O topo de suas bochechas fica rosa e seus olhos voam de Igor para os seus sapatos, para mim e, então, para o resto do grupo. Não consigo nem imaginar o que deve ter sido admitir que você viu seu próprio pai matar uma criança inocente. Aperto a mão dele.

“Eu nunca... Eu pensei... Eu o *conhecia*”, Igor tropeça nas palavras. Seu rosto fica pálido. Cada traço de irritação foi substituído por choque. “Eu o vi no The Nag’s Head. Ele era um brincalhão, sempre fazendo todo mundo gargalhar. O tempo todo. Aquele caso me assombrou todo esse tempo, e tinha sido *ele*.”

“É um grande choque”, digo. “Foi para todos nós.”

Os olhos de Igor brilham. “Você não sabe. Não me diga que sabe. Esse vilarejo viveu com aquele crime nos ombros por anos. Não me diga que sabe como foi, porque não sabe. Você está aqui há uma semana só, garota.”

Seth ajusta os ombros. “Ei. Não fale com ela assim. Ela quase foi morta pela Amy. Ela tem uma conexão com o espírito da Amy. Claro que ela entende quão difícil tem sido.”

Igor repentinamente está de pé. “E você tinha quinze anos quando aquela moça morreu. Você o tem acobertado por todo esse tempo—”

“Ele bloqueou isso da mente dele!” interrompo. “O trauma o impediu de lembrar até o funeral do pai.”

“Como você sabe disso, hein?” O rosto de Igor se move para o meu. Há uma saliva no canto da boca dele e suas palavras assobiam pelos dentes velhos. “Como você sabe que eles dois não estavam juntos nisso, ou que não foi ele mesmo?”

Neil reclama. “Você não acha que já tivemos essa discussão? Você sabe quem *pode* nos contar a verdade? Amy. Algum de vocês pensou nisso quando estavam atacando um ao outro?”

Igor o apoia. “O rapaz tem razão.”

Aproveito a oportunidade e me aproximo do homem. “Você não acha que teria havido outros assassinatos desde a Amy? Quem mata uma criança e depois volta à vida normal? Não doentes mentais como o pai de Seth. Ele deve ter sido um assassino em série.”

Igor inspira em uma longa e sibilante respiração e olha para o teto como se procurasse inspiração divina. “Tudo bem. Estou indo com vocês para não nos preocuparmos mais sobre a Amy. Pelo menos então talvez possamos ter algumas respostas, e não estou deixando um bando de crianças tentar isso sozinhas.” Ele lança um olhar duro para o Seth. “Primeiro sinal de problema e a polícia irá se envolver.”

“Tudo bem.” Seth mantém contato visual com Igor enquanto o resto de nós assiste, transferindo o peso entre os pés e limpando a garganta para quebrar a tensão.

Igor concorda com um aceno e, então, vira-se para a mesa da cozinha. É aqui que, pela primeira vez, percebo a exibição de equipamentos estranhos dispostos. A maioria das peças são estranhos aparelhos, como uma caixa preta retangular, um pouco parecida com um grande walkie-talkie. Tem um medidor que corre do verde ao vermelho e uma alavanca fina de indicador.

“Isso é um leitor de força eletromotriz”, Igor explica. “Ele detecta mudanças no campo eletromagnético.”

Sinto um arrepio enquanto Lacey se aproxima. “Diga para ele ligar o aparelho, quero ver se funciona.”

“Ligue-o”, digo.

Igor pressiona o interruptor e segura o leitor acima. Quase imediatamente o nível se move direto para o vermelho e começa a apitar. “Aí está. Pegou a sua amiga. Agora, algum de vocês trouxe lanterna?”

Trocamos olhares.

“Hmm, não”, Neil diz. “Deveríamos?”

“Não importa”, Igor arranca lanternas de uma mochila preta. “Tenho algumas.”

“Onde estamos indo que vamos precisar de uma lanterna?” Lemarr fala.

“E por que há uma faca que parece bastante afiada na mesa?” Neil acrescenta.

Igor levanta a faca pela lâmina e a vira no ar para segurar no cabo. É ornada. A lâmina é de aço escovado e brilha na ponta. O punho é preto com símbolos intrincados entalhados no metal. Parece mais uma adaga, o tipo que você veria em filmes com um tema religioso. O tipo em que monges cometem crimes atrozes em nome de Satanás.

“Isso não é uma faca, é um Athame. E a razão pela qual vocês precisam de lanternas é que estamos indo caçar fantasma. Vamos mandar alguns fantasmas inocentes de volta à vida após a morte.” Igor coloca a adaga em um porta-espada no quadril.

O sangue se exaure de meu rosto. Isso soa perigoso.

Capítulo Dezoito

É no caminho para onde quer que estejamos indo que Igor explica o que um Athame faz. Ele dá passos largos, a mochila pendurada mais para baixo das costas. Sua cartola foi substituída por uma boina mais prática, um tweed marrom desbotado.

“É uma adaga usada para rituais”, ele diz. “Não sei muito sobre várias coisas, mas sei que isso funciona.”

“Como você sabe?” pergunto.

“Fui a alguém com perguntas, e eles me deram as respostas. Ouça, amor, mandei fantasmas de volta usando essa mesma adaga. Essa é toda a prova de que preciso”, ele diz.

“Ok.” Eu me apresso, esforçando-me para acompanhar o ritmo imposto por Igor e os outros. Seth hesita ao meu lado. Seus dedos frequentemente tocam de leve os meus, mas ele nunca pega minha mão na dele.

É uma noite escura, iluminada pelos ocasionais postes. Quanto mais andamos, menos frequente as luzes são e mais o frio penetra pela minha leve jaqueta. O cheiro muda do amargor de latões de lixo empilhados, para o sopro de alho de urso, e a estrada fica estreita ao nosso redor.

“Não muito longe”, Igor diz, sua voz forçada com o esforço de andar. Nettleby é cheia de colinas, subimos e descemos três vezes até agora.

Lacey vem e vai, entediada pelos nossos passos maçantes de humanos. Ela parece um pouco mais brilhante que antes. Espero que eu possa contar com ela quando enfrentarmos a Amy. Vou precisar de todo o apoio dela se vamos impedir Amy de matar novamente.

Um bloco enorme e escuro aparece das sombras. Ele é envolto por uma cerca enferrujada e paredes desmoronadas. Igor avança e abre um portão, deixando-nos entrar. Só então percebo — com um arrepio — que estamos pisando em solo da igreja, e que aquele bloco enorme é uma antiga construção da igreja.

“Alguém mais está começando a achar que isso pode ser uma má ideia?” Neil diz.

“Hm, eu.” Lemarr levanta um dedo hesitante no ar, como uma criança que precisa usar o banheiro no primário.

Igor solta uma risada baixa, não muito tranquilizadora. Eu me vejo pressionando os dedos contra os de Seth. Ele os enlaça nos dele, e uma quentura corre pelo meu corpo. Tiro força dele e a uso para me manter andando pelo caminho entre lápides.

“Cês queriam saber mais sobre fantasmas e, por isso, trouxe cês aqui. Onde mais é melhor?” Igor estica os braços enquanto o seguimos cuidadosamente pelas lápides.

“Erm, você já pegou fantasmas aqui antes?” pergunto. Minha voz oscila no ar noturno.

“Já peguei? Já peguei? Claro que eu já peguei”, ele responde.

Andamos na ponta dos pés ao redor da lateral da igreja enquanto Igor resmunga sob a respiração, reclamando sobre perguntas estúpidas.

“Essa igreja está abandonada?” Neil pergunta.

“Sim”, Igor responde. “Está há anos. O cemitério está cheio, como pode ver, e a congregação inteira está provavelmente enterrada aqui.”

“Sinto uma presença”, Lacey diz.

“Lacey consegue sentir um fantasma”, repasso ao grupo.

“Por que a Lacey não aparece já que estamos sozinhos?” Neil sugere.

“Oi, garotão.” Lacey aparece bem ao lado de Neil. Ele solta o gritinho mais feminino, o que leva todos nós às gargalhadas.

“*Dá pra calar a boca?*” Igor berra, virando-se para nós com olhos que brilham no escuro. “Isso é um negócio sério.”

Todo mundo que ainda está vivo para no meio do caminho e encara Igor com medo. Lacey só diz, “Ah, cala a boca você, seu velho desprezível”.

Há um traço de um sorriso enquanto Igor se afasta e nós seguimos pelos fundos da igreja. Aqui a luz do luar nos mostra os juncos da grama crescendo até nossos joelhos pela parede da igreja, os anjos silenciosos congelados no mármore, os caminhos batidos entre as pedras, o mausoléu desmoronando, as placas mais elegantes com flores apodrecendo nas lápides, os Descanse em Paz, escuro contra as placas cinzas, e o musgo crescendo em todo lugar... e o fantasma de pé no centro do cemitério, vestida de branco.

Lacey e eu arfamos quando a vemos. Igor foca os olhos turvos nela, mas ele não reage.

Ela está bonita em sua forma espectro. Ela é etérea e flutuante. Sua cabeça está baixa quando pisca aparecendo e sumindo. Seu longo vestido branco arrasta até os pés, em um estilo antiquado, mas ainda reconhecível como um vestido de casamento. Seu cabelo ondula até a cintura em ondas castanhas e douradas, irrefletidas à luz do luar. Seus braços estão fechados como em um embalo, como se ainda carregasse um bebê. Eles estão vazios.

Seu rosto está virado para baixo, encarando a criança invisível em seus braços, mas eu posso dizer que ela é adorável. A aparência jovem foi congelada para sempre em uma forma translúcida, para sempre presa nessa deusa espectral.

“O que você vê?” Seth pergunta.

“Um anjo”, digo. A palavra sai sem muita consideração.

O espírito começa a cantarolar uma canção de ninar. Sua voz é suave e tranquilizadora, mas há um abalo de emoção e pânico.

“Por favor, fique quieta, minha criança”, ela diz, balançando os braços calorosamente.

“O que ela está fazendo?” pergunto.

“Está revivendo uma memória”, Igor responde. “Fantasmas revivem memórias quando perdem o conceito da realidade.” Seu olhar vira para a Lacey.

“Você consegue vê-la?” pergunto.

“Quando seguro o Athame, sim.” Ele levanta a adaga para me mostrar.

“Posso segurá-lo?” Neil avança até Igor. “Quero vê-la.”

Igor lhe passa a faca e Neil arfa. “Uau, isso é insano.”

A adaga é passada para todos para que possam ver o fantasma perante nós. Cada pessoa solta com relutância. Eles não querem parar de ver tamanha beleza.

“O que está acontecendo agora? O que está acontecendo agora?” Neil fica perguntando enquanto não está segurando o Athame.

“Ainda o mesmo”, respondo. “Ela está embalando a criança.”

A mulher parece inconsciente de nossa presença. Está tão envolvida em qualquer memória que esteja revivendo que nem sequer olha em nossa direção. Mas enquanto continua a cantar sua canção assombrosa, sua voz trai mais e mais emoção. Ela começa a chorar pelas palavras e seus braços sacodem enquanto ela balança o bebê para frente e para trás, para frente e para trás.

“Algo está errado”, Lacey diz. “Ela está se descontrolando.”

A mulher para de cantar e solta um baixo lamento, como o rosnar barulhento de um Doberman.

“Não gosto desse som”, Lacey diz.

“Por que você não para de chorar? Por que não para?” grita o fantasma. Ela inclina a cabeça para trás e grita em frustração. “Cale a boca! Cale a boca! Cale a boca!”

Meu estômago revira com a combinação de medo e nojo enquanto a mulher sacode seu bebê imaginário. Ela sacode e sacode, seus braços estendidos, gritando e choramingando como um demônio. Então, ela para. Cambaleia para trás. Derruba o bebê no chão e leva a mão à boca.

“Ela... matou o bebê?” Lacey diz em um sussurro baixo.

Neil está segurando o Athame. “Sim, acho que sim.”

A cabeça do fantasma estala em nossa direção e eu vejo o rosto dela pela primeira vez. Ela teria sido bonita uma vez, mas não mais. Agora seus traços são deformados em ira. Sua boca é uma careta apertada de fúria e me traz à mente a visão da Pequena Amy no pântano antes de envolver os braços em minha garganta.

“Essa não é uma expressão amigável”, Neil diz com um tremor na voz.

“Athame”, Igor comanda.

Neil o passa sem hesitar.

“Minha nossa”, Lemarr diz. “Consigo vê-la.”

“Ela está se revelando”, Lacey diz com a voz distante. “Acho que ela está irritada que nós nos intrometemos em seu momento particular.”

“Hm, você acha?” Neil responde.

Seu vestido de casamento flutua atrás dela enquanto se move até nós. Retomo o momento em que me chamei de noiva cadáver em meus pensamentos. Eu nunca deveria pensar isso novamente. Não há glamour, nenhum romantismo em estar morta. Não, é repugnante e chocante.

Suas mãos estão estendidas em nossa direção, em forma de garras prontas para nos despedaçar. Seth e eu agarramos a mão do outro ao mesmo tempo, apertando bem forte.

“Não deveríamos estar fugindo, tipo agora?” Lemarr sugere.

Igor se coloca em nossa frente empunhando o Athame. Com a mão destra, ele arqueia a faca em padrões. Com cada movimento, um rastro brilhante é deixado no ar, formando símbolos. Ele trabalha rápido, criando um símbolo e depois movendo para o próximo. Isso para o fantasma em seu caminho e ela parece congelar.

Igor avança até ela, desenhando símbolos em cada lado para que ela esteja trancada em uma invisível gaiola de mágica. Não se parece com nada que já tenha visto antes.

“Primeiro, você prende o fantasma com o círculo da proteção”, Igor diz. “Isso segura a aparição no lugar.”

A mulher resmunga e arranha a barreira ao seu redor, mas não consegue ultrapassar.

“Como isso funciona?” Seth pergunta.

“Esses são os símbolos da proteção. Eles controlam fantasmas. É só o que sei. É tudo o que me ensinaram.”

“E agora?” Lacey pergunta. Percebo que ela deu um passo atrás se afastando do Igor e do Athame, nervosa com o poder dele.

“Agora, é muito simples”, Igor diz. Ele se afasta do fantasma, que está tentando atacá-lo desesperadamente. “Você a apunhala no coração.”

Lacey fica muito pálida, mais pálida do que o comum. “No *coração*?”

“Sim, correto. Se eles se recusam a ir por conta própria, porque estão doentes e deformados como ela”, ele dá uma pontada na mulher com o polegar, “então essa é a única forma de fazer”.

“Para onde eles vão?” Seth pergunta.

Igor dá de ombros. “Eu tenho cara de quem está morto?”

Seth vira para a Lacey.

“Também não sei”, ela responde.

“Está bem, melhor eu continuar com isso.” Igor se vira de volta para o espírito capturado. “Hora de deixar este mundo, querida.” Sem qualquer hesitação, ele empurra a faca pelo círculo de proteção, através do vestido de casamento dela, e na direção do peito. “Você sabe se pegou o coração porque eles fazem um barulho horrível e, então, desaparecem.”

Ela choraminga como um demônio, os braços se debulhando ao redor da cabeça. Mas não há sangue, e fico feliz por isso. Não se parece em nada com matar uma pessoa. Em vez disso, ela fica piscando, e piscando, várias vezes. Leva em torno de trinta segundos para ela desaparecer. Um momento passageiro antes de ela o fazer, seu rosto volta a ser jovem e vulnerável, com uma expressão quase serena. Vejo a pessoa que ela era antes de morrer, antes de se tornar essa criatura deformada.

Ela sussurra, “Elizabeth”, antes de morrer.

“Elizabeth?” Lacey pergunta.

Dou de ombros.

“Ela parecia em paz no fim das contas”, Seth diz.

“Eles sempre parecem.” Igor insere o Athame no porta-espadas. Há um traço de tristeza em sua voz. Ou talvez seja alívio, é difícil dizer.

“Espero que ela tenha encontrado a paz”, Neil diz.

“Ela foi uma assassina de crianças”, Lemarr responde. “Talvez não mereça a paz.”

“Não sabemos se ela teve a intenção de matar o bebê. As circunstâncias pareciam desagradáveis”, digo. Seth aperta minha mão um pouquinho mais forte.

“Não importa agora. Ela se foi. E agora vocês sabem como se livrar de um fantasma”, Igor diz.

“Bem, não na verdade. Não sabemos como fazer aquelas treças de símbolos”, Neil indica. “Eles pareciam complexos.”

“Sim, bem”, Igor responde, sua voz formigando com irritação. “Estava prestes a chegar nisso.”

Pelo que parecem horas na noite gelada, Igor demonstra como fazer o ritual, mostrando-nos cada símbolo um de cada vez. Seth tira uma caderneta do bolso do jeans e faz esboços de cada símbolo. Não vemos mais nenhum fantasma naquela noite. Mas conseguimos formar um círculo de proteção. Igor queria que a Lacey ficasse no meio, mas ela se recusou, escolhendo com tristeza ficar de prontidão na igreja. Ela se escondeu de forma que só eu conseguia vê-la sem o Athame.

Enquanto voltamos para o Cinco Brejos, penso sobre a Amy. Quando fizemos o ritual nela, ela irá voltar à garotinha que havia sido antes de morrer. Será que ela vai nos dizer o que aconteceu a ela antes de partir? Gosto de pensar que o ritual do Igor está ajudando os fantasmas a seguir em frente. Se os estivéssemos mandando à alguma dimensão do inferno, certamente eles não pareceriam tão serenos no final? Mas, então, talvez todo mundo pareça sereno quando a história acaba, não importa onde eles acabem.

Capítulo Dezenove

É o dia do aniversário de vinte e um anos do Seth e eu comprei para ele um presente qualquer de uma lojinha em Nettleby. É um pequeno busto de Beethoven. Quando o vi, pensei no Seth em sua escrivaninha, com os esboços ao redor, trabalhando sozinho.

Só temos hoje à noite para fazer o ritual na Amy. Mas primeiro vamos ao The Nag's Head, porque há uma banda local tocando lá e, de acordo com o Lemarr, é a única noite da semana em que todos os locais arrogantes ficam em casa.

Com a Lacey em meu quarto me ajudando a escolher a roupa, coloco batom coral, circulo os olhos com Kohl — não o suficiente, de acordo com a Lace — e visto uma minissaia de brim sobre a meia-calça preta. Não há muito que eu possa fazer sobre as cicatrizes em meu pescoço. Passo um pouco de base, mas é muito e começo a parecer com as mulheres de rosto alaranjado que trabalham em balcões de maquiagem na Boots.

“Está nervosa?” Lacey pergunta.

“Um pouco”, admito.

“Ela é dez vezes mais poderosa que o fantasma no cemitério.”

“Eu sei.” Estou temerosa hoje à noite. Mal comi o dia inteiro, e o que comi sinto como se estivesse prestes a botar para fora.

Pior de tudo, minha mãe parece estar me vigiando ainda mais. Ela me fez tomar a medicação na frente dela essa manhã e eu tive de colocar na bochecha, do jeito que aprendi na Magdelena. Um dia irei lhe contar que não preciso dos remédios, que não sou maluca, mas neste exato momento, não posso. Tenho de focar em salvar o Seth.

“Não gosto daquele Athame”, Lacey diz. Ela hesita. “Não gosto do que estamos prestes a fazer, também, mas sei que é preciso.”

Eu me viro do espelho com a escova do rímel na mão. “Ela mata pessoas.”

“Eu sei”, ela diz. “Mas é só que... pensar em alguém me forçar a sair deste mundo... não consigo...” Seus olhos estão baixos e a voz está mais sombria do que já ouvi antes. “Me promete que nunca fará isso comigo.” Ela olha para mim com olhos grandes nebulosos. “Não conseguiria encarar isso, ser desligada daqui. Não conseguiria... é uma violação—”

“Lace, tudo bem, eu nunca faria isso com você.”

“Promete?”

Minha pele pinica e eu não sei por quê. Meu estômago se contorce enquanto digo as palavras, e de alguma forma já sinto como se estivesse tomando uma má decisão. Mas não sei por que me sinto assim. “Prometo que nunca irei fazer o ritual em você.”

Nós nos abraçamos no ar e, em seguida, aplico outra camada de rímel.

*

Há um quadro negro promovendo a banda do lado de fora do pub, e um homem gordo com uma barba desordenada recebe meu dinheiro para a entrada. Lacey faz caretas atrás da cabeça dele, e faz piada sobre sua careca. Ela até puxa uma mecha da barba dele, e o cara dá um sobressalto na cadeira, olhando ao redor.

Lemarr acena do bar. “A banda está lá em cima. Peguei uma vodca com coca para você.”

“Obrigada”, digo.

“Precisamos de coragem holandesa”, Lemarr explica enquanto me passa a bebida. “A Lacey está aqui?”

Concordo com a cabeça.

“Oi, Lacey”, ele diz, sorrindo.

Lacey puxa as tranças rastafáris dele e o pobre garoto quase derruba a cerveja.

“Ela diz olá”, traduzo. “O Seth já está aqui?”

Lemarr responde enquanto fazemos nosso caminho subindo as escadas até o mesmo aposento onde discutimos a caça-fantasma com o Igor. “Ainda não.”

Manuseio a alça da minha bolsa, pensando no presentinho lá dentro, e imaginando se tudo está bem. Combinamos de nos encontrar às 19:30 e já são 19:45. Eu me atrasei porque meu pai decidiu me dar uma lição sobre ficar “segura”. Eu me encolho só de pensar nisso.

A música bate surdamente, baixo reverberando pelo corrimão das escadas. Há um som agudo de uma guitarra elétrica e alguns gritos da pequena multidão. Soa como se eles houvessem acabado de subir ao palco. Meu pulso responde à batida da música, acelerando para acompanhar o ritmo, e a vodka solta meus músculos, fazendo-me querer dançar. O calor se espalha pelo meu pescoço em nervosa antecipação. Estou arrancando os nervos hoje à noite. Sinto-me como a guitarra elétrica, cobiçando ser dedilhada.

Quando entramos no aposento, Neil e Igor estão juntos perto dos fundos. A boca de Igor está fixa em uma linha apertada enquanto Neil fala. Os braços de Neil se debulham em gestos exacerbados, sua bebida derramando no carpete sujo. Seu jeans está tão largo que cobre os pés totalmente, e seu cabelo espetado em vários ângulos.

“Tudo bem, Mary”, ele diz. Soa como uma pergunta, mas é uma afirmação. Concordo em resposta.

Lacey avança e puxa o piercing no nariz de Neil.

Metade da bebida de Neil se espalha no chão e Lacey se curva em uma explosão de risadas.

“Não se preocupe, é a Lacey”, explico, gritando por sobre a música.

Olho para o relógio. 19:50. Seth deveria estar aqui agora. E se algo aconteceu com ele no caminho até aqui? Deveríamos ter sido mais cuidadosos. Deveríamos ter ficado com ele o dia inteiro. Eu deveria ter aproveitado ao máximo nosso tempo juntos, porque logo eu estarei indo embora de Nettleby para sempre. Nem mesmo parar a Amy irá prevenir isso de acontecer.

“A banda é boa, né?” Lacey sussurra em meu ouvido. Ela dança com a música, pulando para cima e para baixo, tremeluzindo como uma chama ao vento. De vez em quando ela crepita de empolgação, e a eletricidade pega meu braço. Suas fagulhas são contagiantes. Elas sempre foram.

Em pouco tempo estou dançando, com a Lacey ao meu lado, deixando a música controlar meu corpo. Mas não consigo me deixar levar, não quando não sei onde ele está. Não quando não sei se ele está em segurança.

Lemarr balança a cabeça com a música, às vezes contando as batidas com os dedos e pulando bem alto. Neil arrasta os pés para frente e para trás com os olhos fechados. Igor se apoia contra a mesa com uma careta, mas eu o vejo batucando com a mão esquerda.

Quanto mais o tempo passa, mais desconforto cresce em meu estômago. A Lacey assiste enquanto continuo olhando o relógio e checando meu celular por chamadas perdidas. Eventualmente, mando uma mensagem para ele; fiquei mantendo distância para não parecer muito pegajosa.

Por volta das 20:15, um Seth abalado adentra o aposento. Há um olhar vidrado em seus olhos.

“O que aconteceu?” pergunto.

Ele balança a cabeça. “Não quero... Foi a Amy.”

Eu o empurro de volta à porta para conseguir ouvi-lo. “Ela machucou você?”

“Não... eu... eu quero...”

Então, ele me beija urgentemente, pressionando-me contra o batente da porta para que alguém tenha de nos empurrar para conseguir passar ali. Sua barba rala raspa contra meu queixo, mas não me importo, eu me apoio nele, forçando nossos corpos a se tornar um, ignorando as dúzias de pessoas ao nosso redor. Quando nos separamos, ele respira com dificuldade.

“Vamos dançar”, ele diz, puxando-me para a multidão.

Estamos perdidos em um instante, longe de nossos amigos, anônimos em um mar de pessoas. Olho para o Seth em vez de a banda. Movemo-nos como um, com nossos quadris grudados. A música nos controla como um feitiço. Estamos comprimidos pela multidão e nossos narizes se tocam. Beijamo-nos. As mãos de Seth viajam pelas minhas costas, ao redor da minha cintura. Penso naquela tarde gloriosa em seu quarto. Penso no agora, e quão invencível sou, como vamos vencer hoje à noite.

Não tomo consciência da troca de músicas. Em vez disso, deixo meu corpo se mover com o ritmo. Quando uma música lenta começa, meu quadril balança com o corpo de Seth. Quando uma música mais rápida de rock vem e quando o cantor principal grita no microfone, deixo a multidão ao meu redor me jogar no Seth, pulando com eles, deixando a película de suor se construir em minha testa. Nós nos beijamos e é salgado e nossos dentes se batem. Separamo-nos e nossas palmas se encontram. Nossos olhos nunca desgrudados.

Nem percebemos Neil fazendo gestos para nós. Não percebemos quando a banda anuncia a última música. Neil tem de puxar Seth para longe.

“Tá na hora”, ele grita. “Igor quer que a gente vá.”

Olho para o relógio, são quase dez horas. Para onde o tempo foi? Seth engole em seco; seus olhos parecem relutantes em abandonar os meus. Eu me estico e acaricio o cabelo dele, tirando-o do rosto. Um tremor se agita em sua linha do queixo. Ele está com medo.

*

Quando saímos do The Nag’s Head, andamos em uma fila silenciosa. Igor lidera. Neil e Lemarr seguem bem perto, atrás dele. Lacey vai piscando, terceira na fila. Seth e eu bem atrás. Quero lhe dar o presente.

Meu coração dispara. Nunca gostei de dar presentes, isso me deixa nervosa. Não sei o que dizer quando entrego o presente. Nunca sei o que esperar da reação da pessoa. Sempre levo um tempo para criar coragem para fazê-lo.

Nem havia dito feliz aniversário para o Seth ainda. Neil o fez enquanto saíamos do pub. Ele fez isso com facilidade, dando um tapa no ombro de Seth, como velhos amigos. Por que não posso ser mais assim?

“Eu tenho um presente para você”, digo. “É... é pelo seu aniversário. Hm, feliz aniversário, a propósito, eu deveria ter dito isso antes, desculpa.” Consigo sentir que estou começando a gaguejar. Meus dedos trabalham no fecho da bolsa, levando três tentativas para abri-la. “Não o embrulhei. E é só uma lembrança, é... quero dizer...” Suspiro e entrego o busto de Beethoven. “Não sei por quê, mas me lembrou de você. Pensei que pudesse colocar na sua escrivaninha ou sei lá. É idiota, sério—”

“Por que a lembrou de mim?” Seth pergunta. Não consigo ler a expressão dele no escuro. Acho que ele está confuso.

“Bem, eu pensei que se Beethoven conseguiu compor a nona sinfonia quando estava surdo, você pode sobreviver à Amy e chegar à universidade. Lembrei-me de você porque acho que é corajoso e um sobrevivente. Você passou por tanta coisa e isso pode mudar alguém. Pode eliminar toda a bondade. Mas você ainda é bom. Ainda é misericordioso e gentil.”

Seth para na estrada e encara o busto em seus dedos. Ele solta uma risadinha e, então, puxa-me até ele pela lapela da minha jaqueta e me beija.

“Feliz aniversário”, digo enquanto nos separamos.

“Obrigado.”

“Ei, pombinhos”, Neil grita mais à frente na estrada. “Apressem-se. Precisamos chegar ao pântano.”

Corremos, de mãos dadas, como se não estivéssemos prestes a enfrentar um fantasma assassino juntos. Coloco o cabelo para trás e deixo a brisa da noite pegá-lo. Neil está com as mãos no quadril quando chegamos nele. Ele está metade no último degrau da escadaria, metade na grama do pântano.

“O Igor vai ter um aneurisma se vocês não se apressarem. Ele ainda está resmungando sob a respiração a cada dois minutos. Só que agora está ficando mais alto, e com mais palavrões.”

“Tudo bem, estamos aqui.” Piso no degrau e Neil se afasta para me deixar passar. Seth segue, seu busto de Beethoven enfiado dentro do casaco.

A grama do pântano se esmaga debaixo dos meus pés, molhada da chuva recente. Puxo a jaqueta ao meu redor, levantando o colarinho para proteger meu pescoço do vento. Está frio aqui. Não há nenhuma cobertura para proteger do tempo. Um frio passa mais fundo pela minha pele.

Que lugar para se passar seus últimos momentos.

Esse é o fim. É aqui que enfrentamos a Amy. Já consigo senti-la. Ela está vindo até nós. Ela está vindo atrás do Seth.

Capítulo Vinte

Nossa lanterna irradia feixes pela grama, saltando com nossos passos. É uma noite nublada, e quando olho para cima procurando pelas mesmas estrelas que vi na roda-gigante não há nenhuma. Parece um ano atrás. Viro para o Seth e o imagino iluminado pelas luzes piscando coloridas como a primeira noite em que nos conhecemos. Se sobrevivermos hoje à noite, preciso decidir se quero continuar com ele ou não. Era para ter sido apenas um lance de férias, mas de alguma forma cruzamos a linha para algo mais.

“Bom, rapaz”, Igor vira e fala com o Seth. “Você estava lá, naquela noite. Você sabe onde ela foi...”

Nem mesmo Igor consegue dizer. Absorvo o ar gelado da noite. É horrível demais para falar, nojento demais para dizer. Uma criança, morta por prazer. Estremeço.

Seth cerra os dentes antes de falar. Seus olhos estão escuros, como se caíssem para trás nas órbitas ao pensar no que viram naquela noite.

“Na direção do acampamento. Acho que precisamos seguir aquele caminho.”

Até a Lacey está em silêncio enquanto fazemos a última curva para a direita e continuamos pelo pântano.

Quando miro minha lanterna para a área ao redor, uma sensação devastadora de agorafobia toma meu peito como um soco repentino perto dos pulmões. Por um instante, não consigo respirar enquanto encaro os quilômetros e quilômetros de pântano ao nosso redor. Se morrêssemos agora mesmo, ninguém iria saber. Ninguém iria nos ouvir gritar. Ficaríamos esperando pelas pessoas passeando com seus cachorros pela manhã, rígidos e imóveis.

“Mary?” Seth coloca um braço ao redor dos meus ombros. “Você está bem?”

Concordo, olhos bem abertos e sem piscar.

“Os pântanos, eles são tão...”

“Vastos”, Neil termina. Sua lanterna vai na direção do meu olho e eu aperto os olhos.

“Sim”, digo. “Não percebi...”

“Você quer voltar?” Seth pergunta.

Eu não deveria estar com tanto medo. Já enfrentei o perigo antes. Aceitei a futura escuridão com dignidade. Ainda assim, há uma qualidade sobre esse lugar que desata um instinto primitivo. Quero mesmo voltar, e a sensação pinicante em meu estômago me diz que estou envergonhada que eu iria abandonar Seth com a assassina Amy. Enquanto fico ali, com os joelhos quase presos abaixo de mim, são os olhos da Lacey que eu procuro no escuro, é a Lacey quem procuro por força para continuar, e a única coisa que ela precisa fazer é acenar com a cabeça para mim. Então, sei que eu consigo ir em frente. Consigo enfrentar a Amy com ela.

“Não, estou bem”, digo. “Me senti um pouco oprimida por um minuto.”

“Malditas crianças”, Igor murmura sob a respiração.

Continuamos. Parece que andamos por quilômetros. Checo no relógio para ver que são 22:30, ainda assim poderia jurar que já era quase meia-noite. Mas é isso o que o pântano faz com você. Ele estica suas percepções, estica e estica até você não conseguir pensar direito. Ele está sempre no controle, mesmo quando você acha que está no controle.

Ninguém fala. Concentro-me em colocar um pé na frente do outro, seguindo Seth enquanto ele nos lidera até o lugar onde o pai matou a Amy. Tem de ser onde ela irá aparecer para nós. Estamos vindo

para terminar isso de uma vez por todas.

“Parem!” Seth diz. “Acho que estamos perto.” Ele ilumina com a lanterna a nossa volta em um arco abrangente. “Reconheço aquelas pedras lá, e os arbustos.” Ele deixa a trilha e anda até o aglomerado de pedras, subindo os montes ondulados de grama do pântano.

“Tem certeza?” Neil grita. “Foi a muito tempo atrás.”

Seth balança a cabeça. “Não, eu me lembro. Eu me lembro de tudo.”

Eu acredito nele.

Seguimos Seth por um declive descendo até uma alcova entre morros pequenos. A terra é pantanosa e a água se infiltra em meus sapatos. O ar está cheio de bolor e urzes fazem coceira em meus tornozelos.

“Foi aqui”, Seth diz. Ele marcha ao redor do pequeno espaço, apontando para o chão. “Eu me escondi atrás daquelas pedras ali.” Quando ele vira, movimenta-se tão rápido que eu me assusto. Meus músculos trincam. “Eu me escondi ali e o observei.” Ele levanta a cabeça para o céu. “Era diferente, naquela noite. Estava clara e havia uma lua cheia. Lembro-me do modo que iluminava o rosto dele. Lembro-me do sangue em suas mãos e nas dela. Eu... eu... me lembro agora. Ele usava luvas de látex.”

Eu me apresso até ele e seguro sua mão na minha. “Tudo bem. Você está seguro.”

Ele balança a cabeça. “De onde ele pegou aquela faca? Ele deve tê-la carregado a noite toda, esperando. Ele planejou isso. No meu *aniversário*. A polícia nunca a encontrou. Eles procuraram nos pântanos, esquadrinharam tudo, mas nunca a encontraram. Foi assim que ele escapou. Ele usou luvas e a matou como se fosse algo a remover de sua lista de afazeres. Não entendo...” Ele seca o nariz com o dorso da mão. “*Por quê?*”

“Nunca poderemos compreender, porque não somos como ele”, diz Igor. “Você não pode sempre impedir caras maus de cometer atos malignos, mas você pode contrabalancear isso com o bem. Minha Shirley foi morta também. Passei quase uma década procurando por ela na vida após a morte. Nunca a encontrei, mas sei que ela ficaria orgulhosa de mim hoje à noite. Iremos colocar aquela mocinha em paz depois de todos esses anos, e impedi-la de matar novamente. Eu sei, lá no fundo, que aquela mocinha não quer continuar matando. É o fantasma nela que não irá parar.”

O fantasma nela.

Não consigo evitar. Olho para a Lacey.

Será que ela tem um fantasma nela?

“E se ela não aparecer?” Neil diz.

“Ela virá”, Igor responde.

Lemarr se aproxima de Neil e muda a lanterna de mão para eles ficarem de mãos dadas. Sem qualquer planejamento consciente, formamos um círculo. Lacey está do lado oposto a mim. Quando Neil e Lemarr pulam para trás, sei que ela se revelou.

“Pensei que gostariam de saber onde estou”, ela diz dando de ombros.

“O que fazemos agora?” Lemarr pergunta.

“Esperamos”, Igor responde.

Cada vez que olho no relógio, o ponteiro do minuto mal se moveu. Ele tem esses ponteiros que brilham no escuro e faz parecer como se houvesse um relógio tatuado em seu pulso. Brilhante e neon. Usei o relógio hoje à noite porque pensei que fosse precisar. Agora gostaria de não o ter colocado, porque encarar as horas torna tudo pior.

O vento levanta e move meu cabelo tirando-o do pescoço. Cada vez, imagino as mãos da Amy afastando meu cabelo para que possa me atacar igual da última vez, asfixiando-me com seus

dedinhos. Mas cada vez é uma mera rajada de vento soprando pelos pântanos. Começa a vibrar em meus ouvidos e tenta me jogar para a frente. Não conseguimos mais falar um com o outro. Se quisermos nos comunicar, temos de gritar.

Pela primeira vez desde que cheguei à Nettleby, estou congelando. Minha jaqueta é fina demais, minhas mãos estão descobertas. O frio no vento se infiltra pelas minhas coxas finas, tornando meus joelhos um gelo. Meus dentes trincam. Está frio demais para uma noite de julho, mas esses são os gélidos, gélidos pântanos do norte, e eu deveria saber das coisas.

Esfrego as mãos uma contra a outra e sopro as unhas. Nada funciona. Parece levar um ano até que a Lacey quebra o silêncio. Ela grita sobre a ventania, “Ela está vindo. Consigo senti-la”.

Então, o vento bate contra minha jaqueta, transformando-a em ondas de poliéster. Lemarr e Neil olham ao redor deles, movendo a cabeça em sacudidas sincronizadas, procurando pelo fantasma que eles vieram encontrar. Igor resgata o Athame e fica de pé preparado. O peito de Seth sobe e desce, sobe e desce, os olhos como lâminas. A boca está aberta e torta em uma careta.

“Ela está aqui!” Lacey grita de novo. O vento mal a toca. Ela é uma imagem de calma enquanto batalhamos com o cabelo e os casacos contra a ventania.

Eu me preparo para o que está por vir. Eu havia enfiado a lanterna debaixo do braço para aquecer as mãos, mas agora eu a seguro no alto, iluminando o centro do nosso círculo, esperando que ela se mostre.

“Amy, estamos aqui para ajudá-la”, Lacey grita. Seus olhos estão presos em uma presença invisível no meio de nós. “Estamos aqui para enviá-la de volta ao...”

“O que foi?” grito. “O que ela está fazendo?”

“Ela não quer ir”, Lacey responde. “Ela não quer...”

“Lacey!” grito.

Mas Lacey não consegue me ouvir. Seus olhos começam a se destacar do crânio. Por um terrível momento imagino a Amy com as mãos ao redor do pescoço dela, estrangulando minha melhor amiga. O que acontece quando um fantasma ataca o outro? Para onde eles vão, então? Mas a Lacey não está lutando contra a Amy. Ela está em choque porque algo aconteceu, algo que não conseguimos ver ou ouvir.

Lacey vira para o Seth e articula uma única palavra. “Você. Você a matou. Ela quer você morto.”

“Não”, Seth diz, recuando. “Não, foi meu pai.”

“O que está acontecendo?” grito.

“Ela diz que foi você.” A forma fantasma da Lacey se joga para o Seth.

“Ela está mentindo! Ela está mentindo para você porque ela quer que você me mate”, Seth implora. Ele tropeça para trás e cai com um estrondo no monte de pedras onde havia se escondido todos aqueles anos atrás.

“Seth!” Antes que eu possa pensar estou correndo na direção dele.

Lacey me persegue, mas chego a ele primeiro. “O que você está fazendo? Ele é um assassino!”

“Não, não é! Eu acredito nele, Lace. Eu confio nele. Eu o conheço.”

“Só porque vocês transaram? Não seja estúpida e ingênua!” Ela tenta me afastar, mas suas mãos me atravessam, dando-me calafrios; ela é forte o suficiente para mover pedras, mas não uma pessoa.

“Não, não transamos! E é mais do que isso... eu sei em meu coração...” Levanto as mãos, tentando impedi-la de chegar nele.

Sua mão se conecta com o meu rosto, e eu arfo, chocada que ela me atingiu, chocada que ela *conseguiu* me bater. Lacey fica de pé em minha frente, boquiaberta.

“Desculpa”, ela diz, deslumbrada. “Não tive intenção.”

“Sim, você teve.” Afasto-me dela para ajudar Seth a se levantar das pedras. Quando ele está de pé, ela se foi.

É então que vejo Amy no centro de nosso círculo quebrado.

Ela flutua. A cabeça está baixa, deixando as manchas de óleo do cabelo cobrir o rosto. Elas se movem como cobras ao redor de sua cabeça, e a boca está ligeiramente aberta. O vestido branco-virgem flutua ao redor dela como se ela estivesse debaixo d’água.

Neil e Lemarr estão paralisados de medo, agarrando com força um ao outro. Até Igor está pálido. Quando ele avança com o Athame, ele falha. A faca desliza da mão dele.

Estou abalada, mas não pela Amy. Continuo ouvindo a acusação da Lacey de novo e de novo em minha mente. Não pode ser verdade. Não pode ser. Eu o conheço.

Igor se abaixa para recuperar o Athame enquanto Amy flutua em minha direção. Eu fico entre ela e o Seth. Minhas mãos estão escorregadias com o suor e minha garganta queima com a memória que ela deixou para mim. Ela solta um silvo longo que forma uma única palavra.

Levante.

Igor salta para trás, longe da adaga no chão, seu olhar permanecendo cravado na grama em seus pés. Ele aperta o peito com uma mão e ilumina a lanterna com a outra. É a luz da lanterna que mostra a causa de seu medo.

Ao nosso redor, montinhos de terra estão sendo forçados para cima, e pelo chão surgem sombras escuras e deformadas.

Meu sangue corre gelado. Os gritos de Neil rasgam o vento. Lemarr foge e Neil vira para segui-lo. Eu pareço estar enraizada no lugar. Não consigo parar de encará-los. Não consigo me parar.

Uma sombra agarra meu tornozelo.

Uma mão sombra está presa à minha perna, puxando-me para baixo, para a terra pantanosa.

“Não!” Seth agarra meus pulsos enquanto sou puxada para baixo. Minha lanterna cai no chão e desce os pântanos aos solavancos. Igor se apressa em minha direção e ajuda Seth a me puxar da mão sombra.

Escapamos delas, mas quando me viro — ofegante, com o vento chicoteando meu cabelo no rosto — as sombras estão se arrastando para fora da terra e em nossa direção.

“Corram!” Igor grita por cima do vento.

Eu mergulho e recupero o Athame antes de correr o mais rápido que minhas pernas conseguem me levar. Sem a lanterna não tenho como saber aonde estou indo, e nenhuma forma de encontrar a trilha. Seth corre ao meu lado. Mal consigo vê-lo no escuro. Às vezes o preto brilhante da jaqueta dele me engana fazendo pensar que é a Amy ao meu lado.

“Mary, cuidado!” Seth grita.

Mas não ouço seu aviso a tempo. O chão desaparece embaixo de mim por um segundo horripilante. Então, estou caindo. Estou rolando e rolando, jogada de um monte a outro, terra entrando em meus ouvidos e narinas, minha boca, minhas unhas. Pedras esfolam e ferem minhas bochechas.

Estou caindo... caindo... com os olhos bem apertados.

Em algum lugar ouço chamarem meu nome.

Em algum lugar... parece tão longe.

E, então, nada.

Capítulo Vinte e Um

Acordo ao som do vento uivando em meus ouvidos. A ventania continua a engolir os pântanos e me congelar até os ossos. Tenho de cuspir lama, e quando levanto, uma pontada de dor corre pelo meu tornozelo. Meu rosto está machucado, esfolado e contundido devido à queda. O Athame não está mais em minha mão. Checo meu celular, mas não há sinal.

“Seth?”

Duvido que ele possa ouvir meu chamado acima do vento. Aperto os olhos na escuridão, mas é impossível dizer quão longe caí. Há uma colina longa e inclinada à esquerda, mas está escuro demais para ver o cume. Atrás de mim é só planície. Não há luzes à distância. Não há nada.

Desarmada e sozinha, caio de joelhos, Tateando a grama por sinais do Athame. Sem ele, não consigo derrotar a Amy. Enquanto me arrasto pela grama do pântano, algo engatinha sobre minha mão e eu dou um tapa rápido, gritando. Meu sangue troveja junto com o vento em meus ouvidos. Era provavelmente uma aranha, ou um rato. Eu não deveria entrar em pânico. Eu não deveria...

“Seth!” grito para o nada. “Seth!”

Ele poderia estar feriado. Ele poderia ter me perdido no escuro. Provavelmente está vagando pelos pântanos agora mesmo, tão sozinho quanto eu... ou pior... morto pela Amy, frio e rígido no chão.

Por quanto tempo fiquei inconsciente?

“Seth!”

Meu coração bate tão forte quanto o vento esmurra minha jaqueta. A última vez que fiquei tão cheia de medo, quase queimeei em um incêndio. As cicatrizes em meu pescoço parecem se aquecer, como se eu estivesse lá novamente.

A imagem de Gethen com a faca em sua mão...

“Pare. Pare.” Sussurro em voz alta, como se fosse prevenir minha mente de invocar quaisquer imagens assustadoras. Talvez vá.

Caio de volta de joelhos, procurando pela faca o mais rápido que consigo, tentando trabalhar em uma sequência, mas me encontro revistando os mesmos pedaços de grama cada vez. Enquanto minha mão trabalha, a mente vagueia, pensamentos confusos pela solidão da escuridão e o alongamento dos pântanos. E se Seth for o assassino? Ele está solto em algum lugar, esperando para me matar. Mas, não, ele não pode ser. Vi o coração dele. Vi sua mãe naquela cama de hospital... a enfermeira amigável...

Poderia ser uma falcatrua. Ele poderia ter enganado todos eles. O garoto calado e pensativo com o passado trágico, o tipo de rapaz que é sempre amado por mulheres de meia-idade e quem mais queira ser mãe dele. Como sei que o pai dele morreu em um acidente de carro? Como sei que não foi ele a causa da morte do pai e do coma da mãe? Confiei nele cegamente, apoiando-me nas sensações sentimentais em meu estômago em vez dos fatos frios e duros. Deixei a luxúria me controlar.

Não há ninguém com quem eu possa contar. Ninguém mesmo. Como posso confiar em um fantasma vingativo, um assassino conhecido? Sei que fantasmas são trapaceiros, levados a inventar problemas pelo tédio. Lacey é simpática com a Amy porque elas compartilham um desejo. Nenhuma delas quer seguir em frente para o próximo plano de existência. Amy permanece pela vingança, enquanto Lacey fica por... mim?

Ela poderia ser motivada por ciúmes, incomodada que Seth tenha tomado seu lugar em minha vida tão abruptamente, deturpada pela sua nova forma fantasma. Ela é incapaz de sentir contato humano novamente. Ela nunca poderá amar de novo.

Porque o Gethen a levou de mim, deixando-me com um eco do que ela foi.

Não, não devo pensar assim. A Lacey é diferente da Amy, ela ainda é a mesma Lacey que conheci na Magdalena, a mesma garota que veio me ajudar, mesmo sabendo que poderia morrer.

Lágrimas caem pelo meu nariz enquanto continuo engatinhando pela lama com as mãos esticadas. Uma ou duas vezes, confundo pedra fria com o metal gelado da adaga, e as duas vezes parecem um truque cruel, aplicado em mim pelos pântanos.

Odeio os pântanos. Eles são um lugar detestável e rancoroso. São a cena do crime do mundo, testemunhas de nossa história sangrenta, deitados em silêncio e plácidos enquanto humanos esvaziam seus corações negros em um carpete de urze. Um açoite.

Solto um grito, mas dessa vez é só para mim.

Se eu não encontrar essa adaga, posso simplesmente desistir. Talvez eu devesse ir até a Amy agora mesmo, expor meu pescoço — meu lamentável e cicatrizado pescoço — assim ela pode prosseguir. Pelo menos então Lacey irá ter companhia na vida após a morte. Pelo menos então seremos iguais novamente. Meus pais iriam se ajustar. Imagino que a atenção é até boa para uma mãe sem filha. Em tempo ela irá aproveitar os olhares de consolo e os toques por simpatia.

Os pântanos me têm agora. Eles estão me controlando. Com cada passo trêmulo pela grama, perco um pedacinho de minha sanidade. Amargor se infiltra. Imagino-o correndo pelas minhas veias, fazendo o caminho até o meu coração.

“Não posso continuar”, choramingo. Cada parte de mim está gélida e batida pelo vento. Já procurei e procurei, mas não há nada.

Então, cai a ficha.

A Coisa.

Um monstro com aparência de zumbi nunca poderia ser um conforto para alguém, exceto para mim neste momento. Ele me chama para a frente, e eu arrasto os joelhos, seguindo o chamado. Seu crânio brilha do rosto como um raio-X, como a luz do luar em osso exposto. Um pedaço de carne cai de seu dedo.

Quando estou prestes a desistir e ficar de pé, uma lâmina afiada fura a ponta do meu dedo. Grito, mas o som de dor é misturado com alegria. Eu encontrei! Encontrei o Athame. Meus dedos envolvem o punho dele, nunca tão agradecidos de sentir qualquer coisa em seu alcance. E enquanto fico de pé, a risada borbulha de mim. Esqueço de todos os pensamentos sombrios, suprimindo-os aos pântanos querendo me pegar, ao frio pervertendo minha mente. Tudo bem. Seth não é um assassino; Lacey não é amarga; tudo vai ficar bem. Olho para cima e a Coisa se foi.

“Obrigada”, digo à escuridão.

Com o Athame, tenho pelo menos alguma proteção. Agora preciso encontrar os outros, então podemos completar nossa missão juntos.

“Seth! Lacey!”

Minha alegria é prematura. Tenho de encontrar os outros primeiro.

“Igor? Lemarr? Neil?”

Nada.

O vento faz: *Shhhwooooo-zhuuuuuu-vruuuuuuuuuu.*

Shhhwooooo-zhuuuuuu-vruuuuuuuuuu.

Não tenho lanterna e nenhuma maneira de enxergar no escuro. Tudo que posso fazer é começar a escalar a longa subida na qual desmoronei.

Começo com um passo.

É íngreme. Meus pés deslizam e escorregam na lama. É a grama do pântano que me mantém seguindo, projetando-se em sulcos macios, embora suficiente para prender meus pés e me impulsionar para cima. Às vezes uso o Athame para ajudar.

Estou quase na vertical, e é uma longa subida, com algumas partes mais íngremes que outras. Às vezes ando quase na perpendicular, com o suor derramando pelas minhas têmporas. Meu tornozelo está machucado, mas consigo andar nele, e isso é tudo o que importa. Espero ainda conseguir correr, se precisar.

Sem intervalo em um caminhar penoso e cruel. Minha respiração fica alta e trabalhada, mas mal audível, mesmo para mim, por cima do vento. Meus músculos doloridos doem. A cada alguns passos eu paro e grito inutilmente.

Seth. Igor. Neil. Lemarr.

Lacey.

Seth. Igor. Neil. Lemarr.

Lacey.

Ambos fantasmas deveriam conseguir me sentir. Nenhum deles chega nem perto de mim.

Onde está a Amy? O que ela está fazendo com o Seth?

Lacey está recusando atender ao meu chamado. Ela está tão chateada que me largou para morrer? Será que ela quer que eu sofra tudo isso?

Eles estão me vencendo pela persistência. Não sei em qual dos cinco brejos estou agora, mas está reduzindo minha determinação. Passo a passo, deslize por deslize, pegada por pegada. Há pouco tempo, senti o medo intenso enquanto algo engatinhava no dorso da minha mão. Penso nisso agora, e cada vez vai se tornando maior. E se tivesse sido uma cobra? Elas são raras, mas cobras venenosas existem na Inglaterra. Pior ainda, poderia ser alguma criatura que escapou de qualquer lugar exótico de onde veio. Você escuta sobre aranhas mortíferas transportadas em caixotes de bananas ou cobras perigosas levadas pelo vaso sanitário.

Esfrego o suor da testa com a costas da jaqueta. O chão está começando a nivelar agora. Não posso estar longe do cume. Certamente, certamente esse é o fim. É isso.

E o que acontece quando você chega lá? O que vai fazer em seguida?

Quando finalmente encontro o chão, meus dedos tremendo puxam o celular da bolsa de ombro. Ainda sem sinal.

“Seth?”

O vento é minha única resposta. Fecho os olhos em frustração.

Quando os abro, não estou sozinha.

“Amy, você não tem de fazer isso. Você pode parar agora, irei ajudá-la a encontrar a paz. Irei ajudar todos os seus...” procuro por uma palavra para descrever as estranhas sombras, “amigos a encontrarem a paz e *seguir em frente*”.

Ela avança. Sua língua cobra fora da boca.

A princípio, meus músculos se tencionam com a vontade de correr, dar meia-volta e correr a toda velocidade para a escuridão. Mas que bem irá me fazer? Qual o sentido em correr quando não sei para onde estou indo?

O Athame está em minha mão.

“Amy, irei libertá-la. Você não entende?”

Dou um passo em sua direção e levanto a lâmina. Seus olhos brilham por um momento, e ela se afasta de mim, não acostumada a suas vítimas lutando por si.

“Ok”, digo em voz alta. “O primeiro símbolo, qual é?” Penso novamente na noite no cemitério quando Igor nos mostrou como criar o círculo da proteção “Uma curva para a esquerda, arco por baixo, duas pinceladas na direita...” O símbolo começa a tomar forma, queimando claramente através do ar. Os olhos de Amy seguem os movimentos da faca como um gato assistindo à uma aranha se arrastar pela parede. Quando está pronto, ela permanece imóvel, quieta e observadora.

Essa não é a fantasma assassina com a qual estou acostumada.

Dou um passo para a direita e começo o segundo símbolo. *Três pinceladas na esquerda, para cima e para baixo, para a direita...* Queima no ar, suspenso por nada. Amy está imóvel.

Está funcionando e não quero trazer má sorte. Não quero assustá-la, então dou um passo devagar para a direita novamente, pronta para desenhar o símbolo atrás das costas dela, mas dessa vez, minha mente dá um branco. Sempre que relembro o Igor nos ensinando, não consigo me recordar do terceiro símbolo. Por que não consigo me lembrar? *Porque Seth parou para beijar seu nariz e você perdeu a concentração.*

Mary idiota, idiota, idiota. Pense. Sua vida depende disso, pense. Fecho os olhos.

Dedos gelados agarram minha garganta e eu abro a boca para gritar. Enquanto meus olhos começam a se agitar, um terrível pensamento surge em minha mente. Durante aquela fração de segundo quando meus olhos haviam estado fechados, imaginei Seth com as mãos ao redor do meu pescoço, seu rosto deformado em uma careta animal. Isso me fez hesitar, por um instante, assustada pelo que poderia ver, assustada que alguém com quem me importo poderia me machucar, e assustada de ver Amy com seus pequenos pulsos debaixo do meu queixo.

Abro os olhos.

Amy.

Eu deveria estar aliviada?

Ela pressiona a testa contra a minha e eu a sinto como se fosse de carne e osso.

“Não...” graso. “Você não tem que...”

O ar crepita com energia antes de outra forma aparecer. A princípio, a forma está sombreada no escuro, e eu acho que é uma das estranhas sombras de Amy que veio me matar, mas então ela avança e a luz do luar pega um cabelo loiro.

Lacey.

“Larga minha amiga, sua vaca imbecil!” Lacey agarra um punhado de cabelo da Amy e a puxa para trás. “Eu lhe dei uma chance e você a destruiu. Eu queria ajudá-la.”

Amy solta um ruído como um uivo enquanto Lacey a arrasta para trás. Suas mãos soltam minha garganta e eu esfrego vida de volta à minha pele machucada. Vejo-me encarando os dois fantasmas, estúpida e em choque. Levo um momento para perceber que ainda tenho o Athame em mãos.

“Lacey, segure-a no lugar, vou fazer o ritual.”

Mas Amy gira do aperto de Lacey e se arranca. Impressionada com o confronto, ela fica pasma com nós duas, e seus olhos escurecidos se humanizam com assombro. A boca abre e fecha como se estivesse tentando falar.

“Eu queria ajudá-la”, Lacey diz.

Amy cai ao chão. Seus pés descalços não estão mais flutuando a centímetros da grama, e me arranca o coração vê-la em sua altura natural. Ela é pequenina.

“Eu queria que você confiasse em mim”, Lacey continua em voz baixa.

Nunca me ocorreu que a Lacey pudesse levar essa missão tanto para o pessoal. Sempre falamos sobre impedir a Amy de matar, mas nunca tivemos tempo de vê-la como a criança assustada que é. Percebo, então, que a Lacey havia se apegado à garota. Elas duas são fantasmas e nenhuma delas quer estar morta. Ambas haviam sido mortas por um assassino. Elas tinham um laço que eu nunca poderia entender.

Enquanto a Lacey fala, o estranho cabelo de Amy começa a se acalmar. Ele flutua passando dos ombros, descendo liso até as bochechas, caindo até a clavícula assim como o cabelo deve ser. Ela pressiona as mãos ensanguentadas e as manchas de sangue desaparecem devagar.

“Ainda quero que confie em mim. Não estamos aqui para machucá-la. Só queremos que você pare de machucar outras pessoas.”

A boca de Amy se torna uma boca normal, os olhos também, e o vestido está mais branco do que antes. Sua pele perde a coloração azul esverdeada; está cor de pêssego, rosa nas bochechas.

Estou admirada pela minha amiga. Ela amansa o mal perante meus olhos. Ela trouxe a humanidade de volta a um fantasma preso a muito tempo em um labirinto vingativo hostil. Nunca imaginei que a Lacey pudesse ser tão poderosa.

Quando Amy fala pela primeira vez, sua voz é baixa. É o vento sumindo que me permite ouvi-la. “Nunca tive a intenção.”

“Eu sei”, Lacey diz. “Sei que não teve.”

“Você vai me mandar embora?” Amy diz.

“Só se você quiser ir.”

Amy concorda. Ela dá meia-volta e anda, como uma criança humana normal, pelos pântanos. Troco um olhar com a minha amiga e ela indica para seguirmos a Amy. Andamos juntas em silêncio, seguindo os passos de uma criança assassinada.

Capítulo Vinte e Dois

Há uma razão pela qual muitas pessoas não leem mais os jornais ou assistem ao noticiário às 10 da noite. Aquelas que acompanham os acontecimentos atuais supõem que essas pessoas são ignorantes e estúpidas. Mas essa, definitivamente, não é a razão.

As notícias são traumáticas. É um registrador de informações de todas as piores coisas que os seres humanos são capazes de fazer. É uma análise das piores mortes por todo o mundo. Algumas pessoas não conseguem lidar com isso e elas tomam a correta decisão de ignorá-las.

Às vezes eu queria poder ignorar também. Talvez eu pudesse, se parasse de prestar atenção às Coisas e parasse de passear com fantasmas. Talvez, então, não me encontraria nos pântanos à meia-noite, com os ouvidos batidos por ventanias, e a maioria dos meus amigos desaparecidos.

Mas não me sinto como um telespectador, sinto-me mais como a repórter enviada a zonas de guerra, como se eu tivesse uma *obrigação* a cumprir. Não há muitas pessoas que conseguem ouvir os mortos. Suponho que haja outros como eu, em algum lugar, mas não conheço nenhum. Então, neste momento, sou tudo o que a Amy tem. Sou a única que consegue ouvir a história dela. A única pessoa *viva*.

Ela nos mostra.

Andamos de volta ao lugar onde Seth nos contou que havia se encolhido atrás das pedras e testemunhado o pai esfaquear a garotinha. Amy fica de pé e olha para a grama com as mãos cruzadas atrás das costas. Ela tem uma expressão quase serena no rosto, uma de aceitação.

Quando o vejo, meu estômago sacode tanto que penso que vou vomitar. São os olhos primeiro. Eles são claros, mesmo na escuridão. Eles são de um marrom castanha-do-pará, mas com um brilho duro. Barba rala escura segue a linha da mandíbula que eu conheço tão bem. Ele está com as mangas da camisa enroladas até os cotovelos. Ele fica sobre a Amy e a lâmina da faca brilha à luz do luar.

“Não é ele”, Lacey sussurra. “Está tudo bem, não é ele.”

O pai de Seth é uma chama vacilante na noite. Ele está aqui como parte da Amy, enquanto ela nos mostra sua última noite viva. Agora irei compartilhar essas memórias com o Seth. Terei uma parte dele comigo para sempre.

Depois que acaba, Amy se afasta novamente. Ela está sorrindo agora, como se não houvesse passado os últimos minutos assistindo à própria morte. Ela acena para que a gente a siga.

Eu deveria estar aliviada, pois o que eu já sabia fora confirmado. Seth não é um assassino, mas aí eu já havia visto seu coração, então eu sabia. *Mas não tinha certeza...* Foram os pântanos. Engulo em seco. Foram os pântanos, brincando com a minha mente. Claro que foi.

Amy vai serpenteando o caminho pelos montes de urzes, por cima dos morros, descendo os vales, andando e andando até que eu começo a imaginar se ela está me levando à minha morte. Enquanto o vento corre pelo meu cabelo, mais pensamentos estranhos inspirados pelos pântanos invadem minha mente — como Amy e Lacey tramando juntas para me matarem e me manterem como um fantasma. Balanço a cabeça. Os pântanos não podem brincar com a minha amizade com a Lacey. Confio nela.

Finalmente, ela para. Sem dizer uma palavra, ela aponta para um pedaço de grama, indicando com a cabeça.

“Você quer que eu cave?” pergunto.

Amy indica com a cabeça novamente.

Viro-me para a Lacey e ela dá de ombros.

Fico de joelhos pela segunda vez essa noite, usando as mãos e o Athame para cavar no solo. Está úmido e fácil de mover. Montinhos de grama são retirados com pouco barulho enquanto mergulho a faca no solo. Com cada movimento, minha garganta aperta, antecipando o que eu possa encontrar. Poderiam ser os restos de outra vítima. Sei disso. Meus dedos tremem com cada avanço, ainda assim continuo indo porque Amy quer que eu o faça, e Amy merece ser ouvida.

Quando meus dedos atingem um pano, entro em pânico. Lágrimas enchem meus olhos.

Não quero ver... não quero...

Mas Amy acena com a cabeça para eu continuar. Ela não fala. Não precisa. Ela simplesmente indica com a cabeça.

Estou toda congelada quando agarro o pano. Aperto os olhos bem fechados enquanto o puxo da terra. Só os abro de novo quando percebo quão leve é o objeto.

Não são restos. Não há nenhum segundo corpo enterrado na terra, Amy me levou à arma do crime. Enrolada em uma camiseta ensanguentada e enlameada está uma faca de cozinha.

Parece tão pequena, tão pequena e insignificante. É o tipo de faca que você usaria para cortar cebolas em finas rodela. De alguma forma, não parece afiada o suficiente.

Recupero-a e a coloco em minha bolsa.

“Levarei à polícia”, digo ao fantasma da Amy.

Ela avança com um pequeno sorriso no rosto. Ela era uma garotinha bonita, com pele tão macia quanto pêssegos. Suas bochechas são preenchidas com um rubor delicado e seus cachos negros e lustrosos caem até o peito, cobrindo parte do vestido branco. Meu coração dói por ela. É como se eu tivesse sido arranhada com um ralador de queijo, deixando-me esfolada e totalmente esfarelada.

“Estou pronta agora”, ela diz, em uma voz da qual foi roubada a oportunidade de crescer.

Não consigo acreditar que a garota em minha frente é a mesma criatura que tentou me matar — não uma, mas duas vezes. Ela parece tão calma. Tudo que precisamos foi ouvir sua história, assistir às suas memórias, e encontrar a evidência para fazer justiça.

“Tem certeza?” Lacey lhe pergunta.

Amy concorda três vezes com a cabeça e sorri abertamente. Lacey se apressa até ela e a puxa em um abraço.

Retiro a terra do Athame e, quando Amy toma a posição em minha frente, começo o primeiro símbolo. Dessa vez, ele corre por mim como se eu estivesse destinada a cravar esse símbolo no ar. Quando chego ao terceiro, vejo-o tão claramente em minha memória que parece que estou olhando para uma foto. Depois do quarto símbolo, Amy coloca gentilmente a mão no círculo de proteção.

“Tenho que colocar a adaga em seu coração”, digo. “Sinto muito.”

“Tudo bem”, ela responde. “Não acho que vai doer.”

Quando ela se vai, é com aquele mesmo sorriso no rosto. Tenho lágrimas molhando minhas bochechas, pingando pelo meu queixo. Uma estranha calma desce, finalmente amenizando a ventania, trazendo um pouco de garoa para me limpar da lama e das memórias do homicídio.

Queria poder ignorar as piores coisas que os humanos fazem aos outros. Mas se todos o fizéssemos, as vítimas nunca teriam alguém para ouvi-las.

*

Fiquei intoxicada e sem esperanças nos pântanos. O tempo se prolonga e o frio se infiltra em seus ossos. Nunca quis tanto ficar tão longe de um lugar como quero neste momento. É diferente de estar

em um incêndio. Que é rápido e cheio de adrenalina; isso é uma vagarosa trituração da sua determinação. Sem a Lacey, eu estaria curvada em uma bola, implorando para tudo acabar.

Não há sinal de telefone. Tropeço no escuro, gritando pelos outros.

“Acho que deveríamos ir por aqui”, Lacey diz.

“Você consegue senti-los?” pergunto.

“Não tenho certeza. Não da mesma forma como sinto você. Estou vagamente ciente da vida. É como algum tipo de pulsação no ar.”

Estou cansada demais para pensar no que aquilo pode significar. Quero ver o Seth e ao mesmo tempo não quero. Duvidei dele, mesmo por um instante, e de alguma forma penso que ele irá perceber isso em mim.

“Mary? Mary?”

“Neil?”

Lacey irrompe em um sorriso enquanto meu coração começa a bater. Nós avançamos. Tropeço em meus pés. Lacey se move aos solavancos.

“Neil, estamos chegando...”

Uma forma escura parecida com o Neil está visível à frente, e isso dá um pouco mais de energia para as minhas pernas. Quando vejo seu rosto, e o piercing no nariz, e o cabelo preto espetado, envolvo seu pescoço com os meus braços e o aperto forte.

“Calma, gata”, ele diz, uma leve onda de risadas escapa de seus lábios. “Estamos aqui. Estamos todos aqui, mas...” Seu corpo endurece e eu sei que algo está errado.

Recuo. “É o Seth?”

Neil balança a cabeça e se move para o lado. É aí que vejo a forma no chão. Acima dela, alguém está socando seu peito, e eu me jogo para a frente para pará-los. Só então percebo que a forma no chão é o Igor e a sombra socando o peito é o Seth tentando ressuscitá-lo.

“Ah não...” Caio de joelhos perto do longo e volumoso corpo do Igor. Meus dedos buscam pela mão dele. “O que aconteceu?”

É Lemarr quem responde. Ele quase me assusta quando aparece de uma sombra, mas estou muito cansada para ficar com medo de novo. “Ele levou um tombo feio descendo a colina e bateu a cabeça. Consegui sinal em uma das colinas lá do outro lado e liguei para a polícia. Eles estão enviando uma ambulância aérea, mas pode levar algum tempo até nos encontrarem. Tentei ligar para você, Mary, mas seu telefone continua cortando. Procuramos por você em todo lugar. Seth estava fora de si.”

Seth solta ar dentro da boca de Igor e bombeia o peito dele em ritmo. Tudo que posso fazer é segurar a mão de Igor e tentar colocar alguma quentura em seu corpo.

“Por quanto tempo ele está assim?”

Lemarr não responde. Ele baixa os olhos em vez disso.

“Houve mais daquelas sombras?” pergunto, referindo-me às estranhas criaturas que tentaram nos puxar para o chão. Só de pensar nelas recebo um calafrio por toda a espinha.

“Não. O que aconteceu com a Amy? Não acredito... Não acredito que a vi.” Lemarr se ocupa com uma das tranças rastafáris, encarando a grama de olhos abertos. “Ela era tão real.”

“Muito real”, respondo. Estou meio consciente da Lacey sentada perto de mim na grama, e a eletricidade de sua forma fantasma. “Mas ela se foi agora. Ela nos mostrou o que aconteceu com ela, e eu encontrei algo... Algo que preciso entregar ao Seth.”

“Pessoal, acho que o Igor se foi”, Neil diz. “Ele está morto.”

“Não”, digo. “Ainda não.”

É a Lacey quem sussurra no ouvido de Igor, “É hora de ir, velhinho”.

E ele vai.

Não é como nos filmes em que uma alma rodeada por uma auréola em luz branca flutua para fora do corpo, é mais como um estalar e um disparo e, então, há uma pessoa que parece exatamente a mesma na grama, mas agora ele está ao seu lado. Fico de pé e o encaro.

“Parece que fui desligado, pessoal”, ele diz. “Melhor vocês manterem o Athame, hein?”

“Sinto muito—”

“Não, não sinta. Talvez finalmente irei encontrá-la.”

“Espero que sim.”

Igor pisca uma, duas vezes e se vai.

Mas Seth ainda não para. Ele impulsiona o peito de Igor, mantendo o ritmo, aquele ritmo rígido. Eu me aproximo dele devagar.

“Seth... pare agora”, digo. Descanso minhas mãos nos ombros dele. “Pare agora. Acabou.” Eu me encolho para ficar na altura dele, e corro as mãos até as suas, afastando-o do corpo do Igor.

“Não, não acabou. Ele ainda pode voltar”, ele diz.

“Ele se foi.” Puxo Seth, deixando-o jogar todo seu peso em mim.

Um ronco gradual soa no céu e uma luz nos ilumina. Enquanto a ambulância aérea voa no alto, Seth sussurra em meu ouvido, “É tudo minha culpa”.

Capítulo Vinte e Três

Meus pais estão irritados. Ai minha nossa senhora, eles estão muito irritados mesmo. Minha mãe nem consegue olhar para mim. Meu pai fica fazendo barulho sob a respiração e repete a mesma pergunta várias e várias vezes: *no que vocês estavam pensando?*

Todos nós concordamos em uma explicação. Empregamos o Igor para nos levar a uma caça-fantasma especial nos pântanos porque queríamos encontrar a Pequena Amy. Mas quando chegamos lá, ficamos assustados com quão horripilante são os pântanos, dispersos, derrubamos nossas lanternas e entramos em pânico. Foi então que Igor caiu da colina e aterrissou nas rochas.

O jovem detetive nos deu uma lição sobre segurança no pântano. Ele olhava para cada um de nós e, enquanto falava, saliva voava de sua boca.

“Um homem está morto! Um homem está *morto*.”

Lemarr cai em lágrimas quando ele diz isso.

Claro que não podemos contar a ele o que estávamos realmente fazendo nos pântanos naquela noite. Não podemos lhe contar sobre nossa perigosa missão e sobre como impedimos que a Pequena Amy tomasse mais vidas em Nettleby. Não podemos lhe contar nada disso, porque vou acabar de novo em uma instalação psiquiátrica.

Depois que ele sai, consigo um tempo sozinha com o Seth. Andamos até a ala da mãe dele em silêncio. Quando estamos sozinhos, conto-lhe sobre a faca e a camisa do pai dele em minha bolsa.

A princípio, ele está quieto, e não tenho certeza se vai concordar comigo sobre levar à polícia.

“Amy lhe mostrou onde estava enterrada?” ele pergunta.

“Sim, ela me fez cavar.”

“Então, ela quer que o mundo saiba quem a matou. Você deveria entregar ao detetive com a saliva.” Ele lança um sorriso travesso indiferente misturado com tristeza.

“Mas e você e sua mãe?” pergunto.

“Minha mãe nunca mais vai acordar. Tenho de encarar isso. E eu... bem, eu vou contar tudo à polícia.”

“Mas você poderia se complicar. Poderia ser visto como complemento ao crime”, insisto.

“E se eu não o fizer, vivo com esse fardo pelo resto da minha vida. Isso, para mim, é uma cela de prisão da mesma forma.” Ele se afasta e encara a janela.

“Você estava bem antes de eu chegar aqui”, digo, seguindo seu olhar. O sol está no início de nascer, mas bloqueado por um prédio anexo. Ainda assim, o céu está tingido de azul rosado e cheio de nuvens finas. Isso me lembra algodão doce do parque de diversões. Agora, isso parece ter acontecido a muito tempo atrás. “Eu trouxe tudo isso à tona. Eu abri o passado—”

Seth se move até mim e segura minhas mãos. “Tá brincando? Pensei que eu fosse morrer ontem à noite. Pensei que só tinha até os vinte e um anos e depois fosse acabar. Carreguei isso por um bom tempo. Ninguém nunca soube. Então, você chegou. Você faz ideia de como é compartilhar um segredo como esse?”

Lágrimas brotam no fundo dos meus olhos e minha garganta aperta. Só consigo concordar com a cabeça.

“Bem, então você sabe como é.” Seus dedos encontram o caminho pelo meu cabelo. Ele acaricia minha bochecha, movendo para baixo, perseguindo as cicatrizes em meu pescoço. “Você mudou tudo, desde o jeito como vejo o mundo até o jeito como quero viver minha vida.”

Meu rosto ruboriza. Sei que estou ficando vermelha, mas não há nada que eu possa fazer sobre isso. “Seth...”

“Eu sei”, ele diz. “Você não tem que dizer isso.”

“É hora de se soltar, Seth.” Meus olhos embaçados com as lágrimas não derramadas.

Nós nos beijamos pela última vez. Quando saio, ele fica de pé perto à janela com o perfil para mim. Os tons de rosa e amarelo do nascer do sol iluminam seu rosto, como na primeira noite em que o vi.

*

Quando o jovem detetive vê a faca, ele para de gritar. Ele fica muito quieto e se apressa para a estação de polícia. Provavelmente, acabei de criar a carreira dele.

Meus pais decidem encurtar as férias. Eles estão relutantes em me deixar ir dizer adeus para o Neil e o Lemarr.

“Irei lhe enviar um e-mail com o meu endereço em Brum para você me visitar.” Neil abaixa o tom de voz. “Traga o Athame, hein?”

Já concordei em ir caçar fantasmas com eles dois. No que estou me metendo?

Enquanto coloco as coisas na mala dentro do trailer, Lacey senta na cama e conversamos sussurrando. Vai levar um tempo até eu ter novamente o tipo de liberdade que tive nessa semana. Cruzei a linha da confiança da minha família, sei disso, mas também sei que foi necessário.

“Sabe, de uma forma estranha, irei sentir saudades de Nettleby”, Lacey diz. “Vou sentir muita falta do Neil e do Lemarr. Talvez eu apareça para eles de vez em quando.”

“Você vai acabar fazendo-os se borrarem nas calças, Lace, se ficar surgindo para eles”, recordo-a.

Ela dá um sorrisinho. “Sim, isso pode ser um bônus.” Ela para enquanto tento enfiar minhas roupas em uma mala. Embora eu não tenha comprado nada a mais, por alguma razão não consigo encaixar tudo de volta. “Sinto muito por ter dito aquelas coisas sobre o Seth.”

Olho por cima da mala. “Tudo bem. Você estava certa em ser cuidadosa.”

“Você vai manter contato com ele?”

“Não, decidimos não fazer isso. Ele vai para a polícia relatar o que viu o pai fazer com a Amy e eu acho que ele tem coisa demais para lidar.” Penso sobre a mãe de Seth no hospital. Ele finalmente havia encarado a morte dela. Ele não disse, mas sei que vai desligar as máquinas.

“Sinto muito”, Lacey diz.

“Obrigada. Significa bastante.” Lanço um sorriso para ela. “Levando em conta que você não gostava dele.”

Ela finge estar incrédula. “Não faço ideia do que está falando.”

“Ah, vai.”

“Tudo bem, sim, mas foi porque eu não confiava nele. Ele parecia ok no geral.”

“Uau, isso quase soou convincente.”

Lacey fica de pé e marcha pelo quarto, balançando os braços de um lado para o outro. Estamos evitando dizer o resto — sobre como a Lacey ficou com ciúmes de uma pequena mudança em minha vida, e sobre como ela se virou contra mim nos pântanos. De alguma forma, não parece a hora certa. Parece que um capítulo está se encerrando e outro vai começar, e em algum momento na história, Lace e eu teremos de encarar nossos problemas. Agora, só precisamos seguir em frente.

“Lace”, digo.

Ela vira para mim com os olhos bem abertos. É um daqueles momentos em que ela parece tão real, tão viva, que eu quase esqueço que ela está morta. “Sim?”

“Eu quero continuar com o trabalho do Igor. Quero ajudar fantasmas como a Amy. E eu quero que você me ajude.”

Lacey sorri. “Também quero fazer isso.”

Mais tarde, naquele dia, enquanto o carro do meu pai sai do estacionamento do Cinco Brejos, não consigo evitar pensar sobre o quanto se abriu mão na última semana. Seth abandonou seu passado sombrio e encarou se desligar da mãe. Amy largou sua vingança e seguiu em frente para o outro lado. Igor abandonou uma vida e aceitou sua nova jornada, qualquer que seja. Lacey me abandonou por um curto período e encontrou o próprio caminho.

Eu abri mão do Seth.

Minha mãe estava certa sobre meu romance de férias, e que romance foi — todo intenso, e misterioso, e apaixonante, e super abrangente. Mas isso pertence à Nettleby. Foi destinado a durar uma semana e, de alguma forma, parece perfeito.

Foi uma semana na qual muitas coisas se encaixaram para mim. Descobri o que quero fazer com a minha vida. Quero ouvir àqueles sem voz, e a Lacey vai me ajudar. No porta-malas do carro dos meus pais, aconchegada entre muitas malas e bolsas e cobertores velhos, está minha mochila. Dentro dela, enfiado em um estojo de couro, está o Athame que uma vez pertenceu ao Igor. Agora é meu.

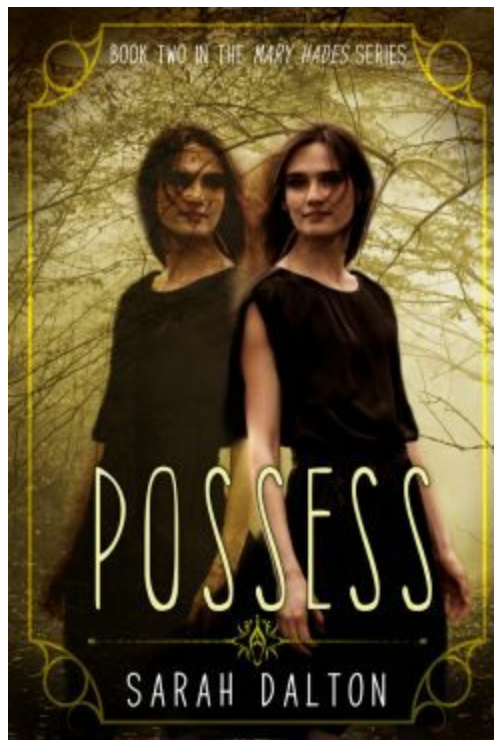
~ Nota da Autora ~

Um enorme obrigada por apoiar autores independentes ao comprar este livro. Como uma autora que tem publicado os próprios livros, dependo dos leitores para divulgarem meu trabalho. Que tal aproveitar para fazer exatamente isso e escrever sua opinião?

Se ainda não o fez, confira o romance que começou tudo isso: [Monstros à Luz do Dia](#), descrito pelos leitores como “assustador e atmosférico” e “intrigante e repleto de suspense”.

Seja o primeiro a descobrir sobre POSSESS (ainda sem tradução para o português), o próximo livro na série Mary Hades.

[Receba as novidades por e-mail](#)



Sobre a Autora:



Sarah cresceu no meio do nada no interior de Derbyshire e, como resultado, tem uma imaginação hiperativa. Tem sido uma ávida leitora pela maior parte da vida, inspirando-se nas histórias que leu quando criança e nos romances que devorou já adulta.

Sarah escreve principalmente ficção especulativa para um público Jovem Adulto e teve algumas ficções curtas publicadas no *Medulla Literary Review*, *Apex Magazine*, revista PANK e na publicação da Sociedade Britânica de Fantasia, *Dark Horizons*. Seu conto ‘Vampires Wear Chanel’ faz parte de *Fangtales*, da Wyvern Publication.

Sarah está trabalhando atualmente em uma série de fantasia Jovem Adulto. Fique de olho para mais informações!

www.sarahdaltonbooks.com

<http://www.facebook.com/sarahdaltonbooks>

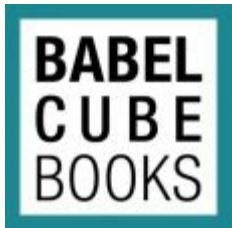
@sarahdalton

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com